



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA**

**ALINE FERREIRA CAMPOS**

**DEUS NA CADEIRA VAZIA: PSICOTERAPIA E ESPIRITUALIDADE NAS  
PERCEPÇÕES DE GESTALT-TERAPEUTAS**

**Brasília - DF  
2019**

ALINE FERREIRA CAMPOS

**DEUS NA CADEIRA VAZIA: PSICOTERAPIA E ESPIRITUALIDADE  
NAS PERCEPÇÕES DE GESTALT-TERAPEUTAS**

**Tese apresentada ao Instituto de Psicologia  
(IP) da Universidade de Brasília como um  
dos requisitos para a obtenção do título de  
Doutora em Psicologia Clínica e Cultura.**

Orientador: Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro -  
UnB

Co-orientadora: Profa. Dra. Marta Helena de  
Freitas - UCB

**Brasília - DF  
2019**

**DEUS NA CADEIRA VAZIA: PSICOTERAPIA E ESPIRITUALIDADE NAS  
PERCEPÇÕES DE GESTALT-TERAPEUTAS**

DEFESA DE TESE APROVADA PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Doutor Jorge Ponciano Ribeiro - Presidente  
Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Doutora Marta Helena de Freitas - Co-orientadora  
Universidade Católica de Brasília - UCB

---

Prof. Doutor Maurício da Silva Neubern - Membro Interno  
Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Doutora Larissa Polejack Brambatti - Membro Interno  
Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Doutora Nicole Bacelar Zaneti - Membro Externo  
Instituto de Ensino Superior de Goiás - IESGO

---

Profa. Doutor. Áurea Sousa Oliveira - Membro Suplente  
Instituto Federal de Brasília - IFB

**Brasília, DF  
Agosto de 2019**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus clientes e alunos, que são a razão desses estudos.

E a minha avó, Beatriz Ferreira Santos (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos seres divinos e mestres espirituais que compartilharam seu amor e seus ensinamentos.

Agradeço a meu pai, Herval Lima Campos, *in memoriam*, e a minha mãe, Ruth Ferreira Campos, que sempre apoiaram nossos estudos. Sem vocês nada teria sido possível.

Agradeço a Juliano Tietzmann, por seu amor e sua presença.

Ao meu orientador, Jorge Ponciano Ribeiro, por sua sabedoria, profundidade e por ter sido um pioneiro nesse campo de estudo, abrindo portas para um tema tão importante da humanidade.

À minha co-orientadora, Marta Helena de Freitas, por sua dedicação, inteligência, entusiasmo e por ter compartilhado o método de Giorgi.

Aos meus cinco entrevistados, que aqui ficarão anônimos, por sua enorme contribuição, seus *insights*, suas valiosas experiências.

Aos membros da banca, Nicole Zaneti, Maurício Neubern, Larissa Polejak e Áurea Sousa.

A todos os gestaltistas brasileiros e estrangeiros, por sua contínua contribuição à construção desta abordagem. A dois grandes mestres, em especial, Fritz Perls e Claudio Naranjo.

Ao Instituto metanoia de Londres, Inglaterra, seus professores, em especial, Petruska Clarkson e Todd Butler.

Aos meus irmãos Sonia, Silvia e Eduardo, por seu suporte e por cuidarem de nossa mãe enquanto eu estive ausente. A meus sobrinhos Vitor, Karl, Luzia, Nôa, Bernardo e Vicente, por sua presença que alegra a minha vida. E também aos meus cunhados.

Ao grupo de pesquisa do Laboratório de “Religião, Saúde Mental e Cultura”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília e o grupo de estudantes da PSICC- UNB.

A todos os meus amigos e colegas, por sua amizade e compreensão. Em particular, agradeço a Helena, Cristina, Renato, Jonas, Lázaro, Sônia, Nicole, Ana Paula, Carlene, Isabella, Talita, Daniela, Ana Maria, Sandra, Simone, Paula.

A todos os professores, psicólogos e psicoterapeutas que participaram da minha formação pessoal. Em particular, agradeço a Lúcia Helena, Carol Wernik, Adriana Mariz, Rosana Takako e Ana Claudia, que estiveram presentes nesses quatro anos.

Ao grupo Estrela Guia, grande fonte de força e de pessoas maravilhosas.

Aos meus chefes, colegas e clientes do IESB e da Academia de Polícia Militar de Brasília. Aos professores, colaboradores e alunos dos Institutos de Gestalt da Bahia e de Brasília.

E a muito mais pessoas, colegas, amigos e parentes que fizeram e fazem parte desta jornada.

*Eu queria provar que os seres humanos são capazes de algo maior do que guerras, o preconceito e o ódio. Eu queria fazer a ciência considerar todos os problemas que os cientistas não conseguiram: a religião, a poesia, valores, filosofia, arte.*

Abraham Maslow

*Então ressuscitará do incêndio destruidor da incredulidade, do fogo no qual se consome toda a esperança na missão humana do Ocidente, das cinzas do enorme cansaço, o fênix de uma nova interioridade de vida e de uma nova espiritualidade, como garantia de um futuro humano grande e duradouro, pois unicamente o espírito é imortal.*

Edmund Husserl (2002)

Campos, A. F. (2019). *Deus na cadeira vazia: psicoterapia e espiritualidade nas percepções de gestalt-terapeutas*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

## **Resumo**

Este projeto partiu da pergunta sobre como a dimensão da espiritualidade está relacionada aos processos da psicoterapia, nas percepções de psicoterapeutas, e questionou como tais terapeutas lidam com temas espirituais, caso estes se apresentem na clínica. Trata-se de um tópico atual, que tem inspirado um crescente número de pesquisas desde o início do século XXI. O objetivo da pesquisa foi descrever se Gestalt-terapeutas experienciam a presença de temas da espiritualidade no processo psicoterápico de seus clientes e como lidam com ela quando emerge no seu contexto de atuação clínica. O estudo foi desenvolvido mediante realização de entrevistas semiestruturadas com cinco Gestalt-terapeutas com mais de vinte anos de experiência clínica. Os resultados foram analisados com o suporte do método qualitativo fenomenológico, possibilitando a apreensão da estrutura geral do vivido. Alguns constituintes essenciais da experiência dos participantes apreendidos foram: a presença de temas ontológico-existenciais no processo clínico como paradigmas de espiritualidade; a possibilidade de acolher temas de transcendência e de conexão com a totalidade na clínica; a dimensão espiritual da relação terapêutica; a relação entre as tarefas clássicas da psicoterapia e os temas espirituais; o processo psicoterapêutico como possibilitador de abertura e crescimento espiritual; a lida com temas de religião na clínica; o instrumental metodológico que possibilita a abertura para temas espirituais: método fenomenológico e recursos técnicos variados; a formação espiritual do terapeuta.

*Palavras-chave:* Psicoterapia, Espiritualidade, Gestalt-terapia, Religiosidade



**Abstract**

The present project addresses the question of how spirituality relates to psychotherapy processes as experienced by psychotherapists, examining how therapists deal with spiritual themes as they come up in their clinical practice. This is a relevant current topic that has inspired a growing number of studies in the XXI century. The goal of the present study was to investigate the emergence of spiritual themes in client processes and how Gestalt therapists perceive and deal with them within the clinical context. Semi-structured interviews with five Gestalt therapists with more than 20 years of experience were conducted for this research.

Results were analyzed utilizing the phenomenological-qualitative method, to facilitate access to the overall structure of the therapist experience of the theme. Essential constituents of participants' experiences included: the presence of ontological-existential themes in the clinical process; the possibility of working with themes of transcendence and relation to totality in therapy; the spiritual dimension in the therapeutic relation; the relation between the classical tasks of psychotherapy and spiritual themes; the psychoterapeutical process as a facilitator of spiritual growth; dealing with religion themes in therapy; and methods which facilitate openness to spiritual themes: phenomenological method and clinical experiments.

*Keywords:* Psychotherapy, Spirituality, Gestalt-therapy, Religiousness

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	<b>Concepção de psicoterapia .....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 2</b>	<b>Concepção de espiritualidade .....</b>	<b>59</b>
<b>Figura 3</b>	<b>Relação entre psicoterapia e espiritualidade com subtemas .....</b>	<b>71</b>
<b>Figura 4</b>	<b>Como a espiritualidade aparece na clínica .....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 5</b>	<b>A relação entre psicoterapia e espiritualidade .....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 6</b>	<b>Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade .....</b>	<b>91</b>
<b>Figura 7</b>	<b>Desenvolvimento de uma relação dialógica .....</b>	<b>92</b>
<b>Figura 8</b>	<b>Reorganização existencial / ontológica .....</b>	<b>98</b>
<b>Figura 9</b>	<b>Integração da dimensão espiritual com a psíquica .....</b>	<b>105</b>
<b>Figura 10</b>	<b>Utilização do método fenomenológico .....</b>	<b>112</b>
<b>Figura 11</b>	<b>Trabalho em uma perspectiva transcendente e multidimensional .....</b>	<b>118</b>
<b>Figura 12</b>	<b>Integração entre religião, religiosidade e espiritualidade .....</b>	<b>123</b>
<b>Figura 13</b>	<b>Uso de recursos técnicos .....</b>	<b>129</b>
<b>Figura 14</b>	<b>A espiritualidade do terapeuta .....</b>	<b>136</b>
<b>Figura 15</b>	<b>Como o psicoterapeuta se prepara .....</b>	<b>138</b>
<b>Figura 16</b>	<b>Estrutura geral do vivido .....</b>	<b>147</b>
<b>Figura 17</b>	<b>Constituintes essenciais das experiências dos participantes .....</b>	<b>148</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1: Dados demográficos dos participantes .....</b>	<b>47</b>
---	-----------

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Perguntas norteadoras .....</b>	<b>14</b>
<b>Justificativa .....</b>	<b>15</b>
<b>Objetivos .....</b>	<b>18</b>
<b>Organização em capítulos .....</b>	<b>19</b>
<b>1. Revisão de literatura .....</b>	<b>20</b>
<b>1.1. Definição de espiritualidade .....</b>	<b>20</b>
<b>1.2. Definição de Psicoterapia .....</b>	<b>22</b>
<b>1.3. Estudos filosóficos sobre Espiritualidade .....</b>	<b>24</b>
<b>1.4. A Psicologia e a Espiritualidade .....</b>	<b>30</b>
<b>1.5. A contribuição da Gestalt-terapia .....</b>	<b>35</b>
<b>2. Metodologia .....</b>	<b>39</b>
<b>2.1 Participantes .....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 Procedimentos para geração de dados .....</b>	<b>40</b>
<b>2.3 Análise de dados .....</b>	<b>42</b>
<b>2.4 Considerações éticas, riscos e benefícios .....</b>	<b>45</b>
<b>3. Resultados .....</b>	<b>47</b>
<b>3.1 Tema eixo 1: Concepção de Psicoterapia .....</b>	<b>48</b>
<b>3.2 Tema eixo 2: Concepção de Espiritualidade .....</b>	<b>58</b>
<b>3.3 Tema eixo 3: Relação entre Psicoterapia e Espiritualidade .....</b>	<b>71</b>
<b>3.3.1 Subtema eixo 3.1: Como a espiritualidade aparece na clínica .....</b>	<b>72</b>

3.3.2 Subtema eixo 3.2: Percepção da Relação entre Psicoterapia e Espiritualidade .....	83
3.3.3 Subtema eixo 3.3: Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica .....	90
3.4 Tema eixo 4: Como o psicoterapeuta se prepara .....	137
3.5 Estrutura geral do vivido e constituintes essenciais das experiências .....	146
4. Discussão .....	149
Considerações finais .....	182
Referências .....	188
Apêndice A. Roteiro, com temas eixos e possíveis questões disparadoras, para entrevistas semiestruturadas com Gestalt-terapeutas .....	199
Apêndice B. Modelo de TCLE .....	201

## **Deus na cadeira vazia: psicoterapia e espiritualidade nas percepções de Gestalt-terapeutas**

Muitos afirmam a importância da dimensão espiritual em suas vidas e de como se apoiam na mesma em momentos de dificuldade. No Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo, mais de 90% das pessoas se dizem espirituais ou religiosas (WIN / Gallup International, 2015; IBGE, 2010; Moreira-Almeida, Pinsky, Zaleski & Laranjeira, 2010). Esse aspecto do viver humano também se apresenta na psicoterapia, em forma de temas discutidos por clientes (Hoffman & Wallace, 2011; Hook, Worthington Jr., & Davis, 2012; Post & Wade, 2009), ou nas relações e processos da própria clínica, o que inclui recursos técnicos adotados por psicoterapeutas (Campos & Ribeiro, 2017).

Pesquisas indicam que cerca de 70% de clientes querem falar sobre suas vivências espirituais e religiosas em psicoterapia, demonstrando a importância de psicoterapeutas desenvolverem competências nesta área (Hoffman & Wallace, 2011; Hook et al., 2012; Post & Wade, 2009). Considerando-se essa realidade, a Associação Psiquiátrica Americana (American Psychiatric Association, APA, 2006) coloca a espiritualidade e a religiosidade como assuntos importantes discutidos por clientes em terapia, recomendando alguns procedimentos para a abordagem desses temas, como, por exemplo, obter treinamento em intervenções apropriadas, atualizar-se a respeito de questões éticas e avaliar o histórico de envolvimento do cliente com religião e espiritualidade. A Associação Americana de Psicólogos (American Psychological Association, 2016) também indicou estar interessada nesses assuntos quando criou a Divisão 36, intitulada “Psicologia da Religião e da Espiritualidade”, que busca promover a pesquisa e a prática clínica para compreender o sentido desses temas na vida das pessoas e no campo da psicologia.

Entretanto, apesar desse registro da importância da espiritualidade na vida das pessoas (Hook et al., 2012; Peres, Simão & Nasello, 2007) e sua prevalência na clínica, ainda se faz necessário compreender, de uma forma sistemática, como ela se relaciona aos processos da psicoterapia e como contribui para a saúde (Vandenberghe, Costa Prado & De Camargo, 2012). Consonante com o reconhecimento desta demanda, observa-se um número crescente de publicações sobre o assunto no Brasil e no mundo, além de um desenvolvimento de métodos e instrumentos de pesquisa que facilitam o estudo do tema (Rigo & Marques, 2016).

### **Perguntas norteadoras**

Esta pesquisa se iniciou com uma observação por parte da autora de que, em sua prática clínica, clientes traziam questões relacionadas à espiritualidade. Ao mesmo tempo, percebia que o tema não se mostrava presente consistentemente em discussões teóricas e em formações de psicoterapeutas.

A partir destas experiências e constatação, foram desenvolvidas algumas perguntas norteadoras para o estudo: a dimensão da espiritualidade faz-se presente nos processos da psicoterapia, na experiência de Gestalt-terapeutas? Se sim, como isso se dá? Como tais terapeutas acolhem e lidam com questões da espiritualidade, caso estas sejam trazidas por seus clientes? Eles/as consideram que essa dimensão está relacionada à saúde da pessoa? Este trabalho, portanto, parte do questionamento sobre como psicoterapeutas avaliam a relação entre a espiritualidade e a prática clínica.

## **Justificativa**

Desde os primórdios da humanidade, a dimensão espiritual tem sido de grande relevância para o ser humano e, em muitas culturas, manifesta-se através de expressões pessoais e grupais, religiosas e em questionamentos filosóficos (Pinto, 2009). Holanda (2004) salienta que a espiritualidade como fenômeno humano tem sido um campo fértil de estudos, pesquisada por filósofos e pensadores das mais diversas áreas e momentos históricos.

O tema da religião e da religiosidade foi discutido por pioneiros da psicologia, como William James e Wilhelm Wundt (este tratou do tema de forma crítica), tendo, porém, sido progressivamente reduzido do campo de estudos com o crescente privilégio de pesquisas experimentais com foco no comportamento observável e na não aceitação do transcendente como objeto de pesquisa (Aletti, 2012). Esse interesse por temas religiosos, entretanto, nunca foi totalmente excluído (Fülöp-Miller, 1995) e voltou a tomar fôlego no início do século XXI (Peres et al., 2007), quando a sociedade e a psicologia redescobriram seu interesse pelos mesmos e novas metodologias permitiram seu estudo.

Assim, a espiritualidade como uma dimensão do humano está sendo cada vez mais acolhida e valorizada no campo da psicologia e nos processos da psicoterapia. Um estudo nos Estados Unidos (Miovicet al., 2006) indicou que os principais domínios discutidos por clientes na clínica incluem trabalho, família, amigos, sexualidade e temas de espiritualidade e religião. O estudo ainda sugeriu que terapeutas estão abertos a esses temas. Em uma pesquisa recente no Brasil, desenvolvida com trinta psicólogos clínicos, constatou-se que, segundo estes, clientes costumam trazer temas de espiritualidade e religiosidade para a terapia (Camilo & Rodrigues, 2015).



Pesquisas também indicam que a espiritualidade pode ser um fator de promoção de saúde quando integrada como instrumento na metodologia terapêutica. Segundo Barnett (2016) e Post e Wade (2009), para os clientes que se sentem confortáveis em falar de espiritualidade ou que estão buscando este componente em terapia, as intervenções espirituais e religiosas podem ser muito produtivas para resolver situações clínicas. Segundo Bonelli e Koenig (2013), a espiritualidade pode ser um fator da saúde não só quando levada para discussões na clínica, mas também quando faz parte dos processos de vida das pessoas.

Apesar desse crescente número de estudos sobre o tema, o mesmo ainda provoca resistências (Pinto, 2009) e se encontra ausente no ensino e no treinamento de psicoterapeutas. Hycner (1993) pontuou que o homem moderno tem buscado ser visto como um ser racional e, como consequência, há uma repressão da base espiritual da nossa existência, o que tem limitado o estudo e ensino do tópico.

Na pesquisa de Henning-Geronaso e Moré (2015), alguns entrevistados expressaram que o aprendizado sobre religião e espiritualidade na formação de psicólogos é escasso ou impreciso. Só algumas disciplinas contemplam esse conteúdo, e o fazem de forma superficial. Alguns participantes ainda pontuaram que não tiveram nenhum contato com o tema em toda sua formação, enquanto muitos aprenderam a associar a religião e espiritualidade a patologias, o que tem limitado o estudo do tópico.

A pesquisa de Piasson (2017) voltada para análise dos currículos de psicologia oferecidos por universidades brasileiras indicou que apenas 20% das instituições analisadas incluem disciplinas que abordam o tema do senso religioso. Nos cursos de psicologia, essas disciplinas tendem a ser ofertadas em caráter optativo; elas são denominadas como “Psicologia da Religião” e focam no conceito de experiência religiosa. Essa difusa presença de estudos

sobre espiritualidade e religiosidade na formação de psicólogos indica uma necessidade de novas pesquisas e mudança com relação ao assunto.

Torna-se importante, portanto, que psicólogos busquem treinamento, educação e supervisão nesta área de suas práticas profissionais (Hook et al., 2012), inclusive porque sua competência para lidar com a espiritualidade de seus clientes é também um fator de ética (Brown et al., 2013). O terapeuta precisa conhecer as práticas espirituais e religiosas de seus clientes, desenvolver sensibilidade a estas questões, respeitar as diferenças e saber responder a essas demandas com recursos adequados, nunca fazendo uso de improvisação (Barnett, 2016).

Psicoterapeutas não treinados podem prejudicar seus clientes quando não reconhecem a validade de suas vivências espirituais, assim como quando tentam impor seus valores seculares aos mesmos. O terapeuta que não acolhe a subjetividade de seus clientes e impõe sentidos teóricos a seus mundos interiores promove um entrave à psicoterapia (Neubern, 2013).

Diante dessas questões, consideramos que a espiritualidade tem se feito presente na prática clínica, mas que a formação de psicoterapeutas ainda não comporta uma preparação adequada para que lidem com o tema. Psicoterapeutas precisam estar abertos às necessidades de seus clientes e preparados para responderem às mesmas nos âmbitos teórico e prático. Apesar do recente crescimento no número de estudos sobre espiritualidade e psicoterapia, ainda constatamos uma necessidade de desenvolver mais trabalhos sobre o tema, especialmente no Brasil (Panzini, Rocha, Bandeira & Fleck, 2007; Peres et al., 2007).

Este trabalho buscou contribuir para a compreensão do tema da espiritualidade na clínica psicoterápica, com ênfase na Gestalt-terapia. Trata-se de um tema atual, estudado por

um número cada vez maior de acadêmicos e que, por sua importância existencial e clínica, demanda pesquisas mais consistentes.

É importante fazer algumas considerações sobre a escolha da Gestalt-terapia como marco teórico da pesquisa, uma vez que os participantes, mesmo sendo convidados a falar espontaneamente de suas vivências, podem sofrer influências específicas de sua teoria de base. Trata-se de uma abordagem fenomenológico-existencial, que contempla os aspectos ontológicos do ser humano (Perls, Hefferline & Goodman, 1992) e, segundo a qual, a saúde faz parte de um todo integrado, cujas partes são corpo, mente, dimensão social e espiritual (Ribeiro, 2009). Sendo assim, estimou-se que psicoterapeutas da abordagem gestáltica poderiam trazer perspectivas relevantes ao refletir sobre suas experiências envolvendo o tema da espiritualidade na clínica e contribuir para uma maior compreensão dele.

É importante também incluir a justificativa pessoal da autora para a escolha de tal tema de pesquisa. A espiritualidade sempre foi um fator primordial em minha vida pessoal, um elemento importante para a minha saúde e funcionamento no mundo. Observei também a relevância da espiritualidade para clientes e pessoas em geral. Busquei, portanto, compreender o tema em uma perspectiva de estudo rigoroso e contribuir para o conhecimento sobre o tema.

## **Objetivos**

### **Objetivo Geral.**

A pesquisa aqui descrita teve como objetivo geral identificar e descrever se e como psicoterapeutas da abordagem da Gestalt-Terapia experienciam a presença de temas da espiritualidade no processo psicoterápico de seus clientes, como a percebem e a vivenciam e como lidam com ela quando emerge no seu contexto de atuação clínica.

**Objetivos específicos.**

Como objetivos específicos, pretendeu-se:

- Identificar como tais psicoterapeutas definem psicoterapia e espiritualidade.
- Investigar se e como percebem relações entre psicoterapia e espiritualidade no contexto da prática clínica e como a descrevem.
- Compreender como lidam com a dimensão espiritual de seus pacientes no contexto clínico, caso ela apareça durante a psicoterapia.

**Organização dos capítulos**

Este trabalho foi organizado em quatro capítulos:

1. Revisão da literatura relacionada aos temas da espiritualidade e da psicoterapia.
2. Metodologia utilizada na pesquisa.
3. Resultados da análise das percepções e vivências dos participantes.
4. Discussão dos resultados e pontes com a literatura, ressaltando as conexões e os paradoxos entre os temas.

## 1 Revisão da literatura

### 1.1 Definição de espiritualidade

Um estudo como este requer uma definição do conceito de espiritualidade em psicologia, assim como dos termos religiosidade e religião, que são temas relacionados, e cuja conceituação tem sido uma tarefa árdua e sem resultar ainda em um consenso entre os seus estudiosos (Aletti, 2012). Alguns autores, como Pinto (2009, p. 71), diferenciam os conceitos de espiritualidade e religiosidade, definindo o primeiro como “possibilidade da hierarquização dos valores, nas decisões, na reflexão profunda sobre a existência e, fundamentalmente, na possibilidade ... até na necessidade – que tem o ser humano de tecer um sentido para a sua vida”. O mesmo autor refere-se à religiosidade como uma relação com o transcendente, ou a experiência pessoal e única da religião. Para este autor, portanto, a espiritualidade e a religiosidade se encontram quando o ser humano busca o sentido último da existência.

Freitas e Vilela (2017, p. 97) descrevem a diferença entre os conceitos de espiritualidade, religiosidade e religião, apontando a espiritualidade como uma demanda de sentido, a religião como um sistema de resposta, e a religiosidade como um “modo de elaboração subjetiva e intersubjetiva na busca de respostas para as demandas de sentido, ancorando-se em crenças religiosas (em Deus, Sagrado ou Transcendente)”. Outros estudos diferenciam os temas espiritualidade e religiosidade do conceito de religião, que focaliza crenças, práticas e rituais que auxiliam o contato do indivíduo com o sagrado e o transcendente (Panzini, Rocha, Bandeira & Fleck, 2007). O Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP, 2016) desenvolveu uma cartilha com recomendações para atuação profissional com questões de religiosidade e espiritualidade, definindo religião como uma

instituição social composta por um sistema de crenças e práticas reunidas que sustentam uma suposta relação com uma dimensão transcendental; religiosidade como o modo pessoal de lidar com ou vivenciar um sistema de crenças e práticas religiosas, que podem estar ou não ligadas a uma instituição; e espiritualidade como busca de sentido para a vida, que pode ou não estar ligada a uma crença religiosa (CRP-SP, 2016).

Aletti (2012) questiona a polarização dos conceitos de espiritualidade e religião, indicando que esta tem se manifestado em algumas culturas, especialmente as anglófonas, mas que não resolve as interseções entre os temas. Há definições de religião que se aproximam do conceito de religiosidade, quando focam na “experiência religiosa” e não em formas externas de prática. Jung (1978, p. 9), por exemplo, define religião como “uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de numinoso”. Para ele, religião não se vincula a um credo religioso, mas a uma experiência do fenômeno religioso. As religiões são “formas codificadas das experiências religiosas originárias” (Jung, 1978, p. 10), o que não significa que se tratam de formas petrificadas; podem representar experiências genuínas e vivas.

Alguns estudos definem espiritualidade como a inclinação humana a buscar sentido para a vida e também a busca de conexão com algo maior que si mesmo, sagrado e transcendente, o que pode ou não incluir uma participação religiosa formal (Pargament, Desai, & McConnell, 2006; Ribeiro, 2009). Mano e Costa (2017, p. 54) definiram a espiritualidade do ser humano como "a busca por algo que o transcenda, por algo que seja maior do que ele mesmo, explicando dessa maneira a si mesmo, suas angústias, temores e questionamentos existenciais, como, por exemplo, o significado da existência". Esta forma de definir espiritualidade inclui aspectos do que tem sido descrito como religiosidade, aproximando os

dois conceitos. Esta proximidade se confirma na literatura, onde se encontram trabalhos que falam de espiritualidade e religiosidade de maneira indiferenciada (Aletti, 2012; Campos & Ribeiro, 2017).

Encontram-se na literatura também estudos da psicologia da religião que focam no funcionamento da psique diante da religião nas atitudes da pessoa religiosa, na dimensão intrapsíquica ou interpessoal – relacionada a indivíduos e grupos (Aletti, 2012). Ou seja, esta disciplina orienta-se pela vivência subjetiva da religião e pelas características psicológicas comuns às experiências religiosas.

Dentro das muitas discussões e possibilidades de delimitação do termo espiritualidade, este trabalho partiu da descrição desse conceito como busca de sentido para a vida e também como conexão com o sagrado e o transcendente, aspectos que já foram incluídos por alguns autores na definição de religiosidade. A partir daí, investigou de forma aberta e sem *apriorismos* as concepções dos próprios participantes durante as entrevistas, visando uma melhor compreensão do tema da espiritualidade em sua relação com a psicoterapia.

## **1.2 Definição de Psicoterapia**

Outro ponto importante para este trabalho é a definição de psicoterapia, especialmente para a Gestalt-terapia, abordagem em que se fundamenta esta pesquisa. Segundo Perls (1977, p. 65), “a psicoterapia é um processo de não permitir que (essas) forças externas se intrometam dentro da pele e perturbem a autorregulação do organismo”. E “o objetivo da psicoterapia é tornar presentes os conflitos não percebidos (*unaware conflicts*) e, eliminar os conflitos falsos” (Perls, 1977, p. 66). O tratamento possibilita à pessoa atingir um grau de

integração que facilite seu desenvolvimento; assim, o organismo sadio se reorganiza com todas as suas potencialidades para a gratificação das necessidades primordiais. O método consiste em ressensibilizar a percepção figura-fundo, mobilizar as potencialidades da personalidade e desenvolver a espontaneidade.

Segundo Houston (2003), a psicoterapia tem a tarefa de restaurar o bem-estar e promover dignidade e valor à pessoa que sofre. Ela busca trazer de volta a fluidez da vida da pessoa. Para Cardella (2017), a psicoterapia é um espaço de escuta e abertura que permite ao cliente viver seu sofrimento, tomar posse do mesmo e transformá-lo em *passagem* e em posição de responsabilidade pela própria existência. O adoecimento pode ser transformado em uma possibilidade de ampliação da consciência, podendo promover uma visita do Sagrado. Segundo a autora, a cura em Gestalt-terapia está ligada à relação, à restauração do diálogo, que promove o resgate da condição humana de movimento, transformação, fluir na vida. Essa busca de sentido, permitida na psicoterapia com o suporte do encontro terapêutico, pode levar à transcendência do sofrimento.

Um fundamento da psicoterapia na abordagem gestáltica é o encontro. O psicoterapeuta busca criar uma relação de diálogo e mutualidade com seu cliente, que começa desde os primeiros encontros de avaliação (Houston, 2003). O cliente descreve suas dificuldades e o terapeuta lidera, segue e comenta, possibilitando a criação de um processo diagnóstico participativo, no qual são identificados os principais bloqueios ao crescimento. O contato, principal instrumento de cura e mudança, vai se desenvolvendo a partir daí. O diálogo é importante no reconhecimento pelo psicoterapeuta do mundo subjetivo de seu cliente e de suas experiências.



A psicoterapia na abordagem da Gestalt-terapia é uma abordagem experiencial, que enfatiza o contato com a experiência viva do cliente, focando não só nos aspectos cognitivos, mas também corporais, relacionais, comportamentais, reflexivos. A terapia tem uma tarefa hermenêutica, promovendo a compreensão dos significados que os pacientes atribuem para suas vivências, sem a imposição de significados externos, para acessar o impacto dos mesmos em como a pessoa vive sua vida (Crocker & Philipson, 2005).

A psicoterapia é um processo que facilita a resolução de problemas práticos, questões ônticas, pode também permitir a lida com questões existenciais, ontológicas. Segundo Rehfeld (2009, p. 29), o que diferencia uma abordagem fenomenológico-existencial como a Gestalt-terapia é o compromisso com uma concepção ontológica: “Uma compreensão plena deve ser sempre ôntico-ontológica. Leituras ônticas, sempre fazemos a granel; ontológicas, nem sempre, pois requerem uma abertura muito maior”. A clínica nessa perspectiva torna-se uma possibilidade de encontro, de abertura, de questionamento e crescimento existencial. Trata-se de um meio para promover a saúde, a autorregulação, o atendimento de necessidades e restauração da fluidez da vida. Facilita a autorresponsabilidade, o restabelecimento da espontaneidade, a busca de sentido para a vida, a ampliação da consciência, podendo ainda possibilitar a visita do Sagrado.

### **1.3 Estudos filosóficos sobre a espiritualidade**

No campo da filosofia voltada ao estudo da experiência espiritual e religiosa, sobressaem-se os trabalhos de filósofos cristãos, como Tereza D'Ávila e Santo Agostinho (Fülöp-Miller, 1995), que deram testemunho de suas experiências místicas. Temas apreciados

por eles foram a vivência do ilimitado, o êxtase religioso, a experiência mística e a relação do ser humano com Deus.

A filosofia da era pré-racionalista reconhecia os limites da experiência perceptiva e investigava fenômenos além da esfera do racional. Entretanto, com o advento do racionalismo no século XVIII e do positivismo no século seguinte, iniciou-se uma limitação ao estudo das experiências místicas: “todos os fenômenos supra-sensíveis, que não estivessem de acordo com esta concepção mecanicista de um mundo de matéria, eram rejeitados” (Füllöp-Miller, 1995, p. x).

Esse domínio da razão foi posteriormente se diluindo com a influência de pensadores, filósofos e escritores que retomaram estudos sobre os fenômenos espirituais e religiosos, destacando-se entre eles William James, que aceitou os dados da experiência religiosa como válidos e sustentou o direito do ser humano de crer (Füllöp-Miller, 1995). Alguns filósofos dessa era pós-racionalista, como Martin Buber (1974), Gerardus Van der Leeuw (1933/2009), Rudolf Otto (2007) e Edith Stein (2019), dedicaram-se ao estudo da experiência religiosa e mística.

### **1.3.1 A fenomenologia e a experiência do sagrado e do ilimitado.**

Alguns estudiosos aplicaram o método fenomenológico, inspirado nas concepções husserlianas, para compreender a experiência subjetiva do sagrado, do ilimitado e do transcendente. Para a fenomenologia, a consciência é sempre de alguma coisa, e o objeto visado é sempre para-um-sujeito. De acordo com Ziles (2002, p. 36):

Se a consciência é intencionalidade, só pode ser analisada em termos de sentido. E aqui sentido é, em primeiro lugar, os sentidos; depois direção; enfim, significação. A consciência não é coisa, mas é aquilo que dá sentido às coisas. O sentido não se constata à maneira de uma coisa, mas se interpreta.

Ales Bello (2006) descreve que os seres humanos, embora limitados, têm voltado a consciência para alguns fenômenos sem limites, como a experiência de Deus, o que os permite a apreensão do divino e do sagrado. A autora relata essa experiência de acordo com parâmetros da fenomenologia: se a consciência é sempre de alguma coisa e se volta às “coisas mesmas”, quando uma pessoa vivencia o sagrado e o transcendente, está em conexão com algo que existe – caso contrário não poderia tê-lo pensado.

Segundo Ales Bello (2016), se uma experiência é apreciada como ilimitada é porque ela está aí e pode ser concebida além da fronteira. Desse modo, a fenomenóloga afirma que para se apreender o ilimitado, as correntes de consciência devem levar ao absoluto que está fora, transcendente, mas que também está dentro, no conhecimento de sua transcendência.

De acordo com Martins e Bicudo (1989, p. 10), a intenção da fenomenologia é “abordar o fenômeno diretamente, interrogando-o, tentando descrevê-lo, captar sua essência”. Assim se dá com o fenômeno da espiritualidade: pode-se penetrar no âmago e captar a essência das vivências do ilimitado, do divino e do sagrado. As formas de estudo da espiritualidade são tentativas de aproximação do fenômeno; importantes, embora limitadas, e que permitem uma visada de consciência para o ilimitado na subjetividade humana.

### **1.3.2 A experiência mística e religiosa.**

O método fenomenológico também foi usado para investigar a experiência mística e do sagrado, não só de indivíduos, mas de grupos. Ales Bello (2000) descreve os trabalhos de Edith Stein, que analisou os testemunhos dos grandes místicos da ordem Carmelita:

... E. Stein, que, partindo da linguagem poética e alusiva usada pelos místicos, sabe remontar à experiência que está no fundo da alma. Sabemos que a descrição das experiências vivenciais caracteriza a investigação fenomenológica. Pois bem, às vivências próprias da experiência mística é dirigida a atenção da fenomenóloga (Stein), que capta a peculiaridade das mesmas através de uma sutil distinção entre aquelas vivências que constituem o momento intelectual, a esfera das tomadas de posição voluntárias, e também a dimensão afetiva (p. 240).

A investigação fenomenológica permitiu à pesquisadora uma entrada na experiência dos místicos mediante o estudo de seus testemunhos, para acessar a interioridade e também interpretá-la, no sentido de “‘seguir’, ou ‘acompanhar’ as experiências do mundo interior sem sobrepor qualquer espécie de intelectualismo” (p. 241). Tratou-se de uma séria investigação que buscou captar o significado autêntico de experiências subjetivas. Esse estudo permitiu uma compreensão do que é a experiência mística vivida por pessoas santas, superando o preconceito de que a experiência do místico seria apenas uma experiência interior, uma ilusão, e não uma vivência de algo que é apreendido por transcendência.

Santa Tereza D'Ávila (2010), por exemplo, produziu obras nas quais descreveu métodos de oração e silêncio e também os estados de êxtase alcançados em experiências

místicas. Ela narrou a experiência de fundir-se com o todo, sentir-se face a face com o Divino, ter um encontro impactante com um ser sagrado do mundo invisível (Neubern, 2013).

Ales Bello (1998) menciona que Husserl, em suas investigações para esclarecer problemas de evidência, possibilitou a inclusão da experiência religiosa. Ele fez referências explícitas à dimensão religiosa em sua conexão com a filosofia, afirmando sua importância, e indicou um “caminho fenomenológico rumo à dimensão religiosa examinada na sua vertente subjetiva”: o ser humano religioso (Bello, 1998, p. 107). Discutiu tópicos como a imanência de Deus na consciência do ser humano e o amor verdadeiro como uma postura ética.

O pensador Gerardus Van der Leeuw (1933/2009) examinou as religiões históricas para acessar a essência da experiência religiosa, utilizando o método fenomenológico. Ele se voltou para as características essenciais das várias religiões para compreender como a religião se organiza em relação aos aspectos vividos. Para o autor, o ser humano pode chegar a um ponto em que se sente sem forças, procurando nas religiões potência, superação, salvação e a experiência do sagrado. A busca da religião sugere que o ser humano não se limita a aceitar o que é dado, mas busca elevar sua vida e alcançar um sentido mais profundo. Rudolf Otto (2007) também ofereceu um modelo de análise fenomenológica da experiência religiosa. O autor descreveu a vivência do sagrado e a vivência do numinoso como possibilidades humanas essenciais e que também se manifestam dentro das religiões.

O elemento comum às religiões seria a busca humana de salvar-se, redimir-se, ter uma potência que não depende de si, mas do Outro. Quando o ser religioso identifica a potência, surge um sentido que vem com a experiência do sagrado (Ales Bello, 2004). A fenomenologia da religião possibilita a leitura dos fenômenos religiosos, pois penetra a subjetividade para compreendê-los, encontrando aí a dimensão espiritual.

### **1.3.3 A filosofia do diálogo.**

O filósofo Martin Buber (1974) desenvolveu a abordagem dialógica, que enfatiza a importância do encontro e descreve uma ontologia da relação. Para o autor, o encontro pode acontecer entre os próprios seres humanos, mas também com seres da natureza e com o Tu Eterno, Deus. O interesse do filósofo era compreender a relação entre ser humano e Deus, entre o Eu que se volta ao Tu Eterno, suporte da relação pura absoluta, e não o Eu que se aniquila no encontro com o Divino.

Para Buber (1974), o ser humano tem a responsabilidade de realizar o divino no mundo, alcançando uma religiosidade concreta, que vai além da objetivação promovida pelas religiões. O filósofo buscou recuperar a relação entre ser humano e Deus, no diálogo possível com o Tu Eterno e na realização do divino na existência mundana. Promoveu a esperança no poder da relação, na força do diálogo que faria do homem uma pessoa livre e responsável diante de seu destino. A abordagem buberiana muito influenciou a psicologia existencial-humanista, com seu foco no encontro terapêutico, na relação que se estabelece entre cliente e terapeuta, fundamentada no diálogo e na possível realização do Eu-Tu, que é a atitude essencial e ontológica da relação. Segundo a visão buberiana, cada encontro humano na qualidade do Eu-Tu evoca a relação com o Tu Eterno, ou seja, a relação de diálogo entre pessoa e pessoa tem uma qualidade de Sagrado.

### **1.4 A psicologia e a espiritualidade**

Desde o surgimento da psicologia como escola de pensamento e como ciência, importantes autores têm demonstrado interesse em compreender o fenômeno da espiritualidade e da religiosidade. Como lembra Freitas (2004), grande número de estudos sobre a experiência religiosa foi desenvolvido entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX. Dentre esses pioneiros, destaca-se William James (1902), que examinou as experiências religiosas sob os aspectos da patologia e da saúde, descrevendo e procurando compreender as diversas maneiras pelas quais se manifesta o anseio humano por experiências profundas e a busca de uma consciência transcendente.

A partir da segunda década do século XX, o número de estudos sobre espiritualidade dentro do campo da psicologia diminuiu (Neubern, 2013), por influência da psicologia de base iluminista e positivista. Aqui destacou-se a influência da psicanálise de Sigmund Freud, que discorreu apaixonadamente sobre a relação entre religião e psicopatologia, e descreveu a experiência religiosa como ilusória. Os behavioristas também focaram no comportamento observável, retirando o foco de experiências internas, como a religiosa (Freitas, 2004).

Porém, mesmo com as limitações descritas acima, estudos sobre o tema continuaram a proliferar. Seguidores da psicanálise como Adler, Jung e Fromm investigaram os temas religiosos e espirituais (Freitas, 2004). O fenômeno religioso teve parte central nos estudos de Jung (1978), especialmente nos últimos anos. Este autor demonstrou compreensão dos temas espirituais ao desenvolver o conceito de arquétipo e ao estudar os símbolos místicos.

Autores humanistas também se destacaram na atenção aos fenômenos espirituais e religiosos, dentre eles Viktor Frankl e Abraham Maslow. A abordagem da Gestalt-terapia trouxe sua contribuição, desde seu fundador, Fritz Perls, até autores contemporâneos. E, por

fim, houve o desenvolvimento da abordagem transpessoal, que continuou esses estudos iniciados por James e desenvolvidos por Maslow.

A partir do início do século XXI, ocorreu um aumento do número de pesquisas sobre a relação entre a espiritualidade e a psicoterapia, especialmente na literatura internacional (Barnett, 2016; Bonelli & Koenig, 2013). Em geral, esses estudos têm discorrido sobre assuntos como o surgimento de temas de espiritualidade na clínica, os recursos espirituais utilizados por psicoterapeutas, o impacto da espiritualidade do psicoterapeuta, a relação entre saúde e espiritualidade, questões éticas e de formação de psicoterapeutas (Campos & Ribeiro, 2017).

A seguir serão apresentadas as contribuições de dois autores de abordagens existenciais e humanistas que se destacaram, desde meados do Séc. XX, no estudo do tema, Viktor Frankl e Abraham Maslow, e também será citada a psicologia transpessoal. A colaboração da Gestalt-terapia será destacada em uma seção separada, devido à sua relevância na especificidade deste projeto.

#### **1.4.1 Viktor Frankl e a Logoterapia.**

A Logoterapia foi desenvolvida pelo psiquiatra vienense Viktor Frankl (1995), que promoveu a compreensão do papel da espiritualidade na clínica. Para essa abordagem, a busca por sentido é a força primária que move o ser humano, representando uma dimensão espiritual da vida: a palavra *logos*, em grego, significa “sentido” e também “espírito” (Frankl, 1991). Ser humano significa ser consciente e ser responsável na busca por respostas. O sentido da vida não é inventado, mas detectado e decifrado pelo ser que busca, podendo ser encontrado sob



quaisquer condições, mesmo as mais difíceis. Não pode ser receitado pelo terapeuta e é diferente para pessoas e circunstâncias diversas. Além de buscar sentido para as várias etapas da sua vida, o ser humano também lida com o sentido último, o suprasentido, que é o valor de toda uma existência, e que depende da realização de cada sentido particular e só se configura no momento da morte.

Para Frankl (2016), o ser humano é um ser biopsicoespiritual. O cliente em terapia não apresenta apenas sintomas neuróticos, mas questionamentos existenciais. A logoterapia acrescentou o espiritual ao psicológico, buscando assistir o paciente para que encontre sentido em sua vida. A atuação na dimensão espiritual, que é diferente da religiosa, não é um substituto, mas um complemento à terapia tradicional. Portanto, em psicoterapia, o terapeuta trabalha as questões psicogênicas, porém, para trabalhar a totalidade do ser humano, ele precisa acessar o espiritual, as questões existenciais:

Efetivamente, na psicoterapia, trata-se de mobilizar, a todo momento, a existência espiritual no sentido de uma responsabilidade livre, contrapondo-a aos condicionamentos da facticidade psicofísica, que o paciente tende a aceitar como seu destino. E precisamente frente a essa facticidade deve ser despertada a consciência de liberdade, aquela liberdade e responsabilidade que constituem o ser humano propriamente dito (Frankl, 2016, p. 22).

A logoterapia concebe que o ser humano tem uma espiritualidade inconsciente, uma profundidade de onde são tomadas decisões existencialmente autênticas. Dentro dessa

espiritualidade inconsciente, há um relacionamento com o transcendente, imanente ao ser humano, que muitas vezes permanece latente (Frankl, 2016).

Segundo Frankl (2016, p. 68), embora a dimensão espiritual seja importante, não deve ser induzida pelo terapeuta: “somente a manifestação espontânea da religiosidade inconsciente poderá ter efeito curativo”. O terapeuta não deve impor sua visão espiritual ao paciente que não demonstra uma religiosidade. Esta dimensão pode surgir por decisão do cliente, como resultado de suas investigações ou como efeito do tratamento. E quando as questões espirituais do cliente vêm à tona, o terapeuta deve mostrar uma “tolerância incondicional” (Frankl, 2016, p. 68), não fazendo julgamentos ou reducionismos quanto ao conteúdo apresentado.

Além disso, para Frankl (2016, p. 71), embora a espiritualidade tenha um efeito sobre a saúde do paciente, não deve ser promovida pelo terapeuta como um instrumento, uma técnica a ser aplicada por ser eficaz: “Um médico irreligioso não tem o direito de usar a religião como meio útil, entre tantos outros, para fim terapêutico”. E a terapia deve se manter como uma ciência autônoma, irreligiosa, não podendo se tornar serva da teologia ou um meio para levar o paciente a se tornar espiritual.

#### **1.4.2 Abraham Maslow**

Maslow (1976) estudou o ser humano e suas necessidades, que inclui as mais básicas, como as fisiológicas e as de segurança, e também as sociais, de estima e autorrealização. Ele afirma que, em praticamente todo ser humano, desde um bebê recém-nascido, existe um direcionamento ativo para o crescimento, para a atualização plena de suas potencialidades

(necessidade de autorrealização). Para o autor, poucas pessoas alcançam esse desenvolvimento pleno, sendo que a maioria vive em busca das necessidades básicas, sociais e de estima, conformando-se com sua "normalidade".

A dimensão da autorrealização ou autoatualização seria então uma possibilidade de humanidade plena, disponível para todos, mas que só alguns indivíduos extraordinários e psicologicamente saudáveis manifestam. Maslow (1976) definiu tais pessoas como criativas, fortes, sábias ou santas. Elas tendem a buscar a transcendência do self e a desenvolver valores últimos como a compaixão, a verdade, a justiça, a beleza e a compreensão, dedicando suas vidas e seu trabalho a causas que amam e que lhes dão sentido.

Maslow (1976) também descreveu a experiência religiosa, que é diferente de hábitos e dogmas: para ele, a vivência mística e a iluminação espiritual são possibilidades humanas. Teve como inspiração as escolas filosóficas do zen budismo e do taoísmo, que promovem uma visão holística e não-dualista do ser humano. Segundo ele “o homem tem uma natureza superior e transcendente, e isso é parte de sua essência, ou seja, sua natureza biológica como membro de uma espécie que evoluiu”<sup>1</sup> (Maslow, 1976, p. 337).

A proposta de Maslow (1976) é a de que o ser humano busca algo maior, transcendente, o que não está em contradição com viver plenamente no mundo. Suas ideias formaram a base do movimento humanista na psicologia, que vê o ser humano como dotado da necessidade de autorrealização, que seria uma dimensão do ser. Maslow buscou compreender problemas psicológicos não abordados por outras teorias e foi precursor do

---

<sup>1</sup>No original: “Man has a higher and transcendent nature, and this is part of his essence, i.e., his biological nature as a member of a species which has evolved”. Tradução da autora.

movimento da transcendência, que mais tarde deu origem à psicologia transpessoal, desenvolvida por Stanislav Grof.

### **1.4.3 A psicologia transpessoal.**

Para as psicologias transpessoais, a espiritualidade é um eixo central para compreensão do fenômeno humano (Ferreira & da Silva, 2016). Este movimento da psicologia desenvolveu-se nos anos 1960, sugerindo que o termo transpessoal refere-se ao que é designado como espiritualidade – não como sinônimo de religioso, mas como uma relação com o numinoso e a busca de sentido na vida.

Segundo Ferreira e Silva (2016), a subjetividade humana é mais ampla do que o "eu" individual, criado por identificações sociais, mas conecta-se a uma dimensão maior, espiritual. A perspectiva da natureza humana não é pessoal, é transpessoal, ultrapassando os limites do "eu" e caracterizando o si mesmo do humano como "um território aberto, vazio e potente de criatividade" (Ferreira & Silva, 2016, p. 82). A realização espiritual significa ultrapassar a lógica do ego e da personalidade para abrir uma conexão com um espaço de mistério e possibilidades.

## **1.5 A contribuição da Gestalt-terapia**

Desde a sua fundação como abordagem psicológica, a Gestalt-terapia tem integrado temas da espiritualidade. Williams (2006) retratou que pessoas que recebem treinamento e tratamento nesta abordagem frequentemente consideram essas experiências como profundas e

espirituais. Segundo a autora, elas tendem a nomear a Gestalt como parte de suas práticas espirituais, como um "jeito de ser" que contribui para seu crescimento espiritual.

Seguindo nessa linha, conhecidos autores da abordagem gestáltica têm reconhecido o aspecto espiritual do ser humano. Hycner (1995) apontou que a existência humana é permeada e enraizada pelo espiritual, afirmando que não somos seres isolados, mas parte de uma existência maior e interconectados uns aos outros. Ginger e Ginger (1995, p. 115) consideram a espiritualidade como uma das cinco dimensões humanas, definindo-a como o “lugar e sentido do homem no meio cósmico e no ecossistema global”. Alguns autores descreveram da relação entre Gestalt e espiritualidade como transpessoal (Naranjo, 1990; Williams, 2006), mística (Ingersoll, 2005) e até teística (Brownell, 2012), enquanto outros não enfatizaram essa relação (Feder, 2001).

Naranjo (1990) afirmou que há uma relevância espiritual na psicoterapia, e que a espiritualidade é terapêutica. Ingersoll (2005) descreveu temas que são compartilhados pela espiritualidade e pela psicoterapia gestáltica: confiança na natureza, ênfase na *awareness*, orientação para o aqui-agora, direcionamento e transcendência de polaridades. Segundo Juliano (1999), a psicoterapia integra diferentes etapas, que culminam com a inclusão de temas que vão além da história pessoal do cliente e que tocam no território do sagrado.

A Gestalt-terapia, por se tratar de uma abordagem humanista-existencial, considera não só os aspectos biopsicossociais da pessoa, mas também sua totalidade ontológica, ou seja, contempla seus questionamentos existenciais e busca de sentido, que compõem a dimensão espiritual (Cardella, 2017). Hycner (1993) afirmou que a busca de autoconhecimento através da psicoterapia abre as portas para que questões últimas e de sentido da vida sejam integradas.

Além disso, a Gestalt-terapia foi fundada calcando-se em princípios de tradições espirituais orientais, como o zen budismo, o tantrismo e o taoísmo (Ribeiro, 1985; Schoen, 1994). Fritz Perls considerava-se um zen judeu, pois integrou na Gestalt-terapia os princípios do zen budismo, como a *awareness*, a totalidade, o trabalho com o aqui e agora, o acolhimento do vazio, a integração dos opostos, o modo da *práxis* clínica (Clarkson & Mackewn, 1993; Naranjo, 1990; Perls, 1979), a busca da equanimidade (indiferença criativa), e a presença dos satoris ou pequenas iluminações (Joyce & Sills, 2014).

A Gestalt-terapia também integra temas de transcendência. Cardella (2017, p. 114) afirmou que, para a Gestalt-terapia, o homem é concebido como possuidor de uma dimensão transcendente, o que nos permite “contemplar a espiritualidade, a vivência do sagrado, da religiosidade e da religião como fenômenos humanos”. Segundo a autora, o ser humano está aberto para a busca de sentido da vida e para o mistério, o que se torna fundamental para a compreensão do Sagrado na clínica. Hycner (1993) sugeriu ser possível ampliar o processo psicoterapêutico para se reconhecer o sagrado na vida, promovendo uma integração pessoa-mundo como forma do existir.

Segundo Cardella (2017), a transcendência é abertura para dentro, para fora e para além de si mesmo. É busca de resposta para o sofrimento, para a impermanência e para a falta de sentido. A clínica é o lugar onde o cliente é acolhido e lida com sua singularidade e com o mistério, o que exige do psicoterapeuta uma renúncia a concepções que aprisionam sua singularidade. Cardella (2017) sugeriu que a clínica precisa considerar a dimensão transcendente, pois sem esta o ser humano é roubado de um fundamento que o constitui, que é a espiritualidade. As pessoas precisam de espaço na psicoterapia para expressar suas questões

existenciais, e para transformar seu sofrimento em passagem e busca de sentido, seja este encontrado na relação com um ser divino ou mesmo na espiritualidade sem Deus.

Segundo Ribeiro (2009), muitos dos problemas humanos (materiais ou não) passam pelo seu desconhecimento de pertencer a um todo maior. Esta separatividade experimentada em relação ao mundo é promotora do sofrimento psíquico, uma vez que deixa a pessoa com um vazio de sentido e uma sensação de isolamento e desamparo (Hycner, 1993). Ribeiro (2009, p. 16) também afirmou que muitos dos problemas presentes nos consultórios indicam “uma procura velada pelo espiritual”, e que cabe ao terapeuta perceber esta necessidade oculta nas queixas e sintomas do cliente. O terapeuta não precisa ser religioso, mas estar presente para perceber quando a queixa do cliente representa uma possível e até provável busca do sagrado.

Williams (2006) pontuou que Gestalt-terapeutas que trabalham dentro da abordagem do diálogo abraçam uma visão transpessoal, porque trabalham no campo que se forma entre terapeuta e cliente e incorporam o "entre", a partir de princípios e técnicas do encontro, como descreve Buber (1974). Para este autor, o contato e o diálogo entre pessoa e pessoa facilitam o desenvolvimento superior e a transcendência.

Ribeiro (2009) também descreveu os instrumentos ou métodos que o terapeuta pode usar com seus clientes para facilitar a experiência da espiritualidade, como oração, meditação, silêncio, contato com a natureza, entre outros. Segundo o autor, quando usados cuidadosa e amorosamente, esses recursos podem promover um alto nível de interiorização. Hycner (1995) também relatou que o psicoterapeuta pode ensinar recursos meditativos a seus clientes, promovendo a aceitação e o desapego. Este autor ainda apontou a importância da capacidade de exercer presença e de desenvolver compaixão por parte do terapeuta.

## 2 Metodologia

Este trabalho constituiu-se em uma pesquisa de campo com psicoterapeutas da abordagem da Gestalt-terapia acerca de suas experiências com a espiritualidade no atendimento psicoterápico. O modelo para coleta e análise de dados foi o da pesquisa qualitativa fenomenológica, de acordo com Giorgi (1985, 2009, 2010). O método consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes, para que descrevessem suas experiências com o tema, buscando-se encontrar o significado central dessas vivências (Creswell, 2010; Holanda, 2006), sua estrutura essencial (Giorgi, 1985; 2009; 2010), ou a estrutura geral do vivido (Amatuzzi, 2001). A proposta de Giorgi foi desenvolvida a partir de uma adaptação do método fenomenológico de Husserl, para ajustá-lo ao contexto específico da pesquisa da experiência humana em psicologia (Giorgi, 1985; 2010; Giorgi & Giorgi, 2003).

Este trabalho voltou-se para as vivências dos participantes, sem atribuição prévia de categorias lógicas. Apesar do viés da Gestalt-terapia, que caracteriza a formação desta autora, buscou-se evitar contaminações dadas pelas teorias psicológicas ou por tradições religiosas específicas. Desse modo, as entrevistas foram conduzidas com um foco em apreender a verdadeira experiência dos psicoterapeutas, e não em suas elaborações teóricas, para assim desenvolver compreensão de como eles lidam com a espiritualidade de seus clientes, ao invés de discorrer sobre os conceitos que abraçam.

Esta pesquisa iniciou-se com uma entrevista-piloto, que visava testar a qualidade das questões disparadoras, e progrediu com a realização de mais quatro entrevistas. Após a análise individual de cada entrevista, foi feita uma síntese do conjunto dos depoimentos, buscando-se



invariantes e variantes dentre os mesmos, e uma compreensão geral do fenômeno investigado (Amatuzzi, 2001).

## **2.1 Participantes**

As entrevistas foram feitas com cinco psicoterapeutas que trabalham com a abordagem da Gestalt-terapia há mais de vinte anos, todos eles registrados nos CRPs de sua região. Os terapeutas foram encontrados em registros de institutos de Gestalt-terapia de três regiões brasileiras, incluindo profissionais que trabalham em quatro cidades do país, que não estão designadas aqui para preservar a confidencialidade. Foi atribuída uma distribuição de três homens e duas mulheres.

## **2.2 Procedimentos para Geração de Dados**

O trabalho de campo constituiu em entrevistas semiestruturadas presenciais, conduzidas pela própria pesquisadora (devidamente treinada na metodologia fenomenológica), nos locais de trabalho dos entrevistados. As mesmas foram gravadas mediante consentimento dos entrevistados, conforme consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e seu conteúdo transcrito literalmente e rigorosamente para análise. As entrevistas duraram entre 50 e 120 minutos.

Ao longo das entrevistas, foram coletados dados objetivos e subjetivos, partindo de um roteiro pré-elaborado de temas a serem investigados. As descrições procuraram ser o mais próximo possível da vivência dos sujeitos, em sua linguagem pessoal. A pesquisadora, em

uma interação dialógica com os participantes, lançou suas perguntas disparadoras e buscou um aprofundamento nas respostas. Convidou cada participante a descrever espontaneamente suas experiências clínicas envolvendo o tema da espiritualidade vivida ou demonstrada por seus pacientes. Mediante as respostas dos entrevistados, a entrevistadora pediu esclarecimentos ou um maior aprofundamento em cada assunto (Giorgi & Giorgi, 2003).

O esforço da entrevistadora, em cada encontro com os entrevistados, foi de promover entrevistas mobilizadoras, encorajando os mesmos a partirem de seus modos habituais de pensar, das suas concepções teóricas, para buscar uma conexão fluida com suas experiências. A entrevistadora buscou praticar a redução fenomenológica de seus próprios *aprioris*, para se surpreender com o fenômeno revelado em cada entrevista, sabendo de antemão que não seria possível uma redução absoluta (Amatuzzi, 2001).

### **2.2.1 Instrumento (roteiro de entrevista).**

As entrevistas investigaram os seguintes temas eixos:

1. Dados demográficos: nome, gênero, idade. Tempo de graduação em psicologia e formação em Gestalt-terapia. Se a formação contemplou o tema da espiritualidade.
2. Concepção de psicoterapia.
3. Concepção de espiritualidade.
4. Vivência e concepção das relações entre espiritualidade e psicoterapia.
  - 4.1 Descrição de como o tema aparece na clínica.
  - 4.2 Estabelecimento (ou não) de uma relação entre a espiritualidade e a saúde mental.
  - 4.3 Estabelecimento (ou não) uma relação entre a psicoterapia e a espiritualidade.

- 4.4 Descrição de casos clínicos que evocaram o tema da espiritualidade, como trabalhou com o cliente e com quais instrumentos.
- 4.5 Descrição de vivências do que considera como boas e más práticas no modo de lidar com a espiritualidade do cliente.
5. Descrição de como foi preparado para lidar com este tema durante sua vida pessoal e formação profissional.

### **2.3 Análise de Dados**

Das cinco entrevistas efetivadas, uma foi usada apenas para testar o instrumento. A análise de dados foi feita a partir das descrições das experiências dos outros quatro entrevistados, dois homens e duas mulheres, para se alcançar o sentido dado às suas vivências. Os significados, revelados pelas falas dos quatro participantes, resultaram do diálogo intersubjetivo entre entrevistadora e cada entrevistado. Seguindo a análise das quatro entrevistas, fez-se um exame conjunto das mesmas, buscando-se assim o sentido geral da experiência.

Os dados das entrevistas foram analisados em consonância com a metodologia fenomenológica de Giorgi (1985, 2009, 2010), a qual, apesar de apresentar variações, incluiu os seguintes passos principais:

1. *Sentido de Totalidade.*

A pesquisadora leu as descrições transcritas das entrevistas por inteiro, várias vezes, para obter um sentido geral sobre o tema. Colocou-se em uma atitude fenomenológica: não

focou em partes específicas, não fez hipóteses interpretativas, apenas buscou uma compreensão geral das descrições, ou seja, o sentido do todo.

### *2. Discriminação das partes em unidades de significado.*

A pesquisadora voltou à leitura do texto quantas vezes foram necessárias, com o objetivo de organizá-lo em partes, ou unidades de significado, dentro de uma perspectiva psicológica e com foco no fenômeno pesquisado. Ativou muitos atos de consciência, para designar o todo em partes, de acordo com o critério da mudança de sentido. Aqui também a pesquisadora precisou praticar a *epoché*: não se ateve a suas ideias *a priori* sobre o fenômeno estudado, mas manteve-se aberta para o que se apresentou à sua consciência a partir das expressões dos entrevistados. Aqui a pesquisadora não se posicionou acerca da veracidade das descrições dos entrevistados, apenas as apresentou.

As unidades de significado foram desenvolvidas espontaneamente e descritas com utilização da linguagem do entrevistado. Essas não são unívocas nem arbitrárias, mas constitutivas, relativas à perspectiva do pesquisador e ao contexto do estudo (Giorgi, 1985). Como afirmou Giorgi (2010, p. 42): "As unidades não 'existem' nas descrições em si mesmas, estão correlacionadas com as opções do investigador, que segue a perspectiva de sua disciplina de estudo".

### *3. Transformação das expressões cotidianas das unidades de significado em linguagem psicológica, com ênfase no fenômeno investigado.*

A pesquisadora analisou as unidades de significado identificadas e expressou o *insight* psicológico contido nas mesmas, explicitando o que estava implícito. Mediante a reflexão e a variação imaginativa, buscou realizar a tradução psicológica do que fora expresso. Partindo

das expressões concretas utilizadas pelos entrevistados, apreendeu unidades temáticas mais gerais, transformando a linguagem cotidiana em seu sentido psicológico.

Essa etapa é considerada o cerne do trabalho (Giorgi, 2010), pois é aqui que a investigadora descreve as intenções psicológicas contidas nas descrições naturais dos sujeitos. Aqui a pesquisadora intuiu e descreveu essencialmente esses significados psicológicos, mantendo uma linguagem descritiva e evitando jargão de alguma abordagem específica.

As expressões de caráter psicológico foram então transformadas em títulos que as representassem, ou unidades de sentido. Esta é uma subparte da terceira etapa, que permite uma análise mais profunda do todo e produz expressões diretas e psicologicamente sensíveis da experiência, o que permitiu a integração dos dados dos vários participantes (Zaneti, 2017).

#### *4.Determinação da estrutura geral dos significados psicológicos.*

A pesquisadora, mediante uso da variação livre imaginativa, transformou as unidades de sentido em uma estrutura descritiva geral, buscando estabelecer quais foram os sentidos conectados mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, assim como a relação entre eles (Amatuzzi, 2001; Giorgi, 2010). Procurou também integrar os *insights* contidos nas unidades de significado transformadas em uma descrição consistente da estrutura psicológica do tema investigado. Nesta síntese, a pesquisadora buscou considerar todas as unidades de significado transformadas.

Nesta etapa do processo, a pesquisadora incluiu as análises resultantes das entrevistas com os diferentes sujeitos, buscando a essência da experiência investigada. Assim, identificou os aspectos vivenciais e cognitivos variantes e invariantes das falas dos profissionais entrevistados (Amatuzzi, 2001). Por fim, do conjunto dos dados da pesquisa, apreendeu uma

visão de totalidade, que buscou apresentar de maneira sistemática e ao mesmo tempo orgânica.

#### *5. Discussão e comunicação dos resultados.*

Nesta última etapa, a pesquisadora aprofundou a análise dos resultados, buscando evidenciar os diferentes constituintes do estudo e a relação entre eles. Colocou essa análise de resultados em diálogo com a literatura clássica e contemporânea sobre espiritualidade e Gestalt-terapia. Aqui a pesquisadora teve liberdade para elaborar os resultados da investigação, fazer reflexões acerca dos dados e estabelecer conexões e paradoxos. E, por fim, preparou o estudo para diálogo com outros pesquisadores, mediante apresentação do mesmo à comunidade científica.

### **2.4 Considerações Éticas, Riscos e Benefícios**

Em consideração e respeito à dignidade da pessoa humana, os participantes desta pesquisa foram convidados a participar de entrevistas semiestruturadas por livre e espontânea vontade, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE garantiu aos participantes conhecimento explícito sobre a finalidade da pesquisa, sobre os objetivos e os procedimentos empregados na coleta de dados ou quaisquer outros itens para os quais demandassem esclarecimento. Os participantes tiveram direito à autonomia, podendo desistir de participar do projeto a qualquer momento que desejassem. A identidade dos entrevistados foi mantida em confidencialidade e sigilo, e aos mesmos foi garantido o acesso aos resultados da pesquisa.

A pesquisa não ofereceu nenhum risco à integridade física ou moral dos participantes, e a pesquisadora disponibilizou suporte aos participantes, caso sentissem algum desconforto decorrente das entrevistas. Os encontros aconteceram no consultório particular de cada entrevistado, para garantir seu conforto e segurança, em data e horário de sua conveniência, e a pesquisadora teve o cuidado de não causar danos aos locais de pesquisa.

Aos participantes foram esclarecidos os benefícios da pesquisa, como a possibilidade de refletirem sobre o tema da espiritualidade em suas práticas clínicas, em diálogo com a pesquisadora, e também contribuir para o conhecimento científico acerca do tema “Espiritualidade e Psicoterapia” na formação de novos terapeutas, no aperfeiçoamento de terapeutas experientes e no desenvolvimento da Gestalt-terapia.

A pesquisa não buscou a comprovação de nenhum viés *apriori*. As entrevistas tiveram como objetivo permitir aos participantes a descrição de suas experiências e opiniões, sem que as mesmas fossem editadas pela pesquisadora para se enquadrarem em qualquer ideologia. Os resultados da pesquisa de campo foram analisados e serão publicados com estrita fidelidade ao que foi descrito pelos participantes. O método fenomenológico de análise qualitativa de dados foi utilizado na pesquisa com rigor para garantir um relato preciso das informações e ao mesmo tempo uma fluidez na apresentação do fenômeno estudado como um todo. Os pesquisados terão acesso aos resultados do estudo via publicações e leitura da tese.

### 3 Resultados

Os resultados da análise das quatro entrevistas serão apresentados a seguir, em sua relação com cada um dos temas eixos da pesquisa: Concepção de psicoterapia; Concepção de espiritualidade; Relação entre psicoterapia e espiritualidade; Como o psicoterapeuta se prepara para lidar com a espiritualidade de seu cliente. O tema-eixo "Relação entre psicoterapia e espiritualidade" se desdobrou em três subtemas: Como a espiritualidade aparece na clínica; Relação entre psicoterapia e espiritualidade; Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica.

A tabela abaixo representa os dados demográficos dos participantes das quatro entrevistas analisadas. Inclui nome fictício, sexo, idade, vertente religiosa, tempo que atua como psicoterapeuta e formação profissional. Os participantes da pesquisa desenvolvem suas atividades em quatro cidades brasileiras, cujos nomes foram omitidos para evitar possíveis reconhecimentos por parte de terceiros.

**Tabela 1**

*Dados Demográficos dos Entrevistados*

Nome (fictício)	Sexo	Idade	Tempo que atua como psicoterapeuta	Religião	Formação profissional
Bella	F	55	33 anos	Cristã ortodoxa	Psicóloga, Gestalt- terapeuta, Especialista.
Érico	M	58	39 anos	Católica	Psicólogo, Gestalt- terapeuta, Pós-Doutor.
Laura	F	67	45 anos	Africana	Psicóloga, Gestalt- terapeuta, Mestra.
Mauro	M	57	31 anos	Budista	Psicólogo, Gestalt- terapeuta, Doutor.

Fonte: elaborada pela autora com base em pesquisa de campo (2019).



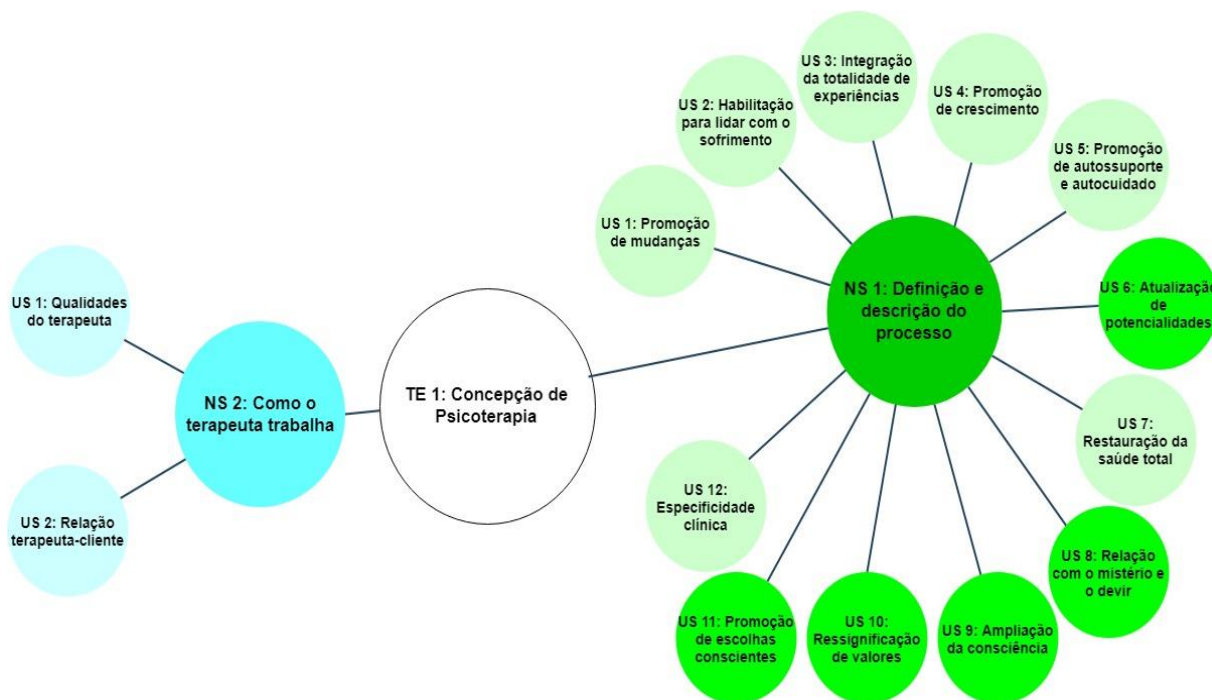
Os núcleos de sentido apreendidos para cada tema eixo nas entrevistas serão apresentados abaixo, em formato textual, com suas respectivas unidades de sentido, aspectos (quando houver), e as correspondentes falas dos participantes. Esses resultados representam a estrutura essencial da experiência de acordo com o método proposto por Giorgi (1985)

Os temas eixos, seus subtemas (quando houver) e seus respectivos núcleos e unidades de sentido também serão apresentados em formato de diagrama. Um diagrama geral incluindo todos os temas eixos e núcleos de sentido apreendidos no estudo está exposto no final deste capítulo. Os temas ou constituintes da experiência apreendidos na pesquisa estão distribuídos por cores, demonstrando a presença de elementos variantes e invariantes (Amatuzzi, 2001) nos diversos temas eixos. Os constituintes da experiência e a legenda das cores também está descrita no final deste capítulo.

### **3.1 Tema eixo 1: Concepção de Psicoterapia**

Este primeiro tema eixo surgiu da pergunta disparadora aos entrevistados acerca do que, para eles, em suas experiências e concepções, é psicoterapia. Suas respostas já descreveram a psicoterapia como um processo que acessa dimensões espirituais da existência, conforme será ilustrado abaixo.

Esta temática, como descrita pelos participantes, desdobrou-se em dois núcleos de sentido (NS): (1) as definições de psicoterapia dadas pelos participantes, mediante uma descrição de seus processos; (2) como o terapeuta trabalha com seu cliente, o que inclui o tema da relação terapêutica. Cada núcleo congrega diversas unidades de sentido, como indicado no diagrama abaixo (Figura 1).



*Figura 1.* Concepção de Psicoterapia: núcleos e unidades de sentido.  
Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

### 3.1.1 Núcleo de Sentido 1: Definição e descrição do processo terapêutico.

Os entrevistados definiram e descreveram os processos da psicoterapia, que se desdobraram em 12 unidades de sentido: terapia como promotora de mudanças psíquicas (US1); habilitação para a lida com o sofrimento (US2); promoção de integração de experiências psíquicas, incluindo as não desejáveis (US3); promoção de crescimento e amadurecimento (US4); promoção de autossuporte e autocuidado (US5); atualização de potencialidades (US6); restauração da saúde em sua totalidade (US7); relação com o mistério e o devir (US8); ampliação da consciência (US9); ressignificação de valores (US10); promoção de escolhas conscientes (US11); especificidade clínica (US12).

***US 1: Promoção de mudanças.***

Três participantes descreveram a psicoterapia como um processo que possibilita mudanças na vida de seus clientes. Em um primeiro aspecto, duas entrevistadas retrataram a mudança em psicoterapia como um processo de transformação profunda do si mesmo, uma abrangente reorganização no psiquismo:

Bella: [...] eu vejo a psicoterapia como uma prática do si mesmo, né? Como uma prática de transformação do si mesmo...

Laura: [...] Então, *ambas* (a psicoterapia e a ação terapêutica) tão voltadas a uma promoção de mudança. Só que a psicoterapia é absolutamente voltada para uma mudança, para uma reorganização, no nível *do* psiquismo, né? Então trabalha em níveis mais profundos, né, acessando toda a gama da psicodinâmica do cliente. E mesmo quando você trabalha com a psicoterapia breve, que eu também trabalho, além da clássica, você tem que acessar toda a psicodinâmica do cliente, mapear tudo que acontece, né, pra daí você trabalhar com o *psiquismo* do cliente na sua totalidade [...]

Já Érico destacou a psicoterapia como um elemento catalisador ou facilitador de mudanças que já estariam ocorrendo para a pessoa:

[...] Por isso que eu gosto da ideia da Barry Stevens da terapia como um elemento catalisador, que apressa mudanças que ocorreriam... a gente não provoca mudança, não faz mudança, a gente apressa mudanças que estão ali, brotando... a gente ajuda a sair numa forma menos dolorida...

***US 2: Habilitação para lidar com o sofrimento.***

Todos os quatro participantes descreveram o papel da psicoterapia em possibilitar a lida com sofrimento (feridas, problemas e obstáculos). Dois participantes pontuaram que a psicoterapia é uma das formas que o ser humano encontra para lidar com o sofrimento, dentre outras:

Bella: [...] o paciente consegue ir constituindo o que não foi constituído, atravessando obstáculos e impedimentos no seu processo de crescimento pessoal [...] Reconhecendo aquilo que ficou alienado por desencontros, por encontros não acontecidos ou por encontros que o feriram.

Érico: [...] a psicoterapia é uma das formas que as pessoas têm pra lidar com o sofrimento, não é a única forma, é uma das formas.

Laura: Então, eu fico lembrando muito que o Perls coloca, quando diz assim: os problemas são da *ordem* do humano. A questão não é que você nunca mais vai ter problema. A questão é que você aprende a lidar com eles. Não é o problema em si, é como que lida com essas questões.

Mauro: Bom, a psicoterapia é o principal caminho na nossa cultura ocidental pra... posso tá sendo um pouco pretensioso dizendo isso, mas parece que é o principal caminho pra lidar de um jeito eficiente com os nossos sofrimentos, né [...]

### ***US3: Integração da totalidade de experiências.***

Os participantes fizeram referência ao papel da psicoterapia em integrar diversas experiências psíquicas do cliente, incluindo aqueles conteúdos mais difíceis, com os quais as pessoas buscam evitar o contato. Duas pessoas destacaram que a psicoterapia promove um mergulho na experiência total da pessoa:

Laura: [...] Então (a psicoterapia) trabalha em níveis mais profundos, né, acessando toda a gama da psicodinâmica do cliente. E, mesmo quando você trabalha com a psicoterapia breve, que eu também trabalho, além da clássica, você tem que acessar toda a psicodinâmica do cliente, mapear tudo que acontece, né, pra daí você trabalhar com o *psiquismo* do cliente na sua totalidade, [...]

Mauro: Mas se os caminhos religiosos lidavam com o sofrimento humano pela via da moral, da ética e da devoção e da adesão a um credo, a psicoterapia, pelo menos como a gente faz em Gestalt, ela busca lidar com o sofrimento humano por meio da fenomenologia da experiência, pra poder ter um contato mais desobstruído com o que eu vivo, é... como eu sofro, e o que me faz sofrer, então, é... é um grande mergulho na experiência do ser que a psicoterapia faz, [...] o que faz a boa terapia acontecer é a conexão do... é a conexão da pessoa com seus conteúdos e com seus dramas pessoais e esse é o espaço, esse é o espaço, a... o... vamos dizer assim, a... o contexto terapêutico é o *espaço* pra que compareça tudo que faz parte da... da... da existência da pessoa que tá aqui procurando, né. [...]

Três entrevistados destacaram que a psicoterapia promove integração das diversas partes da personalidade, incluindo aquelas mais difíceis, que ficaram alienadas:

Bella: [...] Reconhecendo aquilo que ficou alienado por desencontros, por encontros não acontecidos ou por encontros que o feriram.

Laura: [...] Ele (o cliente) está mais inteiro, mais *integrado* consigo mesmo, fez as pazes com as diferentes *dimensões* dele mesmo, né, diferentes polaridades, como a gente fala em Gestalt-terapia, [...]

Mauro: [...] Em geral, o que surge é... são áreas mal resolvidas, áreas mal resolvidas, que... pra resolver, a gente precisa ter a coragem de fazer o contato com elas, em primeiro lugar, né, não fugir delas, aprender a não fugir delas, ou mapear como a fuga se dá e poder entrar cada vez mais fundo na experiência da pessoa, né. [...]

#### ***US4: Promoção de crescimento.***

Esta unidade de sentido, constituída a partir da fala de quatro participantes, refere-se ao papel da psicoterapia em promover o crescimento e o amadurecimento psicológico, mediante a lida com obstáculos e interrupções ao fluir deste processo:

Bella: [...] o paciente consegue ir constituindo o que não foi constituído, atravessando obstáculos e impedimentos no seu processo de crescimento pessoal [...]

Érico: A psicoterapia, é... [...] é um processo de ajuda de retomada de desenvolvimento; pra mim, a gente é obrigado a crescer, e em alguns momentos esse crescimento fica emperrado por uma serie de circunstâncias, causando sofrimento, [...]

Laura: [...] e ele não está mais se interrompendo nesse fluxo de abrir e fechar a *Gestalten*, né?

Mauro: É, e... então, é... então, se eu for tentar responder o quê que é uma psicoterapia, né, eu diria que é uma... é uma estratégia, uma estratégia de amadurecimento psicológico, uma estimulação ao amadurecimento psicológico, que [...] explora os melhores meios que as pessoas têm pra superar esses sofrimentos [...]

#### ***US5: Promoção de autossuporte e autocuidado.***

Participantes descreveram a psicoterapia como um processo que promove o autossuporte e o autocuidado do cliente. Como disse Bella: "[a psicoterapia estimula o cliente a] desenvolver autossuporte".

Laura enfatizou que o cliente tem de reconhecer quando já desenvolveu este autossuporte e se sente apto para caminhar com as próprias pernas:

Eu acho que é importante a gente ter essa clareza que, pra nós, Gestalt-terapeutas, partindo do pressuposto que o homem é um vir-a-ser, quando a gente pensa ter um sucesso, primeiro, não sou eu que determina. O cliente é que tem que ter consciência que ele já está *apto* a caminhar sozinho no mundo. E tem uma questão que eu acho que é básica, para nós Gestalt-terapeutas, que o cliente é que se dá conta disso. Mas, se o meu... se eu identifico que o cliente já pode caminhar sozinho, e se ele ainda não identificou isso, então e... ele ainda não tá pronto. Porque ele é que tem que se apropriar que ele já pode caminhar sozinho.

Érico descreveu o autossuporte em forma de autocuidado: "[...] cura tem a mesma raiz etimológica de cuidado, então cura é cuidado. A pessoa curada em psicoterapia é aquela que é capaz de cuidar de si, melhor do que cuidava antes da terapia".

#### ***US 6: Atualização de potencialidades.***

Dois participantes destacaram a psicoterapia como um processo que promove a experimentação e a realização das potencialidades da pessoa, a atualização do seu devir:

Bella: [...] atualizando potencialidades, que eu acho que a terapia é um processo também que visa a emergência da singularidade da pessoa e a realização, a atualização das potencialidades dela...

Em direção a totalidade do si mesmo que não pode ser alcançada ou aprendida... mas buscada... [...]

Restauração da capacidade criativa, recuperação do devir.

Mauro: [...] e explora os melhores meios que as pessoas têm pra superar esses sofrimentos e experimentar as suas melhores potencialidades...

***US 7: Restauração da saúde total.***

Uma participante descreve o processo da psicoterapia como restaurador da saúde em sua totalidade; para ele, embora o trabalho possa dar ênfase ao psiquismo, vai abranger todas as dimensões do humano, como corporal, relacional e social:

Laura: Então a psicoterapia é um *tratamento*. É tratamento voltado para... não só para o resgate, de uma... eu diria, de uma saúde psíquica, né, quando eu digo uma saúde psíquica, é uma saúde emocional e psíquica que, óbvio, que, dentro de uma visão nossa, que nós temos como Gestalt-terapeutas, né, que a gente trabalha com a totalidade do ser humano, então, à medida em que ele vai resgatando a sa... a sua saúde psíquica, ele também resgata sua saúde relacional, né, então en.. envolve também a sua saúde orgânica, né, porque as questões psíquicas que impactam, que unem a totalidade. Então essa totalidade, é... pode... o problema dele pode estar no âmbito psíquico, no âmbito orgânico, no âmbito social, mas a afeta como um todo. É óbvio, que um Gestalt-terapeuta, é óbvio que qualquer terapeuta, independente de abordagem, eu imagino, né, à medida em que o indivíduo vai se *restaurando* psiquicamente, a gente sabe que foi tendo sucesso no nosso tratamento. A gente vai fazer uma atuação *em cima* do psiquismo, nós, Gestalt-Terapeutas, mas olhando também a totalidade. A gente olha dimensão orgânica, a gente olha a dimensão social, né. Mas, digamos assim, o que seria *figura* pra nós, né, seria a questão psíquica. Então, a gente tá trabalhando voltando para a questão da *saúde* total do indivíduo, com ênfase na dimensão psíquica. Isso pra mim é que seria psicoterapia.

***US 8: Relação com o mistério e o devir.***

Três participantes relataram que a psicoterapia guarda em si algo de imponderável e de mistério, destacando não só a lida do cliente com seu próprio devir, como a qualidade do processo em si:

Bella: [A terapia promove]restauração da capacidade criativa, recuperação do devir.

Laura: [...] né, e [o cliente] podendo ter seus recursos para lidar com esse devir, que é da ordem do imponderável.

Érico: Então a mudança se dá por esse todo, ela [...] ela pode vir através de um movimento corporal, ela pode vir através de uma repressão de valores que muda o contato corporal, ela pode vir de uma memória que surge, e aí é o psiquismo... é... e surge... surge reveladora. Não tem uma regra e nem acredito que haja uma instância,

essa é uma questão pra mim, por exemplo, da teoria do Self em Gestalt, eu [...] eu sem... eu tenho uma tradição minha... que acho que vem aí da tradição católica da minha família, de pensar em pessoa, não em alma, corpo ou mente, na pessoa [...] porque é o todo que muda. Às vezes através da função espiritualidade, às vezes através da função psiquismo, às vezes através do próprio corpo mesmo. Acho que a gente tem que aprender a conviver com esse mistério. A mudança se dá, eu percebo. A terapia ajuda a provocar essa mudança, eu acredito, não podendo provar, né? Se você disser, se não tivesse feito terapia, mudaria tanto? Não sei. Talvez sim. [...]  
 [...] Mas eu 'num' [...] num acho que não dê pra definir, acho que é um mistério que a gente tem que conviver.

***US 9: Ampliação da consciência.***

Bella descreveu a psicoterapia como um processo que promove ampliação da consciência:" [...] [os processos da psicoterapia funcionam]ampliando as dimensões da sua consciência".

***US 10: Ressignificação de valores.***

Érico descreveu que o processo de psicoterapia promove ressignificação de valores:

Então a maioria das terapias que a gente consegue mesmo, [...] a grande mudança que as pessoas fazem é a mudança de um ou dois valores que “tão” entravando o desenvolvimento; quando conseguem liberar esses valores ou reapossar-se desses valores, aí o desenvolvimento retorna [...].

***US 11: Promoção de escolhas conscientes.***

Laura afirmou que a psicoterapia promove escolhas conscientes: "Então, eu, eu, um a... um sucesso na psicoterapia, quando meu cliente tá inteiro consigo mesmo, e ele está apto a se apropriar de si, em consciência, em consciência das suas escolhas."

***US 12: Especificidade clínica.***



Laura caracterizou a psicoterapia, diferenciando-a de outras modalidades de tratamento, como a ação terapêutica, que inclui um processo de psicoeducação:

Eu acho que são coisas muito importantes, né, porque eu acho que a gente precisa ter a clareza para ter uma diferenciação entre o que é psicoterapia e o que é ação terapêutica. [...] que é uma diferença da ação terapêutica, que é uma ação voltada pra promoção de mudança mas, não necessariamente, só voltada para o psiquismo, né, e também, é... tem uma pegada socioeducativa, que a psicoterapia não tem.

### **3.1.2 Núcleo de Sentido 2: como o terapeuta trabalha.**

O segundo núcleo de sentido que surgiu no tema-eixo "o que é psicoterapia" refere-se às descrições feitas pelos participantes sobre *como* o terapeuta trabalha. Aqui eles destacaram as qualidades do terapeuta (US1) e a importância da relação terapeuta-cliente (US2).

#### ***US1: Qualidades do terapeuta.***

Esta unidade de sentido, apreendida das falas de Mauro, descreve a psicoterapia como um processo cujo sucesso se vincula a qualidades do próprio terapeuta, como a espontaneidade, o amadurecimento profissional e a capacidade de permitir o fluir dos processos do cliente:

Então, hoje tem várias pesquisas que mostram assim, como a psicoterapia funciona, não porque é dessa ou aquela abordagem... Né, mas porque as características do terapeuta permitem que ela... que ela funcione, então... [...]

[...] Eu acho que é muito difícil alguém... é muito difícil, acontece, mas é muito raro, uma pessoa não se beneficiar de uma psicoterapia, é... quando o terapeuta consegue chegar no jeito dele de trabalhar [...]

E quando essa liberdade vem, a técnica vem fácil, tudo flui mais fácil, e aí, eu acho que a boa psicoterapia acontece [...]

Por isso que eu falo que a maturidade do terapeuta é importante, porque leva muito tempo, pro terapeuta esquecer do que ele tem que fazer e, quando ele esquece, a coisa vem, sozinha, aquilo que foi assimilado se expressa sem que o pensamento esteja

mediando a relação, um pensamento, uma intenção técnica esteja mediando a relação com a pessoa, né [...]

Eu diria que isso é uma coisa que, claramente, ela muda com o tempo. Na medida em que eu fui amadurecendo como profissional, é... e a percepção da gente da experiência do outro vai ficando mais sutil, mais delicada, e a gente vai aprendendo... a... aprendendo a ser, né, vai aprendendo a ser junto com o trabalho... é... o nível de sucesso da psicoterapia, ele cresce junto com o amadurecimento do terapeuta.[...]

[...] é como o terapeuta... o *tempo* que o terapeuta teve pra digerir a própria experiência pessoal, experiência humana e amadurecendo... na humanidade dele, e... e assim, quando essa digestão, ela... ela resulta numa maior capacidade de abertura, sinceridade, é... intuição, *feeling*, o *timing*, sabe?

[...] o quê que a pessoa precisa, qual é o tipo de intervenção necessária, como não interromper, não cortar a pessoa, não cortar o fluxo de *awareness* dela, mas ao contrário, ajudar... como a gente fala em Gestalt, né, *ajudar* a restauração, aí , aí o nível de sucesso do trabalho vai mudando muito, né, é [...]

### ***US2: Relação terapeuta-cliente.***

Esta unidade de sentido, desenvolvida por três participantes, revela a psicoterapia como um processo relacional, que acontece mediante o estabelecimento de uma relação de confiança, de um encontro genuíno entre cliente e terapeuta:

Bella: [...] essa prática de transformação do si mesmo que acontece em companhia de um outro, já que na minha abordagem tudo em nós se constitui pela presença de alguém, né, então é a partir da relação terapêutica, do possível encontro com o outro, [...] um itinerário de transformação pessoal num encontro profundo com uma pessoa. [...] Relação de confiança e discernimento.

Laura: É óbvio que eu, como psicoterapeuta, sou co-partícipe da história, né? Porque a psicoterapia acontece numa relação.

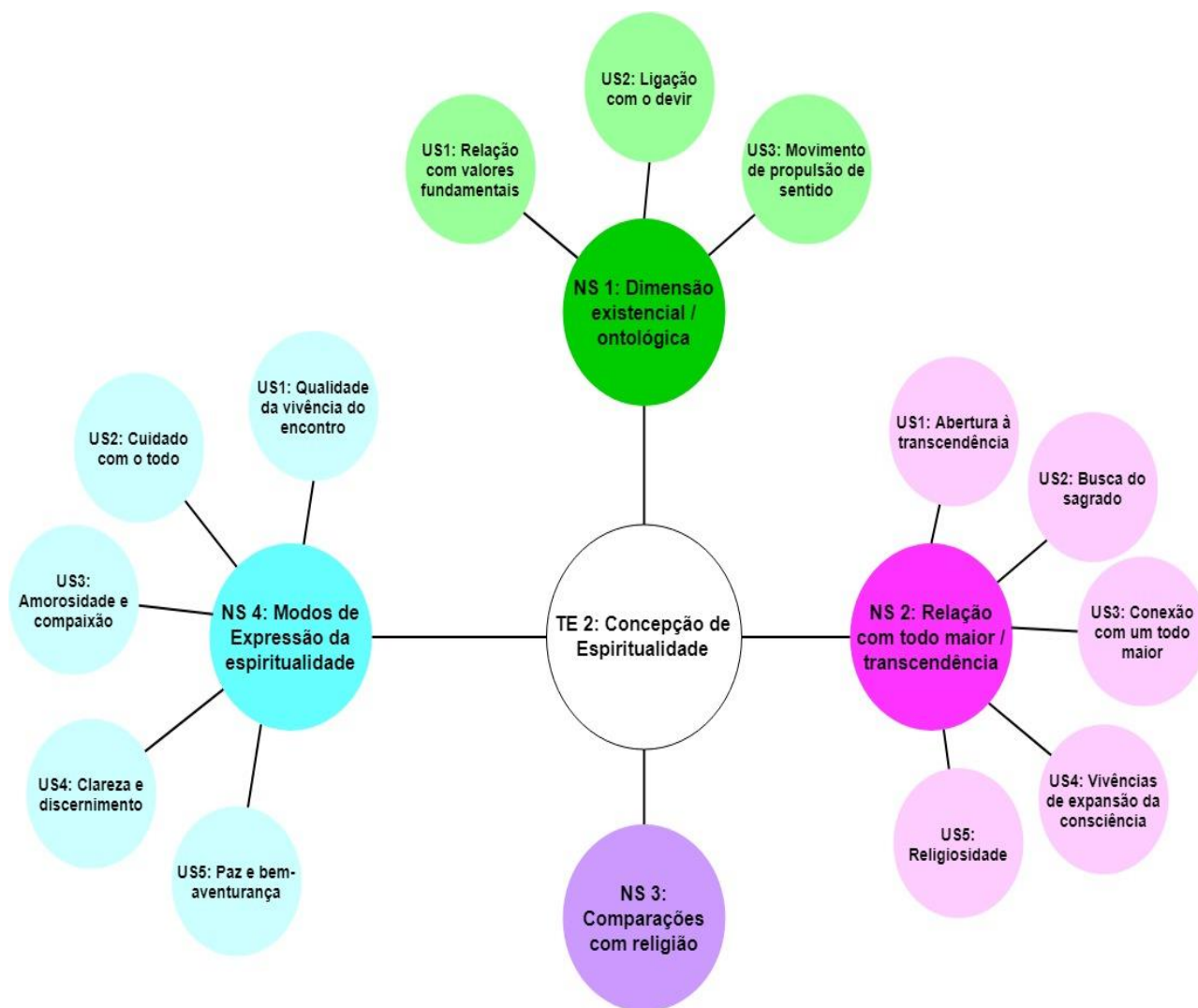
Mauro: [...] Eu concordo totalmente com quem diz que não é a técnica, não é a técnica que promove o sucesso da psicoterapia... É... é a maneira como o encontro entre o cliente e o terapeuta acontece, é a maneira como a relação se dá, é como o terapeuta...

Mauro ainda enfatiza a importância do terapeuta se despir de teorias e técnicas para estar inteiro no encontro pessoa-pessoa:

E quando eu desisti de fazer Gestalt, é... abandonei o projeto de fazer Gestalt, vamos dizer assim, eu acabei me descobrindo sem *nada* frente à pessoa... e foi nesse período que eu descobri o que era a Gestalt-terapia. Eu me *senti* um Gestalt terapeuta quando eu busquei abandonar a Gestalt, porque, é... é... talvez a coisa mais importante numa relação... a Bia Cardella fala isso muito bem... total razão... é... é quando você se despe, inclusive da sua teoria, né, e você está com a pessoa, sem nada entre você e ela.

### **3.2 Tema eixo 2: Concepção de Espiritualidade**

Da leitura fenomenológica das respostas à pergunta disparadora "O que é espiritualidade?", emergiram quatro núcleos de sentido: (1) espiritualidade como dimensão existencial / ontológica; (2) relação com todo maior / transcendência; (3) relação com religião; (4) modos de expressão da espiritualidade. Os núcleos de sentido com suas respectivas unidades de sentido estão apresentados abaixo, em formato de diagrama (Figura 2).



*Figura 1.* Concepção de Espiritualidade: núcleos e unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

### 3.2.1 Núcleo de Sentido 1: Dimensão existencial / ontológica.

Este núcleo emerge das falas dos entrevistados que expressam uma visão de espiritualidade como dimensão humana conectada à ontologia da existência. No âmbito deste núcleo, as falas se desdobram em três unidades de sentido: relação com valores fundamentais (US1); ligação com o devir (US2); movimento de busca de sentido (US3).

***US 1: Relação com valores fundamentais.***

Esta unidade de sentido descreve a relação da espiritualidade com os valores fundamentais de uma pessoa, desdobrando-se em quatro momentos: reconhecimento de valores fundamentais; colocação no horizonte de valores e projetos; viver em nome dos valores; caminhar na direção dos valores. Dois entrevistados discutiram esses temas.

**Momento 1: Reconhecimento de valores fundamentais.**

Para dois entrevistados, espiritualidade é o reconhecimento dos valores fundamentais e singulares que animam uma pessoa; é a sede dos valores.

Bella: [...] uma dimensão espiritual que abre a pessoa pra sua verticalidade, né, pros valores mais refinados, mais abstratos, mais absolutos e está intimamente relacionado com o modo singular, né, dela...

A terapia ajuda a pessoa a *reconhecer* o que a anima como valores fundamentais [...] [...] isso não é escolhido, isso é dimensão da singularidade, né, o que que é, porque que uma, pra uma pessoa o valor fundamental é a justiça, pro outro é o cuidado, pro outro é a solidariedade, né, pro outro é a sabedoria é [...]

[...] na espiritualidade *não*[está relacionada a um ser divino]; em geral é um valor absoluto ou uma dimensão do sagrado.

Érico: Então pra mim a espiritualidade é aquela instância nossa que nos possibilita ter [...] valores [...]

A espiritualidade é a sede dos valores.

**Momento 2: Colocar no horizonte valores e projetos.**

Para dois entrevistados, espiritualidade significa a pessoa colocar no horizonte valores absolutos e fundamentais, e projetos que inspiram seu percurso, derivados de sua singularidade e de suas vivências do sagrado.

Bella: [...] então eu vejo a espiritualidade como essa capacidade de colocar no horizonte, no “porvir”, um valor absoluto, ou que deriva das experiências do sagrado da pessoa, né, que tá, que tão relacionados de certa forma à axiologia da pessoa, quer dizer, o conjunto de valores fundamentais e que inspiram e orientam o percurso.

[...] a pessoa a se apropriar dos seus valores fundamentais[...] ou do valor absoluto colocado no horizonte, né, que inspira o seu percurso [...]

Érico: Então pra mim a espiritualidade é aquela instância nossa que nos possibilita ter sonhos, ter projetos [...] eee... horizontes, [...]

Momento 3: Viver em nome dos valores.

Bella dá o exemplo de Fritz Perls, criador da Gestalt-terapia, que para ela se tratava de um homem espiritualizado, uma vez que ele vivia em nome de seus valores fundamentais:

A gente vê o próprio Fritz Perls, que foi o fundador da Gestalt terapia, ele não era um homem *religioso*, mas ele era um homem espiritualizado, no sentido de que no horizonte existencial dele estavam colocados os valores fundamentais, a totalidade, a criatividade, a responsabilidade, né, a autenticidade, eram valores espirituais, eram sentido últimos, quer dizer, ele vivia em nome daqueles valores, e, ao longo da trajetória, né, ele foi se abrindo pra esses valores absolutos, né, e portanto era um homem espiritualizado.

Momento 4: Caminhar na direção dos valores.

Segundo Bella, os valores fundamentais (espirituais) de uma pessoa a inspiram no aqui e agora o como e para onde ela caminha: "Então o que tá colocado no futuro como porvir, como horizonte, está colocado no aqui agora, né, como possibilidade de caminhar...[...] da capacidade da pessoa poder caminhar na direção dos valores fundamentais que são sempre singulares..."

### ***US 2: Ligação com o devir.***

Duas entrevistadas descreveram espiritualidade como a relação da pessoa com o devir, o mistério, a criatividade, os questionamentos existenciais.

Para Bella, espiritualidade é a abertura da pessoa para recuperar seu devir, sua criatividade.

Quando não necessariamente está relacionada a uma, a um ser divino, a um ser transcendente, a gente chama de espiritualidade, que é esse movimento de... de... na verdade na psicoterapia eu vejo como uma abertura da capacidade da restauração da capacidade criativa, né? Da recuperação do “devir” que a gente chama...

Laura descreve espiritualidade como a busca de respostas para questões ontológicas, como o questionamento sobre a origem e o fim da vida, o devir, o mistério.

Eu adoto essa definição e explico a espiritualidade como a busca da... da... do responder uma questão que é ôntica (sic), né. Que ela é ontogenética, de onde eu vim, para onde eu vou, né? Porque, se você pensar todas as religiões são construídas no mundo, são formas de tentar explicar essas duas questões que são ontogenéticas: de onde vim, para onde vou, né? Que é da ordem do mistério, da ordem do devir. O devir é sempre um mistério, né?

***US3: Movimento de propulsão de sentido.***

Três entrevistados trouxeram o tema da espiritualidade como um movimento de busca e construção de sentido.

Bella: Pra mim espiritualidade é esse movimento de construção do sentido...  
[...] quer dizer, qual é o sentido que *ela* oferece àquilo que ela vivencia, [...]  
Mas concordamos que é o movimento de construção *do* sentido, né? Do para quê...

Érico: [...] (é a instância nossa que permite) especialmente, horizontes e sentido.

Mauro: E, na época da psicologia da religião, era muito claro como muitos trabalhos faziam referência ao... ao sentido de vida, né, como a religião dá sentido, [...]

Mauro ainda introduziu uma nuance diferente, quando propõe que a espiritualidade seria a camada central da psique, de onde originam a sabedoria interior e os sentidos existenciais:

E eu vou ser mais radical assim, é... uma implicação prática da espiritualidade nas nossas vidas é que... por ser uma camada, se eu estiver certo e ela for uma camada central da psique, né? É dela que vem os instintos espirituais, ou seja, os chamados existenciais, né? O chamado, ao preenchimento existencial, o maior sentido

existencial, maior coerência com... com as... essa fonte interna de sabedoria, isso tem uma origem espiritual.

### **3.2.2 Núcleo de Sentido 2: Relação com todo maior / transcendência.**

Uma segunda temática apreendida das falas dos participantes refere-se a uma visão de espiritualidade como conexão com a transcendência, com o sagrado, com um todo maior que está além da existência singular da pessoa ou de suas relações interpessoais. As falas se desdobraram em cinco unidades de sentido: abertura à transcendência, anseio pelo sagrado, conexão com um todo maior, expansão da consciência, e religiosidade.

#### ***US 1: Abertura à transcendência.***

Bella descreveu espiritualidade em sua relação com a transcendência: "(...) abertura ao mais além (...) abre a pessoa a dimensões transcendententes".

#### ***US2: Busca do sagrado.***

Bella também definiu espiritualidade como busca do sagrado:

Na espiritualidade é... valor absoluto ou *dimensão* do sagrado. [...] Então o sentido pra mim também é o que a pessoa almeja que seja o rosto da morte, então a... a espiritualidade está relacionada a esse anseio da face do divino.

#### ***US 3: Conexão com um todo maior.***



Dois entrevistados descreveram a espiritualidade como uma abertura ao mais além e às dimensões transcendentese, como uma conexão com um contexto maior, expressando diferentes aspectos.

Em uma primeira perspectiva, relataram a conectividade da pessoa com todos os elementos do universo, um pertencimento a uma dimensão maior que ultrapassa a vivência humana, que pode ou não estar ligada a um ser divino ou a uma devoção.

Laura: [...] e pra mim, espiritualidade é poder estar nessa separatividade, coligada como esse todo.

Mauro: [...] a espiritualidade é uma... eu hoje acho que a espiritualidade é uma das camadas do ser, talvez a camada do ser mais central, e... a mais central, porque, é...dentro dessa camada a gente encontra a experiência de conexão e pertencimento com algo muito maior. Independente de como a pessoa faz essa... essa experiência, *ouvir* é devocional ou pensando num Deus, ou não tendo nenhum Deus, isso não importa. Importa é que, quando a pessoa contata essa camada do ser, essa dimensão do ser, o que surge dela é uma relação com algo que a ultrapassa, que é mais que ela, e ao mesmo tempo situa a pessoa dentro de um quadro maior.

Uma segunda perspectiva emergiu da experiência pessoal de Mauro, que descreveu espiritualidade como uma conexão com todas as pessoas:

Era uma despedida, eu participei de um encontro, de um encontro de jovens, eu tinha dezessete anos na época, participei de um encontro de jovens, de uma organização chamada Sociedade Teosófica, que é de... não é uma sociedade religiosa, mas de estudos religiosos, e... e na despedida, eu me sentia tão conectado com todo mundo, que fui tomado de muita emoção na despedida, especialmente num certo momento, uma troca de olhares com uma das participantes, eu entrei nesse, nesse estado, e... e foi uma coisa tão forte, que eu adoeci depois, caí de cama vários dias, porque... meu sistema nervoso ficou mega, ultra abalado, já tava abalado por tudo o que eu tinha vivido e com aquela experiência foi... e...

Laura apontou para uma terceira perspectiva, que trata do reconhecimento de que o ser humano é um ser multidimensional conectado a um universo de infinitas possibilidades:

Para mim, espiritualidade, é eu me apropriar de mim como ser multidimensional, né? E que existe... é... e que.... eu estar alinhado com essa multidimensionalidade [...]  
 E eu ter a consciência, né, que essa existência, nessa tridimensionalidade, isso é o *ínfimo* das possibilidades, da multidimensionalidade que o ser, é muito maior do que só a minha existência como humano, nessa existência, nesse planeta Terra. E que, é muito mais do que só essa tridimensionalidade, né? É eu viver, eu... é eu ter a humildade de entender que a minha existência como L., aqui, é um átimo de segundo. É um átimo de segundo na totalidade atemporal das possibilidades, né, do multiverso. Pra mim isso que é espiritualidade. Do qual, a terceira dimensão é um pó de pulga, né? É um ínfimo, das infinitas possibilidades de existência.

Laura também descreveu a perspectiva da inteireza, que significa estar alinhada com a multidimensionalidade, percebendo que não há separatividade entre o ser e a totalidade:

[...] é eu estar absolutamente inteiro, né, como ser no mundo.  
 É a experiência da multidimensionalidade, e a experiência de eu ser *um*, quando eu digo um, é ser eu inteiro na experiência de totalidade. E não tem nada igual a isso. E não tem nada... não tem nada... porque não é *um* com o universo. Porque quando eu digo um com universo eu já estou, eu já estou criando uma separatividade, né? É ser *um*, é ser universo, né?  
 A minha (espiritualidade), por exemplo, eu estou aqui agora com você, nessa ma... junto com essa mata maravilhosa, né. Eu entro aqui, né, eu honro os guardiões da floresta, né, eu tô inteira com eles, né?  
 [...] assim, eu não sou uma pessoa que... eu paro para meditar. Eu sou uma pessoa que, antes de dormir eu me alinho com a totalidade, respiro, e eu tô o tempo inteiro... me sentindo um com a totalidade, me sentindo um com a totalidade.  
 Eu não tenho muita disciplina, né? Algum dia na minha vida, eu acho, talvez antes de morrer, eu vou ter essa disciplina, né. Mas, é uma sensação de que eu, eu sou um com o todo. Todo o tempo.

Laura e Mauro abordaram uma quinta perspectiva, relativa a fazer parte de uma totalidade, uma força maior que organiza tudo, o que possibilita uma atitude de aceitação e uma entrega ao porvir:

Laura: [...]E eu me sinto profundamente ligada com essa totalidade e tenho uma entrega. Então eu acho tudo certo está tudo certo. Tá tudo certo, na hora certa, no tempo certo, com as pessoas certas, então, eu não me estresso. Assim, se o meu avião atrasou, eu não me estresso, tem uma ordem maior, né? Que, que... Eu acho que tem uma ordem maior, que organiza o multiverso, né, e que se eu me entrego a essa ordem, e sigo o fluxo, tá tudo certo. Essa é minha experiência de espiritualidade.

Mauro: Então, essa coisa do mistério de que... nem tudo é explicável, e que parece, muitas vezes a gente tem a sensação de que tem uma força maior organizando tudo. Isso... isso é algo a ser reconhecido e honrado, algumas vezes só com o silêncio. Pouco se pode falar sobre isso.

Mas reconhecer essa dimensão que nos ultrapasse, que... né?

Mauro ainda pontuou que esta dimensão de pertencimento a um todo maior pode ter um poder curador, independente da visão de espiritualidade que cada um tenha:

[...] ela [a dimensão espiritual do ser] põe... ela põe as experiências humanas dentro de um contexto mais amplo e esse situar a experiência humana dentro de um contexto mais amplo, seja um contexto mais amplo uma, assim... uma visão reencarnacionista, seja uma de... de pertenci... de...assim... conexão com... conexão com Deus, é... seja uma concepção de potencial ilimitado da mente, o que for, quando essa dimensão maior que nos torna cósmicos, quando ela existe em nós, ela tem poder curativo, né, e...[...]

#### ***US4: Vivências de expansão da consciência.***

Laura descreveu os estados de consciência expandida como vivências na dimensão da espiritualidade:

E tem vários, vários níveis, né, de experiências dentro desse processo, que são as experiências de estados ampliados de consciência, que fazem parte da dimensão da espiritualidade.

Eu já tive várias experiências com a espiritualidade. De... de consciência expandida. E a minha experiência mais, mais forte que eu tive na minha vida eu fui... foi quando eu tomei as 12 ervas de cura, né, que hoje em dia, não, hoje em dia só... a Organização Mundial de Saúde só permite o mariri com a chacrona. Mas, eu tomei as 12 ervas de cura lá em Rondônia, e eu tive a experiência da, do nascimento do universo e da... e do morrer do universo, né? Então, eu tive a experiência de viver... não existir a tridimensão, né, de ser luz, eu tive, eu já tive algumas vezes a experiência de desmoleculizar completamente e ser uma molécula no multiverso, então, pra mim, isso... isso me comprova (risos) aquilo que eu acredito, né?

#### ***US5: Religiosidade.***

Três participantes introduziram o termo religiosidade, que descreveram como um aspecto da espiritualidade ligado à experiência do sagrado ou de um ser divino.

Bella apresentou a religiosidade como uma dimensão da espiritualidade conectada a um ser divino: "Se está relacionado a um ser divino, né, eu nomeio como religiosidade... Na religiosidade o sentido é construído na relação com o *ser* divino".

Érico descreveu que a espiritualidade tem um aspecto ligado à experiência do sagrado, que ele chama de religiosidade, que pode ou não estar relacionada a um ser divino ou a uma religião: "E religiosidade é um aspecto dela [da espiritualidade] ligada a... ao contato com o sagrado. Não necessariamente a uma religião, não necessariamente um Deus, mas o contato com o sagrado".

Mauro também relatou que a vivência de religiosidade pode expressar um contato com o divino, sem estar necessariamente relacionada a uma concepção de Deus:

A gente vive num contexto, onde o modo mais fácil de se aproximar da religião é falando de Deus ou tendo um caminho na direção de Deus. Já a minha história pessoal vai em outra direção... A minha maior inspiração espiritual é o Budismo e talvez os *yogas*, né, o *raja-yoga*, que são práticas mentais, são práticas meditativas, então, a minha religiosidade, na minha religiosidade pessoal, raramente entra a expressão Deus... né... mas isso não significa o... a negação da dimensão do divino [...]

### **3.2.3 Núcleo de Sentido 3: Comparações com religião.**

Dois participantes diferenciaram espiritualidade de religião, afirmando que a primeira transcende a segunda. Laura ainda pontuou que uma religião pode dar um contorno para a vivência espiritual de uma pessoa:

Laura: E que (espiritualidade) é uma coisa muito mais ampla do que a questão das religiões, né? Eu posso adotar uma religião ou outra, para me dar um bordo para minha espiritualidade, para me dar uma compreensão para minha espiritualidade. Mas a

espiritualidade transcende as religiões. Isso é pra mim, isso que é o meu significado de espiritualidade.

Mauro: Olha, muito cedo eu abandonei qualquer religião, e... nunca tive *nenhum* interesse real em religião. Me aproximei de muitas, cheguei perto de muitas, tive experiências muito próximas, de cristianismo, de budismo, do yoga, mas, assim, a espiritualidade é algo que transcende esses caminhos...

Mauro falou da sua vivência de uma espiritualidade não religiosa, pontuando que essencialmente não se diferencia de uma espiritualidade religiosa (católica):

[...] A gente viu surgir, depois dos anos 60, mas isso vinha vindo aos poucos, desde o começo do século 20, uma espiritualidade não religiosa, né, e... É... (pausa). Então, eu acho que dá pra dizer que isso é espiritualidade pra mim (não religiosa), esse aspecto... é... o meu *background* é muito diferente do do Jorge, que tem uma história... toda uma história em cima do catolicismo, tem a percepção, mas eu acredito que a vivência, na vivência a gente se toca, é a mesma... é a mesma vivência.

### **3.2.4 Núcleo de Sentido 4: Modos de expressão da espiritualidade.**

Dois participantes descreveram como a espiritualidade se manifesta nas vivências humanas, desdobrando-se suas expressões em cinco unidades de sentido: Qualidade da vivência do encontro; Cuidado com o todo; Amorosidade, Compaixão e defesa da vida; Clareza e discernimento; Paz e bem-aventurança.

#### ***US 1: Qualidade da vivência do encontro.***

Mauro ponderou que a espiritualidade se manifesta na qualidade do encontro entre terapeuta e cliente:

[...] ela [a espiritualidade] vai aparecer é... ela vai aparecer dentro dessa qualidade do encontro, a partir do que a pessoa traz e às vezes o que ela traz não tem nada de

religioso, nada de espiritual. Mas é uma qualidade da vivência, eu acho que essa simbologia é muito importante, a espiritualidade é uma qualidade da vivência.

***US 2: Cuidado com o todo.***

Mauro e Laura relataram que a espiritualidade se expressa em qualidades humanas como o cuidado e ações em defesa da vida e do meio ambiente.

Laura: Eu me sinto com o cuidado com cada partícula do que existe, né?

Mauro: Então, eu acho que... na espiritualidade reside o melhor dos seres humanos, né? Quando eu vejo, assim, o melhor dos seres humanos em ação, seja por um gesto amoroso, um gesto compassivo, é... a defesa da vida, às vezes até a defesa do meio ambiente... mesmo pessoas que fazem isso sem nenhuma conotação religiosa, eu vejo espiritualidade nessas ações.

Laura ainda afirmou que, para ela, cada gesto da pessoa tem uma repercussão universal.

Então pra mim... o meu cuidado que eu tenho com o planeta, né? O meu cuidado, por exemplo, o meu cuidado que eu tenho quando eu chego numa loja e digo, não precisa me dar esse saco plástico, que é um saco plástico a menos no planeta, eu tô no cuidado com o planeta, eu tô cuidado no sistema solar, eu estou eu cuidado com a galáxia, eu tô com cuidado com o universo, eu to com cuidado no multiverso.

***US 3: Amorosidade e compaixão.***

Segundo Mauro, a espiritualidade se expressa na qualidade da compaixão e do amor irrestrito:

Então, qualquer ação que nos aproxima profundamente do outro, que nos coloca mais compassivos, mais amorosos, tem uma qualidade espiritual.[...]

Por exemplo, uma das experiências mais fortes que eu tive na vida, foi ver surgir em mim um amor, assim, de uma... de uma... foi uma explosão de amor que eu senti por um... a partir de uma troca de olhares, né, havia uma pessoa envolvida nessa troca de olhares, mas a experiência nitidamente foi da ordem do divino, porque esse amor, ele não tinha a ver com essa pessoa, essa troca de olhares, ela me colocou nesse estado de amor... pra você ter uma ideia, isso foi num lugar absurdo, foi na rodoviária de Belo

Horizonte, que, na época, era um formigueiro, né, e... esse amor me tomou de uma forma, que eu consegui olhar com amor *cada* uma daquelas milhares de pessoas que tava, ali, é... essa foi uma experiência que eu acho que eu toquei essa dimensão, dimensão real...

#### ***US 4: Clareza e discernimento.***

Mauro afirmou que a espiritualidade também se expressa em estados de consciência de plena clareza e discernimento, apresentando uma experiência pessoal:

Então, assim quando eu falo de espiritualidade de uma dimensão do ser, isso não é teoria, isso é real pra mim, isso é assim pra mim... né, mas, na minha visão, o divino ele se... o divino, ele se *expressa* num estado de consciência, *estados* de consciência, *estados* de consciência, estados de ser que são exaltados, são elevados, ou são da ordem da paz profunda, ou da amorosidade.

E a outra experiência que eu tive que foi com dezesseis anos, é... foi no meio da angústia da escolha da profissão, né, eu cheguei em casa e deitei, deitei, e comecei a tentar pensar organizadamente como é que seria, que escolha fazer e caí no sono, e quando eu voltei desse sono, tentei continuar esse exercício e eu vivi uma coisa que se encontra em livros, né, de... de *yoga* e de budismo, eu... eu... literalmente entrei num estado ampliado de consciência, onde eu não precisava pensar pra compreender; minha mente ficou num estado de clareza, de clareza, [...]

[...] E eu acho que quando o pensamento vai mais longe do... vamos dizer assim, do racional, e ele vai mais fundo, sabe, e começa, é... quando a gente tá vivendo o pleno discernimento... e pra mim discernimento é um pensamento sistêmico, o pensamento que não fragmenta, mas que integra, nesse modo de pensar eu também vejo espiritualidade, tá.

#### ***US 5: Paz e bem-aventurança.***

Para Mauro, a espiritualidade se manifesta em vivências de paz e bem-aventurança:

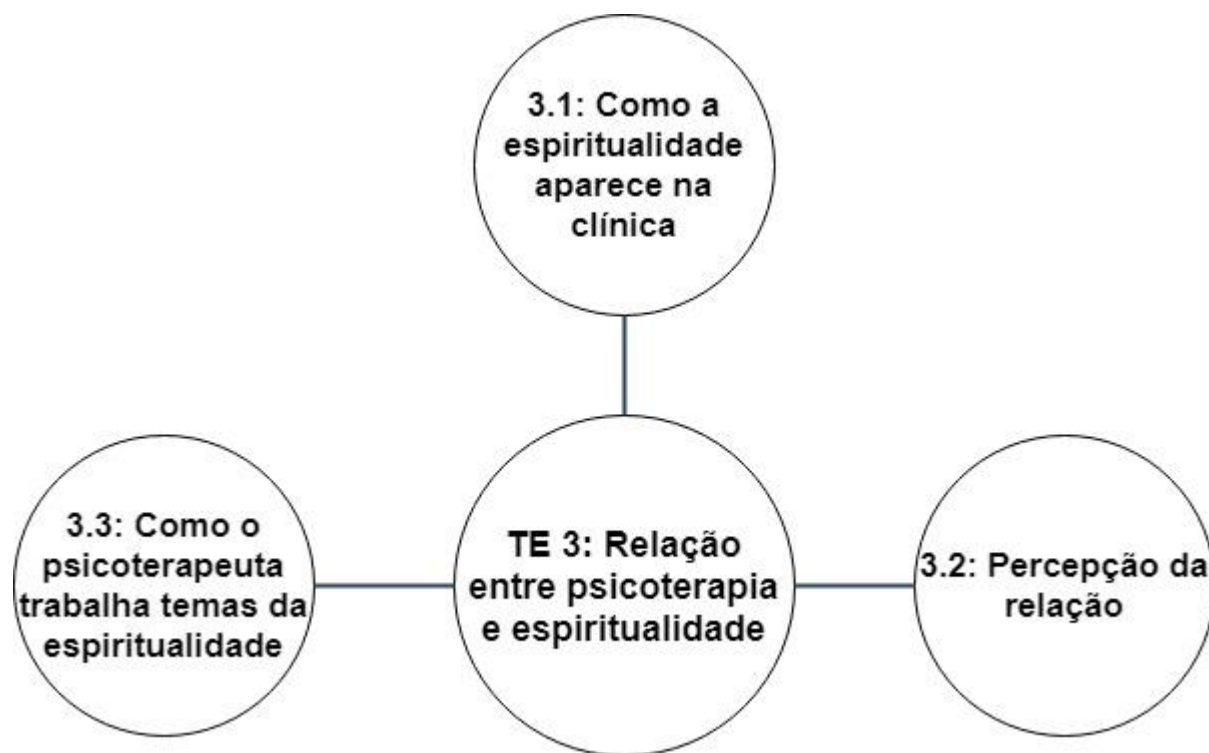
[...] então... assim... é... pra mim, é... eu não tenho nenhuma dúvida, na minha experiência pessoal, de que a espiritualidade é uma camada nossa, ela é uma dimensão da consciência, né, e que ela se expressa de muitas maneiras, eu vivi duas, por meio da clareza mental e por meio do amor, e... nas duas experiências veio junto paz, então, hoje eu conceituo espiritualidade como um contato com essa dimensão onde reside amor, clareza e paz, né. [...]

[...] e essa clareza vinha junto de um estado de... é... como é que eu vou dizer, assim... de... talvez a melhor expressão seja essa, de bem-aventurança, sabe? Um sentimento muito profundo de ligação, de conexão, de benção, então... assim... é... pra mim, é... eu não tenho nenhuma dúvida, na minha experiência pessoal, de que [...]

[...] E qualquer coisa que leve a paz, pra mim, tem espiritualidade junto, né?

### 3.3 Tema eixo 3: Relação entre psicoterapia e espiritualidade

Este tema eixo desdobrou-se em três subtemas, correspondentes às perguntas disparadoras que os originaram: "Como a espiritualidade surge nos processos da clínica"; "Qual a relação entre psicoterapia e espiritualidade"; "Como o terapeuta trabalha temas da espiritualidade na clínica". Cada subtema, por sua vez, expressou-se em diferentes núcleos e unidades de sentido, conforme será relatado a seguir. A figura 3, apresentada abaixo, mostra o tema eixo 3 e seus três subtemas em formato de diagrama.

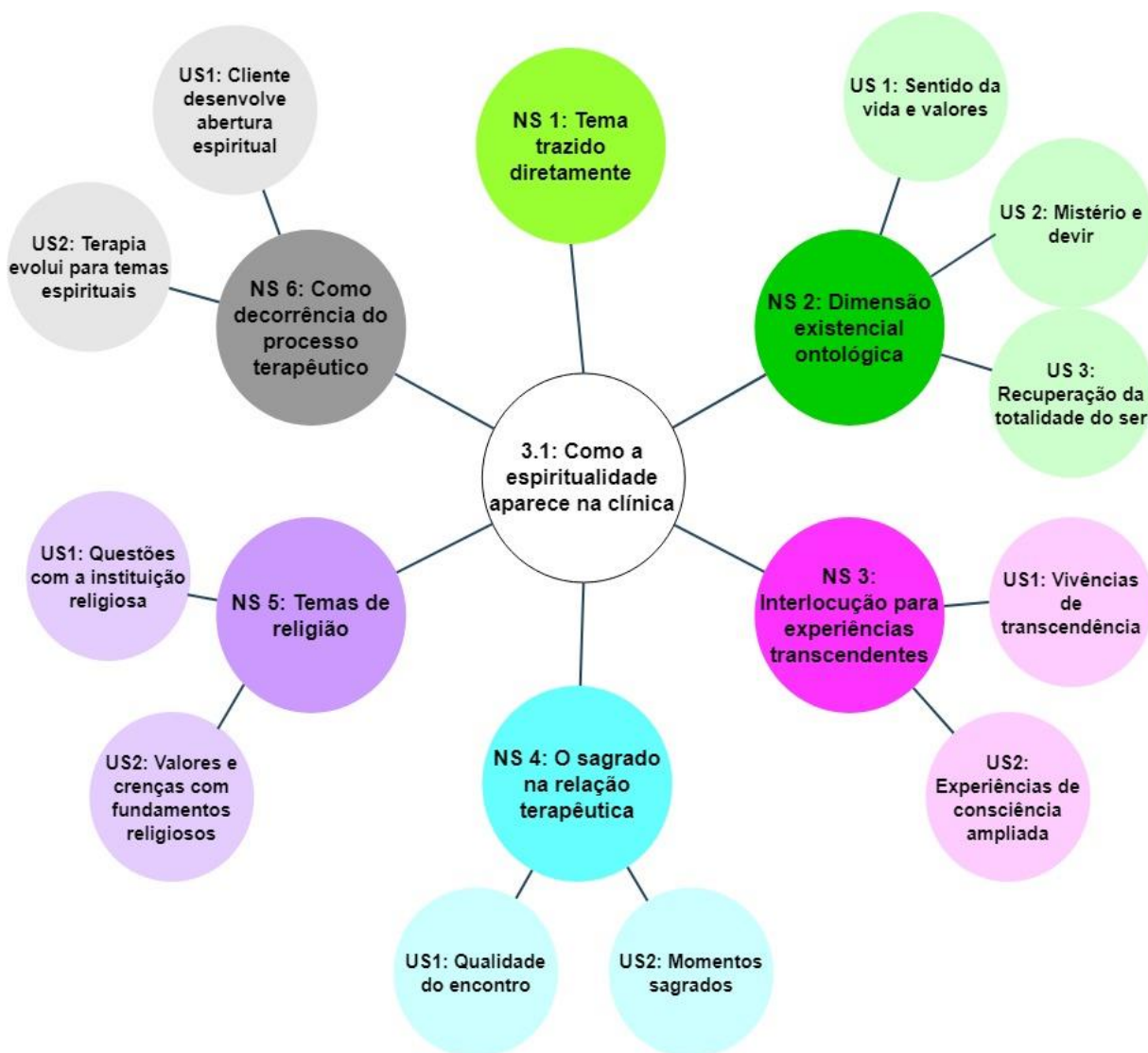


*Figura 3.* Relação entre psicoterapia e espiritualidade com subtemas. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.



### **3.3.1 Subtema 3.1: Como a espiritualidade aparece na clínica**

Neste subtema, os participantes relataram suas experiências de como a espiritualidade se faz presente na clínica, como é trazida pelos clientes e como se manifesta nos processos e relações entre terapeuta e paciente. Em geral, os participantes descreveram que o tópico da espiritualidade é frequente quando surge na clínica em sua definição de busca de sentido e dimensão existencial, ou quando faz parte dos processos clínicos, como em momentos de encontro profundo entre cliente e terapeuta. Para eles, o tópico é menos frequente quando trazido diretamente, ou relacionado à definição de busca de sagrado e transcendência. Encontramos em relação a este subtema seis núcleos de sentido: (1) tema trazido diretamente; (2) dimensão existencial / ontológica evocada; (2) experiências transcendentais; (4) relação dialógica; (5) ligada a temas religiosos; (6) na progressão do processo terapêutico. Os núcleos de sentido e suas respectivas unidades de sentido estão apresentados abaixo, em formato de texto e diagrama (Figura 4).



*Figura 4:* Como a espiritualidade aparece na clínica - núcleos e unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

### 3.3.1.1 Núcleo de Sentido 1: Tema trazido diretamente.

Três participantes relataram que há momentos em que os clientes trazem temas de espiritualidade ou religiosidade explícita e diretamente, como expôs Bella: "há pacientes que trazem a questão da espiritualidade e da religiosidade como tema, né".

Dois participantes, entretanto, expuseram que são mais raros os momentos em que o tema é trazido declaradamente:

Érico: [...] mas a religiosidade, eu acho que aparece muito pouco. Mesmo meus clientes padres, a instituição aparece muito mais do que a fé.

Dos não padres, dos leigos, também não é um assunto muito frequente não, na minha prática não...

É... então eu vejo que a maior parte das nossas... do tempo usado em terapia, ele tá em assuntos, assim... de ordem pessoal mesmo, e... e... e são dramas em diferentes áreas, são as relações, relações com pessoas próximas, relações com o trabalho, é... relação com o filho, relação com, enfim, uma enormidade de temas que surgem, que são onde engancha a história, né. [...]

Mauro: Então, na prática, no dia a dia de consultório, a maior parte dos nossos temas de trabalho não são temas que o cliente perceba a relação com a espiritualidade, né. Em geral, o que surge é... são áreas mal resolvidas, áreas mal resolvidas, que... [...]A... um percentual bem menor é o de assuntos que são explicitamente religiosos ou espirituais, né [...]

[...] [E de que modo e com que frequência o tema da espiritualidade se fez presente no contexto de seus atendimentos?]. É aquela história, é... vindo como tema específico, raríssimo. É muito raro um consultório, pelo menos, é... eu não me apresento como um terapeuta que trabalha com espiritualidade e psicoterapia, né?

É muito raro na minha experiência que alguém traga, raro, é raro percentualmente, não é que não aconteça né?

### **3.3.1.2 Núcleo de Sentido 2: Psicoterapia toca na dimensão existencial / ontológica.**

Os participantes relataram que a espiritualidade aparece na clínica quando os clientes discutem temas existenciais / ontológicos, que são definidos como tópicos de espiritualidade: questões de sentido da vida, ética e valores (US1); temas que evocam o mistério e o devir (US2); a busca da totalidade do ser (US3).

***US 1: Sentido da vida e valores.***

Segundo os entrevistados, seus pacientes frequentemente falam de temas como o sentido da vida, o propósito de estarem aqui, os valores que norteiam suas vidas e dão significado às mesmas:

Bella: [...] no bojo das suas, dos seus questionamentos espirituais, a vida tem sentido, exi... existenciais, a vida tem sentido, não tem sentido... ãann... questões éticas, será que eu priorizo a mim ou priorizo meu filho, a minha esposa, traio, num traio, quer dizer... todas essas questões permeiam valores espirituais, né?

Érico: [...] a espiritualidade, [está presente na clínica como dimensão existencial] o tempo todo... (risos) que é com ela que a gente trabalha; [...] Ele (o assunto da fé e da religiosidade) frequenta muito mais nas entrelinhas no que nas linhas, ele aparece mais na sustentação de valores no que no questionamento do sagrado, [...]

Mauro: [...] Os sintomas começaram a sumir, é... ele começou a trazer questionamentos de outra ordem, não mais em cima do sintoma, mas em cima de... sentido de vida mesmo, o quê que ele tá fazendo aqui, né?

### ***US 2: Temas do mistério e do devir.***

Três participantes relataram que seus pacientes trazem temas que evocam o mistério, o devir, o imponderável do existir humano, tocando em questões como a origem da vida, a morte, a abertura ao mais além.

Bella: [...] por exemplo, vamos pegar coisas é... simples do cotidiano terapêutico, um tera... um paciente que chega a sessão e lá pelas tantas diz assim “puxa jamais imaginei que eu fosse chorar hoje”, né, nossa, mas o que que isso tem a ver com o espiritual? Né, tem a ver que ele foi *visitado* pelo mistério, e pra ele ter sido visitado pelo mistério que existe nele mesmo, né, que o habita porque ele não esperava que fosse chorar, ou que algo fosse se passar na relação que o levasse a chorar, então é um mistério nele, é um mistério no outro, é um mistério no encontro, significa que naquele momento *houve* a restauração de uma abertura ao mais além, né?

Laura: Eu adoto essa definição e explico a espiritualidade como a busca da... da... do responder uma questão que é ôntica (*sic*), né. Que ela é ontogenética, de onde eu vim, para onde eu vou, né? Porque, se você pensar todas as religiões são construídas no mundo, são formas de tentar explicar essas duas questões que são ontogenéticas: de onde vim, para onde vou, né? Que é da ordem do mistério, da ordem do devir. O devir

é sempre um mistério, né? Pra nós, que temos uma base epistemológica fenomenológica, né? Existencial, o devir é da ordem do mistério, né? Então o mistério tá presente a cada momento de nossa vida, né? E, enquanto essa... essa *imponderabilidade* do devir, né? Então, eu acho que a espiritualidade ela está sempre presente no homem.

Mauro: [...] Outra coisa é que... em muitas situações de vida a gente se depara com o inexplicável, né? A questão da morte, por exemplo, é a mais importante, é... a morte... é... as perdas, temas como perda, hum... tanto a própria morte como a morte de outros... é... situações de vida que fogem do controle... todas elas nos colocam frente ao mistério mesmo. [...]

### ***US 3: Recuperação da totalidade do ser.***

A entrevistada Bella descreveu um caso de quando sua paciente expressou o anseio pela restauração de uma abertura ao mais além, a busca por uma dimensão ontológica perdida, que fazia parte de sua totalidade:

Recebi uma paciente que chegou na primeira sessão e disse assim pra mim é... eu quero fazer uma terapia porque eu quero *recuperar* a minha alegria... alegria é um valor absoluto, a alegria está colocada no horizonte dela, né, como um anseio de ser mais, como um anseio de totalidade, né, é... e todo caminhar desta moça tem sido na direção de alcançar a alegria *na* condição humana a despeito do absurdo que visita a vida humana, é a alegria ontológica que ela estava falando, ela não tava falando da alegria do *happy hour*... Ela tava falando da alegria ontológica, que é a alegria de viver... ela havia perdido um irmão jovem num acidente de carro, e após esse acontecimento, ela perdeu a alegria...de viver, e ela veio pra terapia em busca dessa alegria... então ela nitidamente estava dizendo pra mim que ela havia adoecido espiritualmente... e o meu trabalho com ela foi na direção dela poder reencontrar a alegria nela, e foi muito interessante que foi a partir da relação com a filha, né e...a alegria de uma criança, que está preservada boa parte das vezes, ainda as vicissitudes da existência ainda não tamponaram a alegria, a abertura originária, que ela foi reaprendendo a brincar e a partir do brincar, ela pôde acessar a alegria...então...isto é um trabalho na dimensão espiritual, né?

#### **3.3.1.3 Núcleo de Sentido 3: Interlocução para experiências transcendententes.**

Três participantes relataram que seus clientes trouxeram para a clínica suas experiências transcendentais (US1) e de expansão da consciência (US2) e que foi importante o terapeuta poder oferecer interlocução para as mesmas.

***US1: Vivências de transcendência.***

Dois entrevistados relataram exemplos de pacientes que buscaram interlocução para suas experiências com a transcendência ou com o sagrado. Bella apresentou como acolheu uma paciente que viveu a transcendência na forma do horror:

Tive uma outra paciente que sofreu um acidente grave na Dutra, é... o caa... tava ela e o noivo num carro e... eles foram *prensados* por duas, duas carretas, ela disse que o carro se transfor... deu perda total, ficou uma folha de papel, só sobraram *ela* e o noivo, mais nada! [...] E ela,ela teve uma experiência ali do sagrado, mas na dimensão do horror, né, quer dizer, jogada numa situação de transcendência absoluta [...] quando ela não encontra interlocução, né, pra esses arrebatamentos, essas trombadas com o real, né... isso pode gerar estados de enlouquecimento...

Bella e Érico descreveram relatos de vivências do sagrado, do indizível:

Bella: [...] uma garota de 6 anos que chegou pra mim, e [...] volta depois de um tempinho com as mãos pra trás, bate um raio de sol na janela, ela tira as mãozinhas das costas assim como se quisesse me fazer uma surpresa e uma *pena* de ave "destamanho", uma "penona" assim, ela põe no raio de sol e falou assim pra mim: "olha..."

Ela estava me falando do encantamento diante do absolutamente perfeito, uma coisa tão corriqueira como a pena de uma ave, essa menininha foi capaz de ver a pena e muito mais que a pena, ela viu o indizível... e aí eu fui percebendo no decorrer do processo com essa menina, que ela não encontrava companhia pra essa experimen... experiência de encantamento, de maravilhamento com a vida...

Érico: [...] eu lembro que um (padre), uma vez me disse "E eu fiz uma homilia domingo, que eu vi o Espírito Santo baixando em mim, e fiquei feliz de poder".

***US2: Experiências de consciência ampliada.***

Laura relata que acolhe em seu consultório pacientes que buscam integração para suas experiências de expansão da consciência que se apresentam como emergências espirituais:

Uma outra coisa também que é muito importante pra mim, é... como eu tenho essa visão e tenho um treinamento dentro do enfoque transpessoal, né, fui uma das pessoas que ajudou a implantação da psicologia transpessoal no Brasil, é... então vem muita gente pra mim que tem experiências de estados ampliados de consciência e que não sabe como integrar essas dimensões que são de... integrar multidimensionalidade dentro da sua tridimensionalidade, né?

O outro exemplo é o exemplo de experiência de consciência ampliada. É... (pausa) o... o... eu tinha um cliente, né, que tinha... é... ele tinha sonhos premonitórios. Muito fortes, né. Ele tinha sonhos, ele tinha experiências premonitórias, ele ampliava às vezes a consciência de onde ele tava, às vezes ele não sabia, né, onde ele tava ou não.

#### **3.3.1.4 Núcleo de Sentido 4: O sagrado na relação terapêutica.**

Dois participantes falaram de como a espiritualidade se manifesta na qualidade do encontro terapêutico (US1) e nos chamados "momentos sagrados" que acontecem na relação pessoa-pessoa (US2).

##### ***US1: Qualidade do encontro.***

Mauro descreveu que a espiritualidade se manifesta na qualidade da experiência do encontro terapêutico:

Então eu acho que a espiritualidade, ela... ela comparece no consultório de psicologia de uma forma não nomeada, na qualidade de encontro entre os dois, entre o terapeuta e o paciente, né?

Essa é a forma mais comum dela acontecer, e aí é muito difícil descrever como o... sabe, descrever como a espiritualidade aparece, porque ela vai aparecer é... ela vai aparecer dentro dessa qualidade do encontro, a partir do que a pessoa traz e às vezes o que ela traz não tem nada de religioso, nada de espiritual.

Mas é uma qualidade da vivência, eu acho que essa simbologia é muito importante, a espiritualidade é uma qualidade da vivência. E que... (pausa). É, isso, sim, surge na terapia.

[...] em termos de... de... qualidade da experiência que a gente pode gerar no encontro, aí a espiritualidade tá sempre presente.

***US2: Momentos sagrados.***

Dois participante sugeriram que o encontro terapêutico evoca a dimensão do sagrado:

Bella: [...] se eu consigo ajudar o paciente a se colocar disponível, se colocar aberto, então esse campo da relação humana... ããnn...o sagrado pode visitar... e eu percebo que na relação terapêutica isso acontece muitas vezes, né?

Mauro: E ainda um outro elemento que eu acho que a espiritualidade entra no consultório, é quando existe um momento de muita comunhão, profunda comunhão, entre os dois, terapeuta e paciente.

**3.3.1.5 Núcleo de Sentido 5: Temas de religião.**

Segundo os relatos dos entrevistados, a espiritualidade pode ser apresentada mediante temas de religião trazidos à clínica, como questões da instituição religiosa que os pacientes frequentam (US1); e também seus valores e crenças pessoais, que podem estar embebidos de princípios religiosos (US2). Aqui, os participantes trataram de temas de religião e não de espiritualidade, porém, conforme já explicitado, esses tópicos não são tratados de forma dicotômica, uma vez que o religioso também pode conter o espiritual.

***US1: Questões com a instituição religiosa.***

Dois participantes relataram que seus clientes apresentam queixas relativas às instituições religiosas que frequentam. Segundo seus relatos, tais queixas podem ou não estar relacionadas à espiritualidade. Mauro relatou um caso clínico de uma cliente cuja dificuldade com sua instituição religiosa acabou se tornando, a seu ver, um impedimento para seu crescimento espiritual:



[...] Eventualmente surge uma crise da pessoa com a sua instituição religiosa, ou uma crise com figuras de autoridade dentro da religião, mas eu considero que aqui nós estamos falando de relações sociais, ainda não é a questão da espiritualidade, mesmo que dentro de um... dentro de um contexto religioso, não se trata, na verdade, de espiritualidade. O curioso é que... se a espiritualidade é essa dimensão mais profunda que cada um de nós tem, é... é até lamentável que esses assuntos, ahn... que são de uma origem religiosa, venham e se constituam como, na verdade, um empecilho pra vivência espiritual, né. Me recordo, por exemplo, de... de uma cliente engessada pela sua organização religiosa, ela nunca quis revelar qual era a organização religiosa, mas...

Nunca quis revelar qual era a religião dela, mas preservou de todas as formas a religião, mas, assim, era um... era impressionante o poder, é... neurotizante que a instituição tinha sobre ela, e era muito importante pra saúde dela que ela tomasse conta disso, dessa... tivesse consciência disso, mas quando o assunto começou a chegar, ela interrompeu a terapia, né, e...[...]

Já o exemplo dado por Érico refere-se a queixas sobre a instituição religiosa destituídas de conotação espiritual:

Mesmo meus clientes padres [...] A instituição aparece muito, as brigas com as igrejas, questões de disciplina, as críticas, as exigências de... de... persona que eles têm que ter então... é raro um padre que traga pra terapia as questões religiosas mesmo, que é bastante comum eles fazerem orientação espiritual, e as duas coisas se casam. Então a parte religiosa fica mais na orientação espiritual, e a parte do cotidiano, do profano, da instituição, vêm mais pra clínica.

***US2: Valores e crenças com fundamentos religiosos.***

Segundo dois participantes, os hábitos e valores de seus clientes contêm preceitos religiosos; então, muitas vezes os clientes estão falando de tópicos seculares, porém imbuídos de valores religiosos (que não estão necessariamente separados dos valores espirituais).

Érico: Aí entra a religiosidade também, e ela entra, eu acho que de duas formas: uma que é uma forma mais silenciosa, que é a mais perigosa, que é a religiosidade do terapeuta e a religiosidade do cliente, especialmente se não são conhecidas, porque os nossos valores inevitavelmente têm fundamento religioso, à medida que não há cultura que não tenha religião. Toda a cultura quando surge, surge com ou tem uma religião, então a gente tem valores que são ligados à religião, independentemente de

qual seja, pode ser candomblé, pode ser cristianismo, budismo, nossos valores têm uma fundamentação religiosa.

Laura: (Pergunta: [...] com que frequência esse tema da espiritualidade se faz presente no contexto dos seus atendimentos?) Eu acho que isso é muito comum. Porque volta e meia meu cliente chega e vai falar dos valores dele dentro da religião que ele segue. Eu tava me lembrando agora de uma cliente, né, ela é católica, era do Shalom, não, ela é carismática, né do Shalom não. Então, volta e meia, ela vai me falar, que ela fez o... que ela fez a promessa tal... ela rezou o rosário tal, pra num sei o que, pra conseguir ... que ela foi pra missa... que, então, a dimensão da espiritualidade permeia o cotidiano do humano. Então tá sempre presente. Não sou eu que trago. O cliente traz.

Segundo Laura, as escolhas que os pacientes fazem vão ser mediadas por suas crenças religiosas:

Por exemplo, né... eu tava me lembrando de uma cliente minha, né, que ela é da fé Baha'i. E ela tava trazendo uma questão, né, da relação dela de casamento, ela sofria uma ques.. uma ... ela vivia uma relação de casamento abusiva, né, e dentro da fé Baha'i, eles admitem a separação, né, mas, assim, eles têm um ano, eles têm um nome, eu me esqueci agora, né, eles ficam... quando eles querem separar, é... eles ficam ... eles têm uma ano de... de... esperar, né, pra ver se é isso mesmo que eles querem ou não.

### **3.3.1.6 Núcleo de Sentido 6: Como decorrência do processo terapêutico.**

Conforme falas de dois participantes, mediante uma psicoterapia bem sucedida, clientes puderam experimentar uma maior abertura espiritual (US1) e/ou progredir para elaborar temas espirituais na clínica (US2).

#### ***US1: Cliente desenvolve abertura espiritual.***

Dois participantes deram exemplos de pacientes que se desenvolveram em um processo terapêutico e passaram a experienciar um aprofundamento espiritual, com ou sem uma conotação religiosa:

Érico: [...] eu tenho mais... exemplos que me vêm, tão vindo dois padres, que a partir do processo terapêutico percebem que rezam melhor a missa, que estão mais entregues na condução na missa... eu lembro que um, uma vez me disse "E., eu fiz uma homilia domingo, que eu vi o Espírito Santo baixando em mim, e fiquei feliz de poder".

Mauro: Então, quando uma pessoa, é... passa a se escutar com mais respeito e passa a ser mais coerente com essas necessidades mais profundas, a vida dela vai ganhando uma qualidade mais espiritual, não necessariamente religiosa, mas mais espiritual, porque... dela vem uma força, uma força, uma coerência, uma sensibilidade, que tende a trazer junto ética, né? É... tende a trazer junto mais sensibilidade, inclusive pro outro, né? E... gera escolhas que são mais significativas, mais coerentes com quem ela é. Então, quanto mais uma pessoa vive, um nível maior de coerência com quem ela é, mais espiritual é a experiência que ela tende a ter, mesmo que ela não tenha nenhum interesse em religião. Mesmo que ela não conceba o que tá vivendo como uma experiência... espiritual, né?

[...] A do cliente que vai, que vai... com a qual ele vai fazer contato, que quanto mais... autêntica seja a percepção que ele tem dele próprio, e autêntica expressão, mais em contato vai estar com esse núcleo central [...]

### ***US2: Terapia evolui para temas espirituais.***

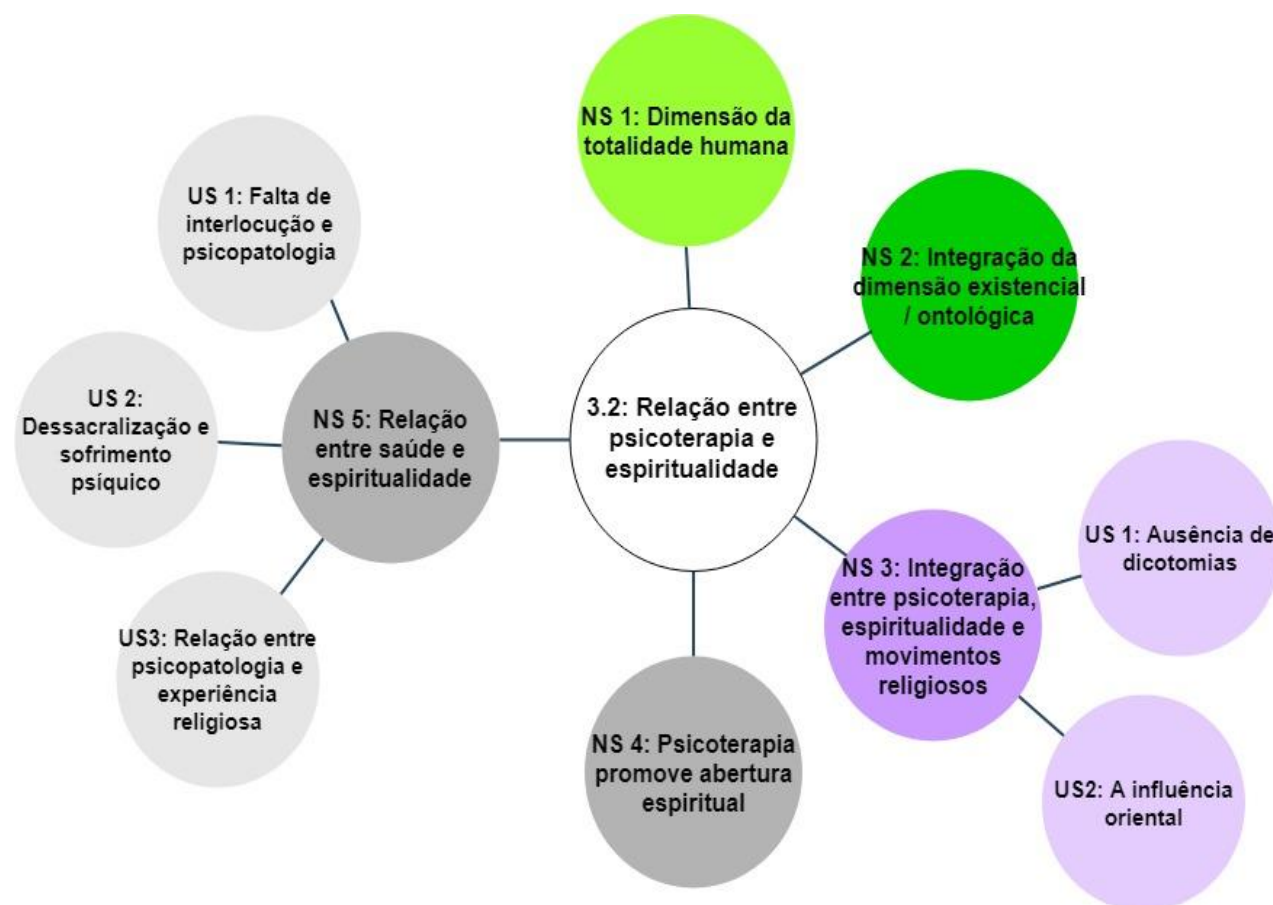
Os participantes falaram que, em determinada etapa de um processo terapêutico, quando o cliente trabalhou temas psicoemocionais, pode começar a se abrir para questionamentos de espiritualidade e de religiosidade. Érico ainda cita uma autora que diz que a abertura ao sagrado seria uma última etapa da psicoterapia.

Érico: [...] isso eu tô com a Jean, num dos textos dela que ela diz que a terapia bem feita, ela conduz à religiosidade.... ao final da terapia... chega uma hora... agora é com a religiosidade. E isso eu tenho percebido, alguns clientes quando eu tenho um trabalho mais profundo, quando conseguem transformações importantes, ao fim da terapia começam a surgir relatos, experiências religiosas, como esse que eu tou fazendo pra você. [...] O acolhimento da história... (depois) tocar o sagrado e aí vai embora.

Mauro: Recentemente eu atendi uma... um funcionário público, com uma... é... com quadro de TOC, grave, né? É... é... eu indiquei *mindfulness* como parte do trabalho [...] Os sintomas começaram a sumir, é... ele começou a trazer questionamentos de outra ordem, não mais em cima do sintoma, mas em cima de... sentido de vida mesmo, o que que ele tá fazendo aqui, né?

### 3.3.2 Subtema 3.2: Percepção da relação entre psicoterapia e espiritualidade.

Aos participantes foi perguntado se percebiam uma relação entre a psicoterapia e a espiritualidade. Suas falas puderam ser organizadas em cinco grupos temáticos (núcleos de sentido), incluindo: (1) a espiritualidade como dimensão da totalidade humana; (2) a presença em psicoterapia de temas existenciais / ontológicos, que são definidos como componentes de espiritualidade; (3) psicoterapia promove abertura espiritual; (4) a presença em psicoterapia de temas de espiritualidade, religiosidade e religião; (5) a relação entre saúde mental e espiritualidade. Os núcleos e unidades de sentido estão apresentados no diagrama abaixo (Figura 5).



*Figura 5:* Relação entre psicoterapia e espiritualidade - núcleos e unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

### 3.3.2.1 Núcleo de sentido 1: Dimensão da totalidade humana.

Segundo Laura, o ser humano é uma totalidade que inclui as dimensões biológica, psicológica, social e espiritual; então, naturalmente a espiritualidade faz parte dos processos de uma psicoterapia. Segundo ela, mesmo pessoas que se dizem ateias trazem a espiritualidade como uma negação.

Sim. É... eu acho... é... eu, eu, eu... eu gosto da definição do Jorge, Jorge Ponciano, quando ele diz: o ser humano é um ser biopsicossociocultural e espiritual.

[...] Eu acho que é fundamental, que tem a ver com o reconhecimento do homem enquanto uma Gestalt.

[...] Se eu não integro a dimensão de espiritualidade (na clínica), eu tô deixando um aspecto da totalidade, que é humano, de fora. Então, não é nem que aumenta ou não aumenta (o sucesso de um processo terapêutico). Você não pode trabalhar com o homem sem integrar.

[...] Porque mesmo a pessoa que é ateu, atea, ela está trazendo a dimensão da espiritualidade, ela tá trazendo a negação dessa dimensão, que é uma dimensão. A negação de uma dimensão é uma dimensão. Que ela precisa existir pra ser negada.

### 3.3.2.2 Núcleo de sentido 2: Integração da dimensão existencial / ontológica.

Para dois participantes, a psicoterapia é um espaço para se integrar questões ontológico/existenciais, que são da ordem da espiritualidade. Em terapia, o paciente acessa, toma consciência, trabalha, integra os fundamentos ontológicos de sua existência, como o sentido da vida, a liberdade, a criatividade, os projetos e escolhas, a finitude, a transcendência, os valores fundamentais, a abertura para o mais além:

Bella: [...] não há como uma abertura amorosa ser restaurada sem que a pessoa possa tomar consciência do ontológico, que é a precariedade, a finitude, a transcendência, a abertura ao sentido, a liberdade, a criatividade, a singularidade, enfim, os fundamentos ontológicos, o que, o que nos faz humanos.

A psicoterapia vai dar apoio à construção de sentido, à apropriação de valores e à elaboração de projetos de vida:

Bella: Quando a gente faz esse trabalho de ajudar o paciente a reconhecer ou a construir o sentido, a gente tá fazendo um trabalho, né, na direção da, do desenvolvimento espiritual dele, embora não estejamos trabalhando, né, éee... nesse, com esse discurso, né, mas uma prática.

[...] ele (o trabalho terapêutico) ajuda a pessoa a se apropriar dos seus valores fundamentais, [...]

Érico: [...] a questão que pra mim a psicoterapia ela trabalha com a espiritualidade, não devia se chamar psicoterapia, devia chamar “espiritoterapia”.

[...] que coloco que havia uma competição com os religiosos, porque a gente trabalha na mesma área; psicoterapia, ela não trabalha com o psiquismo, a gente trabalha é com a espiritualidade, com os projetos, com as possibilidades, com as dificuldades, com a tecelagem dos sentidos... é isso que a gente trabalha, então ela é... atua pelo espiritual. Isso... o processo terapêutico é um processo espiritual, a gente lida com a espiritualidade o tempo todo, a gente não lida com psiquismo, quem lida com psiquismo é o psiquiatra, não é o psicoterapeuta. A psiquiatria clínica sim, vai lidar lá com as questões de memória, de atenção, de identidade. A gente lida em parte com isso, mas o nosso lidar é espiritual.

A espiritualidade é a sede dos valores. Dentro daquela visão, a religiosidade é uma prática, então, aí você não tem um movimento religioso, tem um movimento de espiritualidade mesmo, né... é um valor que tá se transformando, que transforma o horizonte, transforma o cotidiano.

Bella também sugeriu que a psicoterapia é um trabalho que pode promover a restauração da abertura amorosa originária:

[...] toda prática de abertura amorosa do paciente é uma prática de espiritualidade... né? [...] um dos trabalhos que um terapeuta faz nessa dimensão é o que o, alguns autores vão chamar de “conversiocordes”, que é a conversão do coração, que é uma expressão né, é... que faz referência a... a um trabalho que está pra além do psíquico, ele é um trabalho na direção dos fundamentos ontológicos de restauração da abertura originária, e a abertura originária do ser humano, né, essa disponibilidade para o mais além... que pode ser o outro em mim, o outro diante de mim, e o outro para além de mim, o outro absoluto ou como o Buber diz o Tu eterno, o totalmente Outro, né?

**3.3.2.3 Núcleo de Sentido 3: Integração entre psicoterapia, espiritualidade e movimentos religiosos.**

Esse núcleo integra as falas dos participantes que enfatizaram uma ausência de dicotomias entre a psicoterapia e as experiências espirituais e religiosas. A primeira unidade de sentido refere-se a uma integração, uma ausência de dicotomia entre os campos da psicologia, espiritualidade e da religião (US1), e a segunda trata da influência da religiosidade oriental na psicoterapia, que contribuiu com uma espiritualidade não religiosa (US2).

***US 1: Ausência de dicotomias.***

Bella fala da ausência de separação entre psicoterapia e espiritualidade:

Pra mim trabalho espiritual é humanidade radical... Uma humanidade radical é uma espiritualidade... é... pra mim... a... o sagrado é uma das dimensões relacionadas ao profano, eu não faço dicotomias, né, é... o espiritual e o material, eles tão integrados na experiência.

Mauro descreve um aspecto comum entre as psicoterapias e as religiões: "[...] nesse aspecto, ahh... visto desse jeito, caminho terapêutico, ela (a psicoterapia) tem um certo ponto de contato com as tradições religiosas, porque também foram modos de lidar com o sofrimento humano, né".

***US2: A influência oriental.***

Mauro apresentou paralelos entre a psicoterapia e a religiosidade oriental, descrevendo a influência do budismo e outras vertentes, que foram trazidos para a psicologia em seus aspectos não religiosos, mas que possibilitaram uma conexão maior com a dimensão espiritual. Dentro da psicologia, ele cita Jung e a abordagem Transpessoal.

[...] é um grande mergulho na experiência do ser que a psicoterapia faz, e, como vê, as tradições (religiosas) e, de certa forma, é... (pigarro) cheia de exemplos de pessoas que

também fizeram isso, encontraram as suas respostas. Então, apesar de que, é... é... quando a gente faz uma comparação especialmente com a religiosidade oriental, que é mais focada no autoconhecimento e menos na devoção, é... a psicoterapia, ela tem pontos de intersecção muito interessantes, né, eu vejo muito [...]

[...] eu vejo muitos pontos de contato e esclarecedores, especialmente vindos do budismo, né, e de fato muitos colegas nossos, nos anos 80, anos 90, é... a turma da Transpessoal, né, especialmente, é... fez uma, uma aproximação concreta com o budismo, que é mais uma filosofia da mente do que uma religião, né. [...]

[...] É... já na nossa tradição ocidental, é... religiã... a religiosidade, ela tá mais, é... ela é mais focalizada no... não tanto no autoconhecimento, mas na devoção e na... de certa forma na obediência, e também a adesão a uma igreja, é... que são, vamos dizer assim, caminhos religiosos e que... no entanto, não são a única escolha. [...]

A gente viu surgir, depois dos anos 60, mas isso vinha vindo aos poucos, desde o começo do século 20, uma espiritualidade não religiosa, né, e... e eu encontrei, dentro da Gestalt, pessoas que fa... fizeram... algumas poucas pessoas que fizeram, é... paralelos, fizeram reflexões sobre Gestalt e budismo e... por exemplo, tem uma... tem uma... um livro que você não conhece, eu posso te emprestar, chamado *Presença de Mente*, *Presence of Mind*, de um Gestalt terapeuta... [...]

[...] e que ele faz paralelos, reflexões, assim, com Krishnamurti, com, é... alguns outros mestres espirituais, né, e [...]

[...] já dando um salto, eu me recordo, nessa época, que pra tentar fazer pontes entre Gestalt e psicologia da religião, num artigo do *Gestalt Journal*, tinha um...um autor que propunha uma Gestalt transpessoal, mas ele propunha que essa Gestalt transpessoal deveria ser uma aproximação entre a Gestalt e Jung, da Psicologia Analítica.

#### **3.3.2.4 Núcleo de Sentido 4: Psicoterapia promove abertura espiritual.**

Três participantes descreveram a psicoterapia como um processo profundo, que pode promover uma abertura à espiritualidade. Bella apresenta a psicoterapia como a construção de um trabalho amplo e profundo, que abrange a espiritualidade:

[...] é um trabalho árduo, é um trabalho longo, é um trabalho profundo que leva anos e que nem todos os pacientes têm fôlego pra empreender essa jornada, né, porque... Mas é um processo né, isso num é uma sessão, uma internação, um momento, mas é todo uma construção de um trabalho muito mais amplo, eu acho que estamos trabalhando na dimensão da espiritualidade, né...



Participantes descrevem que os processos terapêuticos podem promover uma abertura espiritual:

Bella: Então eu acho que uma boa psicoterapia tem uma dimensão espiritual que abre a pessoa pra sua verticalidade, né, pros valores mais refinados, mais abstratos, mais absolutos e está intimamente relacionado com o modo singular, né, dela... percorrer o seu caminho de vida, né, se abrindo pro que é mais fundamental pra ela, e coloque o agora na direção, né, no sentido desse valor fundamental.

Érico: [...] Teve um outro (padre) que eu tou lembrando mais agora, que ele tava com uma questão muito séria de... que se chama hoje de *burnout*, que é o cansaço no trabalho... [...]

E aí depois de uma terapia breve, ele começa a perceber que mudou a condução da missa, eee... aí ele chega a pôr: "mas mudou a minha fé também, por que eu não rezava mais, voltei a rezar e eu não era"...

Is...isso que é o então... essa possibilidade, ele se abriu mais pra fé... mesmo sem exatamente dar o nome.

Mauro: Então, quando uma pessoa, é... passa a se escutar com mais respeito e passa a ser mais coerente com essas necessidades mais profundas, a vida dela vai ganhando uma qualidade mais espiritual, não necessariamente religiosa, mas mais espiritual, porque... dela vem uma força, uma força, uma coerência, uma sensibilidade, que tende a trazer junto ética, né? É... tende a trazer junto mais sensibilidade, inclusive pro outro, né? E... gera escolhas que são mais significativas, mais coerentes com quem ela é. Então, quanto mais uma pessoa vive, um nível maior de coerência com quem ela é, mais espiritual é a experiência que ela tende a ter, mesmo que ela não tenha nenhum interesse em religião. Mesmo que ela não conceba o que tá vivendo como uma experiência... espiritual, né?

[...] A do cliente que vai, que vai... com a qual ele vai fazer contato, que quanto mais... autêntica seja a percepção que ele tem dele próprio, e autêntica expressão, mais em contato vai estar com esse núcleo central [...].

Mauro cita o exemplo de uso de *mindfulness*, um recurso meditativo usado de forma secular, mas que pode promover uma abertura espiritual:

E o que que *mindfulness* faz? Gera um estado de tranquilidade mental, que quando aprofundado vira espiritual. [...]

Chega... começa a tocar essa dimensão do espiritual. Porque isso foi o que todas as tradições espirituais fizeram, via oração, prece ou meditação, é isso, você silenciar a mente, quanto mais a mente fica silenciosa, mais se toca na experiência espiritual.

### **3.3.2.5 Núcleo de Sentido 5: Relação entre saúde e espiritualidade.**

Dois participantes, em suas falas, indicaram que há uma relação entre saúde mental e espiritualidade, apresentando os seguintes temas: um paciente que não encontra suporte e interlocução para algumas de suas vivências espirituais pode estar vulnerável à psicopatologia (US1); a experiência de viver no mundo atual, dessacralizado e despido de sentido, leva a pessoa ao sofrimento psíquico (US2); há uma relação entre escolhas religiosas e espirituais e a psicopatologia (US3).

#### ***US 1: Falta de interlocução e psicopatologia.***

Bella descreveu a importância de se ter interlocução para experiências transcendentais, sugerindo que sua ausência pode promover psicopatologia. Ela dá o exemplo de uma cliente a quem ofereceu suporte e interlocução para uma experiência espiritual.

[...]uma pessoa que vive experiências de grande abertura, ou de maravilhamento, ou de encantamento, ou de horror, como essa minha paciente que foi prensada por duas carretas, quando ela não encontra interlocução, né, pra esses arrebatamentos, essas trombadas com o real, né... Vamos usar essa expressão, é, uma trombada com o real, ãann... isso pode gerar estados de enlouquecimento...

#### ***US2: Dessacralização e sofrimento psíquico.***

Bella relatou que tem percebido que a experiência de viver no mundo contemporâneo, sem sentido ou espiritualidade, tem levado clientes a experimentarem o sofrimento psíquico:

[...] porque ao viverem um mundo desumanizado e dessacralizado, né, onde as pessoas tão se sentido muitas vezes robotizadas, sem tempo humano, sem espaço humano, sem relações de qualidade, né, elas não vêm e colocam em questão o sentido né, então a frequência é bastante grande, né, uma questão do... primeiro do tema do sentido, né... Vejo um desconsolo, vejo muito desalento, vejo muita desesperança...

***US3: Relação entre psicopatologia e experiência religiosa.***

Mauro compreende que há uma correlação entre a psicopatologia e as experiências religiosas, tendo estudado o caso de uma pessoa cujo funcionamento psíquico tinha relação com suas escolhas religiosas:

[...] fui pra psicopatologia e vida religiosa na Gestalt-terapeu... terapia, com a perspectiva da Gestalt terapia, e a minha... o meu tema [...] era o... vamos chamar assim, o... o falseamento da vida religiosa, ou a... [...]

Eu fui mais pela... buscando um entendimento da relação da experiência neurótica com a... com a... a religião. E fiz um estudo de caso, [...] a gente investigava a... a experiência... a fenomenologia da experiência religiosa dela, tanto da adesão completa à religião, quanto depois a mudança de forma, na vida religiosa. E como a dinâmica de funcionamento dela... como o modo de ser dela se relacionava com as escolhas religiosas que ela teve, né.[...]

[...] o que Gordon Allport chamava de religiosidade extrínseca, né, e... e como se mistura... como se mistura a experiência religiosa com a psicopatologia[...] Alguns dos gigantes do passado da psicologia tinham percebido a relação entre, é... o discurso psicótico e a experiência religiosa. [...]

**3.3.3 Sub-tema 3.3: Como o psicoterapeuta trabalha temas da espiritualidade na clínica.**

Aos participantes foi perguntado como trabalham temas de espiritualidade com seus clientes na clínica. De suas respostas, depreendemos oito temáticas (núcleos de sentido), que se distribuíram em: (1) desenvolvimento de uma relação de diálogo; (2) trabalho de reorganização existencial / ontológica; (3) integração entre o psicológico e o espiritual; (4) método fenomenológico; (5) trabalho em uma perspectiva transcendente / multidimensional; (6) integração entre religião, religiosidade e espiritualidade; (7) uso de recursos técnicos; (8) a espiritualidade do terapeuta. Os núcleos de sentido para este subtema estão apresentados abaixo, em formato de diagrama (Figura 6).



*Figura 6:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleos de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

### **3.3.3.1. Núcleo de Sentido 1: Desenvolvimento de uma relação dialógica.**

Foram elencadas neste núcleo as falas dos entrevistados que enfatizaram a importância do estabelecimento de uma relação de diálogo para possibilitar o trabalho com a espiritualidade do cliente, das quais se podem apreender onze unidades de sentido. Esses grupos temáticos demonstram os passos, as atitudes, as habilidades, os comportamentos que

os terapeutas manifestam na busca de promover o diálogo com seus clientes: Relação de confiança (US1); Presença e empatia (US2); Acolhimento e interlocução (US3); Testemunhar, evitando redução das vivências (US4); Respeito à diversidade de experiências (US5); Confirmação dos valores da pessoa (US6); Sustentação de experiências de transcendência (US7); Caminhar junto com o cliente (US8); Compartilhamento de experiências pessoais (US9); Foco no diálogo e não em técnicas (US10); Silenciar-se diante do sagrado (US11). As unidades de sentido para este núcleo estão apresentadas no diagrama abaixo (Figura 7).



*Figura 7:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleo de sentido "Desenvolvimento de uma relação dialógica" com unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

### ***US 1: Relação de confiança.***

Para a entrevistada Bella, a base de um trabalho com a espiritualidade é o estabelecimento de uma relação de confiança com o cliente:

[...] é um trabalho clássico de psicoterapia onde a *primeira* coisa que eu fui trabalhar com ela foi o estabelecimento de relação de confiança comigo, que é o básico.

[...] Como é que eu poderia questionar essa mulher, confrontá-la em relação a algumas crenças, a alguns discursos se não houvesse uma relação de confiança em mim, e comigo...

### ***US 2: Presença e empatia.***

Segundo Mauro, a presença, o silêncio, o acolhimento e a empatia do terapeuta na relação com seu cliente têm uma qualidade de espiritualidade.

[...] E em mim, porque quando eu me abro pro que tá acontecendo, esse silêncio que vem pro terapeuta, esse silêncio de acolhimento total... total e de... busca de empatia, né? De abertura pro *entre*, ele já tem uma coisa de espiritual nele. Ele já tem uma qualidade espiritual.

Eu acho que essa abertura, como a Bia diz, né? Essa abertura amorosa do terapeuta de... de... de ser um anfitrião em que não é na sala de terapia que a pessoa tá entrando, tá entrando na alma dela, tá entrando na própria alma dela e vai ser um encontro de almas, então tem uma qualidade espiritual inevitável nisso. Apesar de que raramente a gente usa esse nome, raramente.

### ***US 3: Acolhimento e interlocução.***

As falas de dois participantes revelaram a importância dada à abertura e ao acolhimento por parte do terapeuta das experiências espirituais do cliente, tornando-se seu interlocutor no assunto.

Bella: [...] eu acolho a experiência do misterioso, né, éeee... como uma *verdade* sobre o viver, eu faço uma função especular, né, eu espelho e não procuro *representar* esse mistério... eu simplesmente *acolho* como uma verdade, eu *acato* como uma verdade, né!

[...] eu acatar, quando isso é uma fala do paciente que professa uma verdade transcendente, uma verdade sobre a condição humana, uma verdade sobre o si mesmo,

uma verdade sobre um encontro humano, né, eu me rendo humildemente àquela verdade, eu simplesmente acato, confirmo ou me torno *interlocutora* daquela verdade. [...] que é no sentido de acolher uma dimensão do humano, né...

Mauro: [...] e também me considero *aberto* e preparado pra caso a pessoa queira discutir o tema espiritualidade, né, poder cooperar com ela nessa discussão.

[...] E... curiosamente, essa pessoa, é... levou muito a sério o *mindfulness*, né? E aí não foi (gagueja)... temas budistas começaram a surgir dentro da psicoterapia, não que eu trouxesse, mas que ele começou a trazer, porque do, da sociedade de vipassana que foi onde eu indiquei que ele fizesse o curso, ele... depois, ele, que é de origem católica, passou a... querer saber mais sobre a origem de *mindfulness*, sobre o budismo, e começou a entrar em contato com vários conceitos e esses conceitos começaram a vir, né? Então, na medida em que ele trazia um conceito novo, felizmente eu tava preparado pra... pra *acolher*, né? E pra... ir junto com ele *aprofundando a reflexão*, né? E eu senti que... as coisas foram fazendo muito sentido pra ele, né?

[...] Uma pessoa que venha em busca de, em busca da sua espiritualidade, ou quando tá questionando a sua religiosidade, seu caminho religioso, né? Eu... eu acolho assim com muito carinho essas experiências.

#### ***US 4: Testemunhar, evitando redução das vivências.***

Dois entrevistados revelaram a importância do terapeuta não tentar explicar nem racionalizar as experiências espirituais de seus clientes, sugerindo que o terapeuta pode se tornar um acompanhante, uma testemunha dessas vivências, sem reduzi-las.

Bella: Então o que eu vou responder pra você é, depende da necessidade do, daquela pessoa, eu vou tentar ajudá-la a partir do que ela anseia encontrar. Então na maioria das vezes, Aline, eu sou bem sincera com você, eu vou junto, porque eu não sei onde que tá o que ela anseia encontrar... Eu sei o que é buscar, e eu sei fazer companhia, mas onde está, como está, o que é, como não é, eu também tô em busca, e as vezes eu conto isso pra ela...

Entende...e quando ela encontra e eu percebo que aquele encontro a transformou e foi significativo, eu me coloco no lugar de testemunha, eu *testemunho* aquela experiência e não tento nomeá-la nem reduzi-la eu me coloco... na condição... de não saber explicar aquilo porque de fato eu não sei...

E como eu respondi pra garotinha, se a gente soubesse explicar tudo a vida não teria mais graça...

Mauro: Então, essa coisa do mistério de que... nem tudo é explicável, e que parece, muitas vezes a gente tem a sensação de que tem uma força maior organizando tudo. Isso... isso é algo a ser reconhecido e honrado, algumas vezes só com o silêncio. Pouco se pode falar sobre isso.

***US 5: Respeito à diversidade de experiências.***

Dois participantes descreveram a importância de acolher e respeitar as muitas formas que os clientes apresentam vivenciar sua espiritualidade. Na fala de Bella:

[...] e tenho um profundo respeito, né, pela cosmovisão de cada um... E é assim que eu vejo, então eu acho muito bonito, eu reconheço mais aquela faceta, mas aquela outra faceta do divino, né, por exemplo, cê ir num terreiro de candomblé e ver uma entrada de Iemanjá, aquilo é lindo, aquilo é poético, aquilo é maravilhoso, aquilo é de uma força... de um poder, né, como é maravilhoso você ver um, um lama dando ensinamento, ou uma prostração no islã, enfim... eu só... eu acho que eu sou aberta... eu acho que é o melhor em mim, como terapeuta, é poder ser aberta e acolher.

Érico expressou que para respeitar a diversidade do outro, o terapeuta precisa estar em paz com sua própria concepção de sagrado:

E... na medida que eu tou em paz, com esse conceito do sagrado, não o conceito, mas com essa concepção do sagrado, eu posso acolher melhor o sagrado do outro, seja a forma que ele vier, acolher o que é do outro. Eu tenho um orgulho danado... que teve uma época que eu atendia um seminarista católico, de uma congregação muito fechada, dessas que usam o hábito... seminarista, eu atendia esse rapaz, ele saía e meu próximo cliente era um pai de santo, que eu atendia também, e tudo bem pros dois, eu estando em paz com minha religiosidade, conhecendo a mais profundamente que eu posso, eu acolho melhor a religiosidade do outro, como do outro, eu não vou interferir nela... Então tenho clientes espíritas, tenho clientes judeus, eu tive um cliente, um matemático que o sonho dele era comprovar matematicamente a existência de Deus... E isso era um ponto da religiosidade dele, que é a religiosidade dele, que é legítima não tem nada de... de maluca ou de errada, é o jeito dele.

***US 6: Confirmação dos valores da pessoa.***

Érico afirmou que quando lida com questões delicadas que envolvem valores religiosos, como a morte, por exemplo, busca acolher e principalmente confirmar o que faz sentido para o cliente.

Me ocorreu agora uma questão mais delicada que é a questão da morte, a do morrer... que é quando religião aparece com mais força... e aí poucos casos que me passam pela cabeça é a mesma postura, a pessoa tem uma religião, tem uma religiosidade, que eu



tenho que acolher e confirmar, acho que é mais do que acolher, é confirmar. Se é um valor importante pra ela, precisa ser confirmado.

***US 7: Sustentação de experiências de transcendência.***

Dois entrevistados descreveram que, diante de relatos de experiências de transcendência por parte de seus clientes, oferecem acolhimento e sustentação.

Bella: [...] me sustentei com ela, né, a experiência de transcendência absoluta, e o terror da morte que ela viveu, e ao mesmo tempo aaa... perplexidade dela se sentir tão protegida numa situação de total desamparo e do paradoxo que era isso, né?

Mauro: Eventualmente entram assuntos no consultório que... que são mesmo da ordem espiritual, vamos dizer assim. Por exemplo, eu me recordo de uma pessoa que vivia uma crise de angústia muito grande, e... olhou para uma planta, no jardim da casa dela, tava chovendo, ela viu as gotas de chuva tocando a planta e por um momento (estalar de dedos) ela saiu da dimensão espaço-tempo e se sentiu completamente identificada com a planta, como se ela fosse a planta. Uma experiência paranormal que ela teve, vamos dizer assim. Ela *era* a planta, né? Em outros momentos... é... aí é importante o terapeuta ter essa cultura, porque no Oriente esse tipo de experiência é bastante conhecida. Tem nome pra isso, né?

***US 8: Caminhar junto com o cliente.***

Bella relatou que, diante da exposição de um tema espiritual por parte da cliente, buscou caminhar junto com a mesma, para ajudá-la a elaborar sua experiência.

[...] eu comecei com ela, éeee... tentando primeiro conhecer o que ela estava chamando de alegria, como ela tinha perdido a alegria, quando é que ela já tinha sentido alegria, éee... e como ela imaginava que ela podia restaurar essa alegria, e fomos fazendo um caminho juntas de busca da alegria *dela*... tentando reencontrar a face dessa alegria, na vida dela, né?

***US 9: Compartilhamento de experiências pessoais.***

Bella contou que diante de uma experiência de sua cliente com a morte, escolheu compartilhar uma experiência pessoal, oferecendo-lhe companhia em uma situação difícil.

[...] lá pelas tantas eu decidi que eu iria contar pra ela a minha experiência com a minha mãe com câncer [...]e ao final da sessão ela me agradeceu, ela falou "eu cheguei aqui muito angustiada, e eu estou saindo em paz, eu tô saindo calma, e sabe o quê me ajudou? Você ter me contado o que você passou... eu não me sinto mais sozinha...". Então eu *ofereci* pra ela companhia né, numa situação de orfandade que é... da condição humana, né?

***US 10: Foco no diálogo e não em técnicas.***

Dois participantes descreveram a importância da dimensão dialógica no trabalho com a espiritualidade, afirmando que, em vez de focar em técnicas e respostas prontas, o terapeuta busca estar aberto, validando as experiências do cliente e promovendo o diálogo.

Bella: Então eu não sei se eu *faço* coisas, respondendo sua pergunta, né? Eu me coloco disponível, eu acato, eu aguardo, eu sustento, eu compartilho experiências, às vezes eu conto pra pessoa situações em que eu vivi coisas parecidas, né? Então eu tô te contando porque não tem técnica, não tem receita e não tem fórmula, é um processo que tem a ver com a singularidade do paciente, tem a ver com a problemática que ele apresenta, tem a ver com a relação comigo, tem a ver com esses discernimentos que eu tô falando pra você, né...do uso que se faz, éee... [...]mas fundamentalmente o campo de trabalho meu é o campo do diálogo, é o dialógico, se eu conseguir estabelecer a dimensão dialógica eu já estou fazendo um trabalho na direção da espiritualidade, que é fundamental.

Mauro: Mas o religioso mais maduro, o conselheiro religioso mais maduro e o psicoterapeuta à semelhança dele, é... não vai buscar respostas precoces pro que tá se passando, mas ele vai... refinar a escuta, compreender o significado que aquilo tem, validar a preocupação que a pessoa tem, né? É... e estar aberto, pro sentido que essas coisas têm pra, pra quem tá vivendo, né?

***US 11: Silenciar-se diante do sagrado.***

Mauro relatou que há lugar para o silêncio em psicoterapia, por exemplo, quando vivencia momentos sagrados no encontro cliente-terapeuta:

E ainda um outro elemento que eu acho que a espiritualidade entra no consultório, é quando existe um momento de muita comunhão, profunda comunhão, entre os dois, terapeuta e paciente. E que às vezes não... só o silêncio, né... só o silêncio tem lugar ali, mas é um... um momento de uma profundidade que tangencia o espiritual.

### 3.3.3.2 Núcleo de Sentido 2: Reorganização existencial/ontológica.

Segundo os participantes, psicoterapeutas precisam estar preparados para trabalhar com o que descreveram como temas existenciais / ontológicos revelados por seus clientes, promovendo uma reorganização em suas vidas. Trata-se de conteúdos relacionados ao existir humano, à condição humana, demandando dos terapeutas tarefas como: Promoção da apropriação de escolhas (US 1); Estimulação da criatividade (US 2); Acolhimento do vazio e da morte (US 3); Suporte para a busca de sentido (US 4); Acolhimento da dimensão do devir (US5); Suporte para a transformação de valores (US6). As unidades de sentido para este núcleo estão apresentadas no diagrama abaixo (Figura 8).



*Figura 8:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleo de sentido "Reorganização existencial / ontológica " com unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

***US 1: Apropriação de escolhas.***

Segundo os entrevistados, o ser humano é um ser de escolhas. Exercer a capacidade de escolha é descrito por eles como um tema de espiritualidade, promovido em terapia mediante algumas tarefas. O terapeuta, com apoio no diálogo, vai estimular seu cliente, por exemplo, a se apropriar de suas escolhas com consciência e liberdade:

Bella: [...] e aí nós vamos dialogando, tentando fazer com que mesmo esses valores, que a pessoa se conscientize, se aproprie e escolha se ela vai guiar os passos do agora inspirada pelos sentidos do amanhã...

Érico: [...] então o cuidado pra mim, é aquela metáfora da Maria Constança Bowen do guia *sherpa*... já viu? Tem que ter um acompanhante, tem que ter esse cuidado, não é de não participar, a gente precisa ser ativo, como guia *sherpa*, a pessoa tá indo pra um lugar perigoso, dizer "ó, aí tem um risco disso, disso, disso e disso", se ela ainda assim quiser ir, ela quer ir, desde o extremo de um suicídio, você não tem como impedir que o cliente se suicide... de fato não tem como você segurar ele e prever, até tem temas mais importantes, vou sair de um casamento ou não vou, vou mudar de emprego ou não vou, vou mudar de profissão ou não vou, vou ter um filho ou não vou, são questões que.. o limite nosso é ajudar a pessoa a fazer a escolha com consciência e liberdade, mais consciência possível, mais liberdade possível, [...]

Mauro: [...] Isso é um assunto bem delicado, porque tem sutilezas aqui, porque se a gente considera que a psicoterapi... a boa psicoterapia é um olhar sincero e verdadeiro da pessoa pra com ela própria, e o empoderamento da pessoa em termos de liberdade, é... isso significa que algumas autoridades vão ficando pra trás. Algumas autoridades que é... interferem na economia da psique, elas vão precisar ser questionadas, e um terapeuta que seja também um conselheiro religioso... que isenção teria ele pra dar a liberdade que a pessoa precisa?

O terapeuta também promove a consciência da responsabilidade que vem com a liberdade de escolhas:

Érico: Pensando na espiritualidade, um valor importante nas psicologias fenomenológicas, ela precisava escolher com liberdade. E... se eu venho com um valor, aborto é ruim, aborto é bom, qualquer que seja, se eu dou esse valor a ela, eu dou exatamente a base de escolha da liberdade... então, ela conseguiu, até onde posso perceber, escolher com liberdade, ela fez o aborto, viveu as culpas e as dores do aborto, e vai viver pra sempre.

Laura: [...] e como a gente trabalha com a questão da responsabilidade das suas escolhas, de eu me apropriar em mim, como um ser do e no mundo, eu me apropriar de mim como um ser do e no mundo, implica em me apropriar de mim em eu poder, né, me apropriar de mim como ser de escolha. E para eu realmente me apropriar de mim como ser de escolha, eu preciso ter a clareza qual o sentido da existência pra mim. Porque as minhas escolhas advêm dessa compreensão de qual o sentido da existência pra mim, né?

### ***US 2: Estimulação da criatividade.***

Érico sugeriu que o terapeuta pode dar suporte ao cliente para que encontre soluções criativas para lidar com temas difíceis, como aqueles que suscitam a culpa:

Toda mulher que faz o aborto tem uma culpa que permanece, fica crônico, mas que pode ser indo trabalhada e pode reverter em reparações boas, e acho que ela conseguiu, isso já deve ter uns quatro a cinco anos e ela ainda é minha cliente, então eu tou dizendo que ela conseguiu... é... passar por isso de uma forma criativa, porque eu continuo acompanhando.

### ***US 3: Trabalho com o sentido da vida.***

Os participantes descreveram a psicoterapia como um local para se lidar com temas de sentido da vida, que inclui o sentido das coisas que acontecem e também questões de sentido último. O psicoterapeuta precisa estar disponível para esta interlocução:

Érico: [...] o... no que é que eu me fundamento: Vitor Frankl. Vitor Frankl diz que a gente é capaz de compor três tipos de sentido: o sentido pra própria vida, e esse só poucos conseguem, inclusive a gente só pode descobrir quando tá morrendo. Enquanto a gente tá vivo a gente não sabe o sentido da própria vida. Pode mudar completamente o que eu acho que é, então não dá pra saber. Se eu tou morrendo e consigo ter lucidez, aí sim, eu tenho a perspectiva de sentido... A gente atribui sentido, tem sentido nas pequenas coisas. Faz sentido eu tá aqui conversando com você aqui hoje. Esses são sentidos da nossa área... [...] (Trabalha com...) o sentido da própria vida e o sentido das coisas que acontecem.

Laura: Uma outra coisa também que faz parte da minha, que eu acho que é fundamental na práxis clínica, independente de você considerar a multidimensionalidade ou não, né, aliás, eu não entendo um Gestalt-terapeuta que não trabalhe com isso, né, é a questão do sentido da existência, né, eu acho que todo Gestalt-terapeuta, [...]

Então, eu acho, que essa coisa do sentido da existência, né, que pra mim tá ligada à espiritualidade, né, faz parte do cotidiano do Gestalt-terapeuta, né? Independente de ele estar se apropriando ou não, que ele está trabalhando com a dimensão da espiritualidade. Então, mesmo que ele não considere que esteja trabalhando com a dimensão da espiritualidade, eu considero que ele está trabalhando com a dimensão da espiritualidade.

[...] E para eu realmente me apropriar de mim como ser de escolha, eu preciso ter a clareza qual o sentido da existência pra mim. Porque as minhas escolhas advêm dessa compreensão de qual o sentido da existência pra mim, né?

Mauro: Recentemente eu atendi uma... um funcionário público, com uma... é... com quadro de TOC, grave, né? É... é... eu indiquei *mindfulness* como parte do trabalho [...] Os sintomas começaram a sumir, é... ele começou a trazer questionamentos de outra ordem, não mais em cima do sintoma, mas em cima de... sentido de vida mesmo, o que que ele tá fazendo aqui, né?

É... passou a pensar na sua própria morte, e (gagueja) num caso assim, onde... um tema que tangencia o espiritual vai surgindo, eu acho, que o bom terapeuta ele fica muito parecido com um bom monge.

#### ***US 4: Transformação de valores.***

Dois entrevistados detalharam a importância de se conhecer os valores que norteiam a vida dos clientes. Em primeiro lugar, descreveram a importância de acessar os valores dos clientes para trabalhar nesta fronteira:

Érico:[...] (trabalha com) que é que o Polster chama de fronteira de valor ou de *awareness* de valor. Pra mim na terapia é o ponto mais, é... é que eu vejo como o mais importante na terapia e é o caminho que eu faço mais. Há colegas que trabalham mais através da *awareness* corporal, mas também chegam a uma mudança de valores, e eu acho interessante isso.

Laura: É.... a.... na prática clínica, é... eu sempre busco... uma das coisas básicas no primeiro contato que eu tenho com o meu cliente, é saber no que ele acredita. E como realidade é sempre realidade para uma existência, aquilo que ele acredita, define o bordo, define as fronteiras do eu, né? As fronteiras do eu como valor, né, e define a significação dele, dele com esse devir, né, o que que rege pra ele, essa relação dele com esse devir, né?

[...] Então a gente precisa ter noção, porque nós tamos trabalhando, a gente dentro de uma postura fenomenológica, temos que trabalhar com aquilo que é o valor pra o outro. Aquilo que é o valor pra o outro defende as fronteiras do eu para o outro.

Érico deu o exemplo de um trabalho com o que chama de foco de valor, que consiste em identificar um valor que seja central na a vida do cliente e o transformando em um ponto focal do trabalho terapêutico:

Eu vou te dar um exemplo [...] De novo, um padre, um caso grave, bem grave, de comportamento sexual completamente perigoso, malcuidado... e... de relações sexuais em banheiro de shopping, em banheiro de supermercado, coisas assim...

Sem proteção, sem relação mesmo, e com uma *queixa* muito grande de que sofreu muito *bullying* quando criança e isso ele não conseguiu superar até hoje, e... e aí a gente vai trabalhando, e a gente percebe que ele tem problemas de relacionamento *muito* importantes. Ele é pároco, ele arruma encrenca... um dia ele teve uma discussão enorme, porque antes da missa tinha uma família que chegou, os pais chegaram, chegou a filha com o marido e a criança, antes da missa, se encontram, e fazia tempo que não se viam, fazem festa, conversam, perguntam... Ele vai lá e dá uma bronca, porque antes da missa tem que ficar quieto pra oração, e as pessoas respondem... e a história dele foi muito triste. E aí um dia eu, eu... proponho a ele, a... eu tou trabalhando terapia breve, que eu chamo de foco de valor, a ideia básica é, levantar um valor que tá muito importante por excesso ou por falta, e focar o trabalho nesse valor, [...]

E aí eu proponho que a gente faça o foco na *consideração* e a gente começa a trabalhar essa questão na vida dele, considerar e ser considerado.

O entrevistado também expôs como o trabalho com o foco de valor pode promover mudanças mais amplas nos valores e relações do cliente, o que é conhecido como "efeito carambola":

[...] na esperança de que esse valor mudando, mude todo o valor, o tal do efeito carambola, de que fala a Vera Lemgruber. E aí eu propus, eu mostrei a ele, a minha visão: do que ele... ele chama de burro, é uma série de histórias da infância em que ele não foi considerado. E ele é um cara muito pouco considerador, no cotidiano, com as pessoas que ele convive, com os fieis, comigo... é... um narcisismo eixo 1 DSM IV, forte... embora não seja. Esse que é o valor, que é a espiritualidade.

Impressionante o que esse cara mudou em... em... nove meses de trabalho... impressionante... Deixou de frequentar banheiro, o que era uma falta de auto-consideração. Hoje ele frequenta saunas, que é um passo imenso... lá... lá, é... o sexo é protegido, lá é uma relação pessoal, completamen... não é uma relação tão boa quanto um dia ele pode chegar, mas é um passo...

Tá conseguindo perceber quando ele começa a desconsiderar o outro e virar... e essa semana ele fez uma coisa linda, ele pediu perdão pra uma amiga, pela primeira vez na vida, ele pediu perdão pra alguém, que é um ato de consideração. Então, aí "cê" tem

uma mudança, a partir da mudança de um valor, quando ele começa a se dar conta do valor da consideração, ele começa a alterar a relação consigo e a relação com os outros.

Érico ainda detalhou que o trabalho terapêutico é direcionado para a tomada de consciência, posse, distanciamento, diálogo e liberdade diante de um valor, que passa a ser assimilado em vez de introjetado, resultando em uma autonomia frente ao mesmo:

A ideia básica é facilitar a... a percepção e a posse de determinado valor, sustenta a posturas assim, né. Se esse valor tá percebido e apossado, é... a pessoa passa a ter liberdade diante dele, ela deixa de ser conduzida por ele e se conduz em um diálogo com ele. A diferença é essa. Um distanciamento, um diálogo, e aí ela desenvolve autonomia frente ao valor, o valor passa a ser um valor assimilado ao invés de um valor introjetado.

***US 5: Trabalho com a dimensão do devir.***

Três dos entrevistados apresentaram que a psicoterapia inclui a lida com o mistério da existência e o devir. O terapeuta vai dar suporte ao cliente para que reconheça e aceite a dimensão do imponderável, evitando fazer reduções:

Bella: [...] me coloquei disponível pra ser interlocutora acerca do mistério, sem tentar reduzir aquilo a qualquer tipo de explicação, né!

Laura: [...] (o trabalho com) as fronteiras do eu como valor, né, e define a significação dele, dele com esse devir, né, o que que rege pra ele, essa relação dele com esse devir, né?

Mauro: [...] como a gente trabalha com a questão do imponderável do devir, né, [...] Então, essa coisa do mistério de que... nem tudo é explicável, e que parece, muitas vezes a gente tem a sensação de que tem uma força maior organizando tudo. Isso... isso é algo a ser reconhecido e honrado, algumas vezes só com o silêncio. Pouco se pode falar sobre isso.

Mauro dá um exemplo de quando ajudou um cliente a elaborar a impermanência:



É... no caso dessa pessoa, um assunto que foi extremamente importante foi o da impermanência. A... a consciência da impermanência, e... e essa é uma ideia que vê, que é muito... é... presente na filosofia budista, né? A ideia da impermanência, e eu trouxe o assunto, eu trouxe o assunto por meio de um ensinamento, de Buda, né? Tudo o tempo todo se transforma, não tem nada que fique parado, e que a vida é mutação, e que pode parecer uma coisa muito óbvia, mas frequentemente quando a pessoa tá no meio do sofrimento ela não se dá conta disso. E pra ele reconceber a vida, né? É... na direção de um processo em mutação, foi transformador porque, começou a... deu lugar a uma aceitação maior do que ele tava vivendo, mais tranquilidade dentro da incerteza, né?

***US 6: Suporte e acolhimento do vazio e da morte.***

Segundo as falas de dois participantes, psicoterapeutas também dão suporte à lida com o tema da morte e do vazio existencial:

Bella: [...] a gente precisa entender que espiritualidade é acolhimento da morte, é assim que eu penso... né, por isso que eu falo do vazio... é um vazio que tá colocado no horizonte como um mistério absoluto, ele, no fundo ele é um vazio...

Mauro: É... passou a pensar na sua própria morte, e (gagueja) num caso assim, onde... um tema que tangencia o espiritual vai surgindo, eu acho, que o bom terapeuta ele fica muito parecido com um bom monge.

**3.3.3.3 Núcleo de Sentido 3: Integração da dimensão espiritual com a psíquica.**

Um terceiro núcleo temático depreendido das falas dos participantes é relativo à relação entre as dimensões psicoemocional e espiritual em psicoterapia, organizando-se em quatro unidades de sentido: a primeira trata de quando um discurso espiritual trazido pelo cliente revela um tema psicoemocional a ser cuidado (US1); a segunda descreve o trabalho necessário de reconstrução do si mesmo e de desenvolvimento egoico, como sustentação para uma evolução espiritual (US2); a terceira trata do reconhecimento e de validação pelo terapeuta de uma vivência espiritual genuína apresentada pelo cliente (US3); a quarta, da

importância de não se desenvolverem dicotomias entre o psicológico e o espiritual (US4). As unidades de sentido estão apresentadas no diagrama abaixo (Figura 9).



*Figura 9:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleo de sentido "Integração da dimensão espiritual com a psíquica" com unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

***US 1: Discurso espiritual revela dimensão psicológica.***

Duas participantes descreveram que há situações em que temas de espiritualidade são trazidos à terapia, mas que o terapeuta precisa reconhecer e trabalhar as questões psicoemocionais que podem estar emergindo do discurso do cliente.

Bella relatou que o terapeuta precisa reconhecer a diferença entre um fenômeno espiritual e um sintoma psicopatológico:

[...]e a discriminação que a gente tem que ter, quer dizer, eu tô lidando com um fenômeno que é uma experiência do sagrado, ou estou lidando com um sintoma

psicopatológico? Estou lidando com uma espiritualidade aberta, em curso, em desenvolvimento ou estou lidando com uma, com um mecanismo de defesa que a pessoa usa para tentar aplacar conflitos emocionais, e que ela usa de um discurso de uma pretensa espiritualidade quando na verdade ela está é... sem sustentação pra enfrentar aquela situação do ponto de vista relacional, humano, financeiro, seja lá de que ordem for... então eu acho que a gente tem que ter esse discernimento, ele nem sempre é fácil, mas eu acho que ele é necessário.

Eu acho que é o conjunto da obra, né? Uma pessoa que está com o seu processo de crescimento em andamento, né... éeee... e a gente conhece já há algum tempo o paciente pra observar quais são os, as organizações defensivas, o tipo de sofrimento, a biografia, né, os anseios, os valores fundamentais, as formas de viver a sua, a transcendência, a gente consegue identificar, né? éee...

[...] (questionou crenças) pra que ela pudesse discernir o que era de fato uma experiência de ordem, né, transcendente e uma, uma muleta na qual ela se agarrava, né, porque na verdade ela não sabia resolver as situações de outro modo, ahn, como ela introjetava verdades que não eram dela.

Duas participantes narraram como trabalharam a dimensão psicológica disfarçada em um tema espiritual:

Bella: O maior problema do discurso espiritual, [...], é ele ser usado como preenchimento de vazio, espiritualidade pra mim só acontece como sustentação do vazio, ela é vazio. Se eu uso qualquer coisa pra preencher um vazio que eu não sustento, uma consciência de um vazio que eu não sustento, isso é materialismo espiritual... isso é organização defensiva e a gente tem que trabalhar como psicólogos classicamente na direção de ajudar a pessoa a desenvolver um auto-suporte suficiente pra que essas próteses, né, que são muletas, bengalas com nome de religiosidade ou de espiritualidade, ou do quer que seja, possam ser deixadas de lado na direção de uma espiritualidade, éee... real.

[...] ela pôde se relacionar melhor com os limites do outro, os limites dela, os recursos dela, os recursos do outro, e agora eu vou usar uma expressão bíblica, né... dando a César o que é de Cesar, né, porque ela misturava tudo, entende, e poder fazer esse discernimento, né, é... porque ela divinizava humano, ela idolatrava, ela...ãann... na verdade confundia, ela se tornava presa fácil de gente com má intenção...

Laura: Independente da gente também trabalhar, porque quando o cliente tem sonhos premonitórios ou telepáticos, independente da questão da... da consciência expandida, tem um dado de realidade que, por ressonância de campos, né, que não é à toa que, das infinitas possibilidades do multiverso que ele escolhe se plugar, tem alguma coisa que tem a ressonância de campo com ele. Então, eu ia trabalhar, trabalhava como, a gente trabalha normalmente sonhos em Gestalt-terapia. O pedaço dele que tem a ver com a questão dele, das polaridades dele, das questões dele. Porque não é à toa que ele pluga naquilo. Então, poder trabalhar também a dimensão de personalidade dele, a dimensão egoica dele, a dimensão dele enquanto indivíduo, né, enquanto ser.

Depois, então, né (de ajudar um cliente a lidar com questões de expansão da consciência), nos come... um pouco paralelo a isso, né, mas com menos ênfase, depois com mais ênfase, a gente começou a trabalhar o sofrimento dele, porque, você não sabe *a priori* o que é sonho premonitório ou não é. E fica com aquele medo de que tudo seja sonho premonitório. [...]

Porque, ele, incomodava muito ele, né... e ele também se dar conta que nem todo o sonho era premonitório.

Bella também relatou que uma fala sobre espiritualidade do cliente pode estar disfarçando uma dificuldade do mesmo em lidar com o vazio e a morte:

[...] né... ãan... Só suporta morrer quem tá vivo, e quem ainda não constituiu um ego, não suporta morrer, tem terror da morte, aí se agarra a verdades religiosas, espirituais pelo terror da morte e não pelo acolhimento da morte; é completamente diferente.

***US 2: Trabalha a dimensão psíquica: reconstrução do si mesmo.***

Dois participantes descreveram o trabalho de fortalecimento egoico e reconstrução do si mesmo, necessários para o desenvolvimento psíquico da pessoa e para a construção de suporte ao seu crescimento espiritual. Suas falas revelaram aspectos importantes que promovem a reconstrução: fortalecimento de funções egoicas; promoção de autoconfiança, discernimento, autossuporte, autorresponsabilidade, amadurecimento e autocuidado; questionamento de crenças no momento propício.

Bella deu um exemplo de uma cliente que apresentou queixas relacionadas à espiritualidade e com a qual trabalhou o fortalecimento de funções egoicas, necessárias ao seu crescimento como um todo:

Esse é o discurso mais comum, eu tive uma paciente, uma mulher de 61 anos, éee... que fazia práticas, chegou a ir pra Índia, ficar num ashram e fazer mil, mil coisas, ãaa... pra tentar abandonar o ego, né, renunciar ao ego, uma renunciante. Ela não tinha um ego constituído suficientemente, ela apanhava do marido, ela estava numa relação de casamento destrutiva, abusiva, ela não tinha fronteiras de ego bem estabelecidas, e ela buscava nestas práticas a tentativa de, de apaziguar conflitos que ela não sabia lidar no cotidiano dela... então aí, né, um terapeuta desavisado, se eu vou dando corda, se eu

vou estimulando, incentivando, embarcando nesse discurso, eu tô prestando um desserviço... Ninguém pode abandonar o que não tem.

[...] então lidei com as introjeções, lidei com as confluências, porque ela tinha fronteiras muuuiito porosas, então ela não sabia dizer não, ela não sabia confrontar, ela não sabia enfrentar, foi todo um trabalho de um *ego*, olha que interessante né, é, porque as pessoas tem um olhar meio parcial de que fazer um trabalho na dimensão espiritual é você sempre trabalhar na direção da, da diminuição do ego, mas pra quem não tem um, o trabalho é primeiro constituir um si mesmo, um ego, funcionamento de vida, né, amadurecer psicologicamente emocionalmente, pra que esse self *sustente* a desconstrução de si, porque o que não foi construído não pode ser desconstruído, o que não foi constituído não pode ser renunciado.

[...] então é um trabalho que a gente faz com todos os pacientes, né, primeiro, resignificação da própria história, estabelecimento de um ajustamento criativo funcional, mais saudável, e a espiritualidade está no pacote, né?

Duas participantes deram exemplos de trabalhos que promoveram o autossuporte de suas clientes, possibilitando assim um crescimento psíquico e uma abertura espiritual genuína:

Bella: Então, elaaa... ela pegava seres humanos, os toi... os tais dos mestres dela, né, e ela tornava essas pessoas imbuídas de poderes, né, supraterranos... éee... e nesse momento ela perdia de vista, né, o fato de que era um outro ser humano, que poderia ter uma mediunidade, poderia ter uma, um, um conhecimento muito grande, uma experiência de vida, mas era um ser humano falho como qualquer outro, né, e ela começava a atribuir a essas figuras de autoridade um poder sobre a vida dela... então aquele tipo de pessoa que vai e pergunta... caso ou compro uma bicicleta? Você acha que eu devo me separar do marido... o que que eu... isso pode acontecer na relação com o terapeuta também... então eu fui ajudando essa mulher a ir desinvestindo essas relações desse poder e dessa autoridade, à medida em que ela ia retomando ou conhecendo dela porque ela sequer conhecia a autoridade dela e o poder dela, é óbvio, por isso que ela investia outras figuras de poder e de autoridade...

À medida que ela foi conseguindo integrar né, a própria autoridade, o próprio poder de decisão, as escolhas, assumindo as responsabilidades, percebendo os recursos que ela tinha, naturalmente ela foi desinvestindo, eu não precisei trabalhar na relação dela com a pess... com os outros, com essas figuras a partir das figuras, eu trabalhei a partir *dela*... e dela tomar consciência dos mal estares que ela sentia porque algumas dessas pessoas usam justamente aaa... éee... discípulos...

[...] então, o mal que ela sentia, as frustrações que ela sentia, até pra poder reconhecer as sombras dessas pessoas, mas isso só é possível à medida que ela encontrava suporte *nela*... porque a gente tem que entender que tudo tem uma função, como terapeuta a gente sabe disso...

Ninguém idolatra alguém se não tem uma função psíquica, agora se ela precisa idolatrar alguém, o que é que está faltando *nela*? E é aí que eu fui trabalhar... então pra desco... pra *depois* desconstruir, eu preciso primeiro construir um auto suporte pra depois retirar os heterossuportes, preciso substituir esses heterossuportes não

saudáveis por heterossuportes saudáveis, pra que se heterossuportes saudáveis se transforme num autossuporte, e aí ela possa prescindir de relações de idolatria, né, não sei se tô me fazendo clara [...]

Laura: Então nós trabalhamos muito, né, como é que ela poderia, né, encontrar uma forma, que fosse segura pra ela, e ajudei ela a desenvolver todo um nível de suporte de self como ego, né, e como é que ela poderia lidar com essa relação, já que ela ainda tinha que ficar um ano em casa com esse marido. E aos poucos, ela foi aprendendo, desenvolvendo um suporte interno, para criar limites de convivência. Então, ela criou uma alternativa, foi muito interessante, ela morava numa casa de dois andares, né, aí então ela estabeleceu uma fronteira de contato com o marido, né, então, ele ficou num andar e ela em outro. A cozinha era comum, ela organizou, com ele, horários de uso da cozinha.

Isso tudo foi um trabalho muito sério e delicado. Porque, para ela poder desenvolver *esses* limites com o marido, foi preciso trabalhar *muito* o nível de suporte interno dela. Que era uma relação de codependência, ela não se dava conta da relação abusiva, né, mas, ela veio para mim, em profundo sofrimento, e ela se sentia absolutamente... porque a relação de codependência, né, o perpetrador convence a vítima de que ela que é que é responsável por aquilo que está acontecendo a ela. Então, ela poder resgatar tudo isso, ela poder resgatar que ela não era a responsável, e, ao mesmo tempo, ter que conviver no mesmo espaço com o outro, né, porque fazia parte dos preceitos. Cê tá entendendo?

Bella falou da importância de promover autossustentação: "[...] aliás, inicialmente ela veio pra mim com esta mesma atitude... Me colocando num lugar de autori... autoridade suprema sobre a vida dela o que eu obviamente recusei, mas era o lugar pra onde ela me empurrava, né".

Bella delineou como o amadurecimento psíquico possibilita uma abertura espiritual:

[...] enfim,ela era muito imatura no ponto de vista emocional, o fato d'eu ter contribuído e ajudado ela ir amadurecendo ao longo desses onze anos fazendo essa desconstrução em paralelo, ela foi podendo *selecionar* melhor... e ao selecionar melhor, ter experiências nessa dimensão da religiosidade, não sei se chegamos a abrir uma espiritualidade, mas eu acho [...]

Bella fez referência ao trabalho de questionamento de crenças, necessário para a reconstrução do si mesmo. Ela deu como exemplo a possibilidade de confrontar certas crenças

de uma cliente mediante o estabelecimento de uma relação de confiança: "Como é que eu poderia questionar essa mulher, confrontá-la em relação a algumas crenças, a alguns discursos, se não houvesse uma relação de confiança em mim, e comigo".

A mesma participante descreveu um trabalho de profundo questionamento de crenças:

Eu fiz um longo trabalho com ela de lidar com as introjeções, então...Então foi quase um processo de *faxina* nessas crenças, o que que era dela, o que que não era dela, o que que ela assimilava daquilo, porque ela engolia aquilo tudo muito pronto, sem viver nenhum tipo de digestão, usar uma metáfora do Perls, né, do processo de assimilação...foi um longo mesmo, longo, longo trabalho, árduo trabalho, acho que ajudei ela a flexibilizar o que estava muito rígido e ela a se tornar mais firme do que estava excessivamente flexível.[...] e o trabalho de desconstrução dos falsos deuses foi se dando concomitantemente, aí ela de fato podia ter uma relação que não era uma relação de idolatria, né, ou de mera idealização de figuras... é... sacerdotes, digamos assim, é... mas uma relação mais humanizada.

Érico discorreu sobre o *timing* correto para o questionamento de crenças relacionadas à espiritualidade, destacando a importância de se permitir o refúgio nas mesmas quando estas possibilitam o autocuidado; afirma, entretanto, que no momento correto pode usar do humor para confrontar seus clientes.

Ah sim... teve um... teve uma pessoa que eu atendi que é o J. que mandou pra mim. Ele numa situação profissional *muito* complicada e ele dizia que foi num... num... curandeiro e tal... e o curandeiro diz que isso é de Deus, que é melhor, que isso e aquilo, que logo ele ia passar, que isso tudo era só temporário, e o curandeiro disse... ou então foi uma cartomante... no caso dele foi um curandeiro mesmo e ele *tinha* essa fé. E... dada a situação que ele vivia, eu não confrontava essa fé, porque ela dava suporte pra ele... enfrentar o que tava mesmo muito difícil. Talvez num outro momento, quando ele superasse esse momento difícil... talvez eu confrontasse, o sentido dessa... porque aí é uma ingenuidade é... pouco crítica, é uma ilusão, mas que tava alimentando, que tava servindo pra que ele se cuidasse, o que interessa, então eu não confronto.

[...] e o terapeuta tem que ter sensibilidade pra isso. Quando é que ela é refúgio, e deixar o cliente refugiar-se, a gente precisa, tem hora, fugir mesmo da vida, isso é cuidado; e o quanto que ela é encorajamento e... e confirmar esse encorajamento.

Mas essa dimensão do refúgio, ela é muito importante, há momentos em que a vida é tão doída que a gente precisa se recolher, e isso é saudável, ao contrário do que dizem algumas... alguns psicólogos aí, ativistas.

[...] por exemplo, que a religião é isso... ela...ela... existe um termo, você conhece, o totem religioso... ela tanto pode servir como força pra enfrentar, como refúgio em momentos que a gente precisa de refúgio... Quando o refúgio se torna demasiado, quando a pessoa tem condições de se enfrentar e fica em evitações, aí essas evitações precisam ser confrontadas.

Se acontece de... Deus proverá, Deus proverá e eu não faço nada, aí eu... aí eu questiono.

Ah, (eu questiono) geralmente através do bom humor, da ironia: 'Deus proverá... Deus já proveu, a força tá em você já', usar o humor... tá aí..."

### ***US 3: Reconhecimento de vivência espiritual genuína.***

Bella relatou que quando se depara com uma experiência espiritual genuína, busca não reduzir esta vivência do cliente a uma dimensão psicológica: "Eu *testemunho* aquela experiência e não tento nomeá-la nem reduzi-la [...] sem tentar reduzir aquilo a qualquer tipo de explicação, né?".

### ***US 4: Não dicotomiza espiritual e psicológico.***

A entrevistada Bella pontuou a importância de não se fazer dicotomias entre a espiritualidade e a dimensão psicoemocional. Segundo ela, uma vivência espiritual genuína também pode estar presente em situações de adoecimento psíquico:

[...]mesmo nas formas de adoecimento *há* dimensões da singularidade, e se há dimensões da singularidade *há* também a possibilidade desses valores fundamentais estarem presentes... só que pelo avesso... quer dizer, o que é o fundamental pra pessoa está posto, mesmo lá onde ela está adoecida...

#### **3.3.3.4. Núcleo de Sentido 4: Utilização do método fenomenológico.**

Os participantes descreveram que o trabalho com temas de espiritualidade segue alguns preceitos do método fenomenológico aplicado à psicoterapia, caracterizando um quarto



núcleo de sentido. Aqui, enfatizaram a importância de suspenderem qualquer tipo de interferência de suas crenças e preceitos pessoais (US1) e de trabalharem dentro da perspectiva do cliente (US2). As unidades de sentido estão apresentadas no diagrama abaixo (Figura 10).



*Figura 10:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleo de sentido "Utilização do método fenomenológico" com unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

### ***US 1: Suspensão de interferências.***

Três participantes afirmaram que o terapeuta precisa tomar cuidado para não deixar suas crenças espirituais e religiosas influenciarem em seu trabalho, devendo buscar se conhecer bem para ser capaz de suspender as interferências:

Bella: Eu acho que alguns riscos nesse, nessa atitude do terapeuta éee...se aliar a uma crença por compartilhá-la... Vamos dizer, eu sou cardecista e vou me aliar ao cardecismo do paciente e vou usar toda aquela perspectiva cardecista para explicar certas coisas e... ãa... acho isso péssimo... éee...aí vai o... o... pra usar uma palavra do campo espiritual e teológico, né, vai a nossa ascese, né... da gente se retirar um pouco, colocar em suspensão pra poder olhar o fenômeno que emerge, sem fazer alianças e nem ter repulsas, né, éee... então eu acho isso muito perigoso.

Érico: [...] Então, os meus valores a respeito de aborto, é... não é que não tiveram interferências, isso não tem jeito, mas tiveram interferência mínima, e muito mais no sentido da... da... cura, do que da... do obstáculo à consciência e à escolha, à liberdade de escolha, que pra mim ela, ela [...]

É... é. Então é óbvio que isso esbarra em questões limítrofes, difíceis, mas fazer terapia é difícil, a gente tá o tempo todo com as questões éticas... na mão, e a gente não é neutro. Não existe terapeuta neutro, as intervenções têm uma intencionalidade, os nossos olhares são intencionais, então por isso que a gente tem que fazer terapia, fazer supervisão, pra nossa intencionalidade interferir o mínimo possível, mas ela interfere.

[...]Então a primeira coisa, o terapeuta tem que reconhecer isso, como é que é a religiosidade dele, para que ela não interfira no mau sentido de... de virar um ponto cego.

Então o primeiro ponto é esse: a religiosidade tem que tá reconhecida, para que a interferência dela seja reconhecida conscientemente [...]Essa suspensão que a gente tem de fazer, e a gente suspende melhor o que conhece; o que não conhece é difícil suspender [...]

Mauro: Bom, uma coisa que eu aprendi bem claramente na Gestalt, é não colocar a minha agenda pessoal sobre a agenda do cliente, do paciente, essa é uma condição *sine qua non* pra uma boa psicoterapia. Então, eu acho que a espiritualidade do terapeuta não deve ser um tema, ou uma preocupação dele dentro do trabalho terapêutico [...]

Algumas autoridades que é... interferem na economia da psique, elas vão precisar ser questionadas, e um terapeuta que seja também um conselheiro religioso... que isenção teria ele pra dar a liberdade que a pessoa precisa?

Pra fazer esse questionamento que pode confrontar suas próprias crenças, né? São coisas delicadíssimas no universo, é... nesse ponto entre... psicoterapia e espiritualidade. Aqui já não é nem religi... espiritualidade, mas psicoterapia e religiosidade. Porque... quando o, vamos dizer assim, o terapeuta, que é também um pastor, um padre ou, sei lá, monge. É... quando ele opta pela sua agenda e pelas suas crenças porque... isso vira introjeção, né? Então a crença do religioso é de que a salvação vem pelo caminho, pelo caminho que ele trilha né? É... mas se ele não consegue abandonar isso, por isso entre parênteses, para estar com a pessoa, então o que poderia ser um encontro espiritual real entre duas pessoas, vira um encontro “Eu-Iso”. Motivado pelo... pela crença religiosa do terapeuta, né?

Os mesmos participantes afirmaram que o terapeuta não deve impor seus códigos de valores, sugerir caminhos ou fazer catequese:

Érico: É, aí é questão ética... é (fala baixo)...que eu acho mais importante ... sempre que eu imponho um código de valor pro meu cliente, eu acho que é uma má prática. É a crítica que eu faço, por exemplo, que eu faço a teoria cognitivo comportamental e... eles têm *pra onde* levar o cliente, eles estão impondo um valor, o bom é você ser extrovertido. Se a pessoa é introvertida, ela vai se trair.

[...] o perigo é eu ter um... uma solução pra aquela pessoa, isso pra mim é o mais perigoso.

Laura: Então a gente precisa ter noção, porque nós tamos trabalhando, a gente dentro de uma postura fenomenológica, temos que trabalhar com aquilo que é o valor pra o outro. Aquilo que é o valor pra o outro defende as fronteiras do eu para o outro. E eu não posso invadir, nem definir por ele isso. Então, isso é um exemplo.

Mauro: Hã...portanto eu acho que o melhor jeito da espiritualidade entrar na psicoterapia é pela via não religiosa, não pode vir porque é uma catequese... isso é antiético por parte do terapeuta, é... não pode o terapeuta ter a agenda de converter uma pessoa à sua crença, isso é profundamente antiético, é incompetente do ponto de vista técnico, né? Então, eu assim, eu... vou insistir nesse ponto, é... eu não acho que é o papel do psicoterapeuta ser um conselheiro espiritual, né, [...]

[...] A coisa mais importante é a qualidade da escuta, e da compreensão, é... eu vou te dizer assim: um *mau* conselheiro religioso, ou o conselheiro religioso despreparado, melhor dizendo, ele vai tentar encontrar saídas fáceis, né? Gerar uma afirmação de crenças, pra tentar dar respostas pra pessoa. Mas o religioso mais maduro, o conselheiro religioso mais maduro e o psicoterapeuta à semelhança dele, é... não vai buscar respostas precoces pro que tá se passando, mas ele vai...

Érico falou do cuidado para evitar interferências moralistas em seu trabalho:

[...]Tá, o aborto. Uma cliente minha há uns tempos atrás teve uma gravidez não desejada e viveu uma dúvida imensa se abortava ou não, inclusive porque ela era fruto de uma gravidez indesejada também. Então, o... o... eu tenho que ter muito claro pra mim o quê que eu penso a respeito do aborto. [...] senão ela pode ir sutilmente, pode a terapia virar uma coisa moralista. [...] Se eu dou um caminho vira moralismo.

Laura enfatizou que um terapeuta não deve fazer encaminhamentos religiosos:

Não, não, eu não encaminho ninguém pra nada. É... porque cada tradição, religiosa é uma tradição, não cabe pra mim definir pra o meu cliente qual é a tradição que ele vai escolher, né? [...]

O meu papel é trabalhar a dimensão da consciência expandida. A *crença* de que ele quer significar isso, pra que Deus, pra que coisa, é problema *dele*. [...]

Não... não... não interfiro nas crenças religiosas dele e nem mando ninguém pra religião nenhuma. Eu não acho que isso é da ordem da psicoterapia. [...]

Inclusive, né, mesmo dentro da psicologia transpessoal que trabalha com estados ampliados de consciência, a gente não encaminha ninguém pra nada. A pessoa que tem que encontrar o referencial de crenças dela. Ou não.

Dois participantes falaram dos desafios no atendimento a pessoas religiosas, discorrendo sobre a importância de não deixar sua própria religiosidade interferir em um bom trabalho, seja mediante uma diferença ou uma confluência com as crenças do cliente:

Érico: [...] porque eu atendo muitos padres, e nisso de atender padres eu precisava ter um cuidado muito grande pro meu ateísmo não interferir e tudo, o que é um cuidado mais difícil do que agora, esse meu Deus não é um Deus católico, mas eu [...]

Mauro: Mas isso me remete ao fato de que frequentemente o cliente procura um terapeuta com a sua própria orientação religiosa, porque não... ele quer estar seguro de que *não* vai fazer contato com *aquilo* que a sua religião não permite que ele faça. Então uma área da psiquê pode ficar preservada ou protegida, às custas de uma boa psicoterapia, de bom processo terapêutico, né? Pra que as defesas da pessoa continuem por meio da escolha do seu terapeuta.

A própria escolha do terapeuta é uma expressão de defesa. Porque ele vai escolher alguém que compartilha da mesma religião, né? E que... no caso de que a sua visão de mundo religiosa seja o elemento *a la* Freud se eu chamar de... vamos usar Freud? Se o superego for inspirado naquela tradição religiosa, né? É... o... se... é... a *religião* deveria ser olhada de uma forma crítica. Mas pra preservar esse seu... esse pilar da sua estrutura de personalidade ele vai escolher um terapeuta que vai permitir que ele sinta seguro pra não olhar, pra aquilo que na verdade é um problema que vem *da* religião, da religião dele. Né? [...]

Algumas autoridades que é... interferem na economia da psique, elas vão precisar ser questionadas, e um terapeuta que seja também um conselheiro religioso... que isenção teria ele pra dar a liberdade que a pessoa precisa?

### ***US 2: Trabalho centrado na perspectiva do cliente.***

Para três participantes, o trabalho com a espiritualidade precisa ser focado na perspectiva do cliente, o que se desdobra em alguns passos. Laura sugeriu que, para iniciar, o terapeuta deve explorar o universo espiritual de seu cliente:

É... a... na prática clínica, é... eu sempre busco... uma das coisas básicas no primeiro contato que eu tenho com o meu cliente, é saber no que ele acredita. E como realidade é sempre realidade para uma existência, aquilo que ele acredita, define o bordo, define as fronteiras do eu, né?

Dois entrevistados descreveram a busca de compreender o mundo a partir dos olhos de seus clientes:

Érico: [...] aí eu fico numa boa, eu consigo compreender o Deus católico, entender o Deus dos meus clientes, dos padres, principalmente, e às vezes eu frequento missas, não sou católico estritamente mas é um... um rito que eu gosto.

Laura: Então, isso também faz parte da minha clínica, né, trabalhar com indivíduo, ele entender o que é essa multidimensionalidade, não a partir da minha perspectiva, mas a partir *da* perspectiva dele [...].

Dois entrevistados afirmaram que validam quando seus clientes usam suas crenças religiosas como sustentação para a lida com situações difíceis. Um deles sugere que uma vez que o cliente obtenha autossuporte, pode então desafiar a crença.

Érico: E... dada a situação que ele vivia, eu não confrontava essa fé, porque ela dava suporte pra ele... enfrentar o que tava mesmo muito difícil. Talvez num outro momento, quando ele superasse esse momento difícil... talvez eu confrontasse, o sentido dessa... porque aí é uma ingenuidade é... pouco critica, é uma ilusão, mas que tava alimentando, que tava servindo pra que ele se cuidasse, o que interessa, então eu não confronto.

[...] e o terapeuta tem que ter sensibilidade pra isso. Quando é que ela (religiosidade) é refúgio, e deixar o cliente refugiar-se, a gente precisa, tem hora, fugir mesmo da vida, isso é cuidado; e o quanto que ela é encorajamento e... e confirmar esse encorajamento.

Laura: [...] *Isso* faz parte do nível de suporte que ela tem. E é muito importante, né, é a regra básica da teoria de contato, pra... que algo emergja como suporte, ela precisa... para que algo emerge como figura, ela precisa de suporte como fundo. Como, por exemplo, o primeiro neto dela, o primeiro neto dela, ele nasceu com síndrome de Down. E o que ajudou ela a lidar com isso, foi a sustentação religiosa dela. [...] Porque ela virava pra mim e dizia “se ele veio assim, foi Deus quem mandou. Então, se Deus mandou, é porque a gente dá conta”. Ela dizia: “Deus da o frio, conforme o cobertor”. Então a gente pode dar conta disso, né?

Três entrevistados exemplificaram como respeitaram e acolheram os sentidos da religiosidade de seus clientes:

Érico: [...] esse seminarista que eu atendi, ele (ia) acompanhado... ele ia de hábito, não podia sair sem o hábito do seminário, ele não podia sair sozinho, então, enquanto ele estava em terapia tinha um outro seminarista, um outro padre na sala de espera esperando. Acolher isso é acolher a religiosidade dele.

[...] Porque a coordenação não permite. Só os padres podem sair sozinhos, seminaristas têm que ter um controle, ao menos uma pessoa com ele, e pra ele isso fazia sentido. Eu vou interpretar isso como falta de autonomia? Não, faz sentido pra ele. E é um sentido religioso.

Laura: Por exemplo, né... eu tava me lembrando de uma cliente minha, né, que ela é da fé Baha'i. E ela tava trazendo uma questão, né, da relação dela de casamento, ela sofria uma ques..uma ... ela vivia uma relação de casamento abusiva, né, e dentro da fé Baha'i, eles admitem a separação, né, mas, assim, eles têm um ano, eles têm um nome, eu me esqueci agora, né, eles ficam... quando eles querem separar, é... eles ficam ... eles têm uma ano de... de... esperar, né, pra ver se é isso mesmo que eles querem ou não. Então, por exemplo, eu tenho que acolher, né, e esse referencial de significado.

Mauro: É... (uma má prática) ou, também... uma pessoa vivenciar uma religiosidade, uma maneira de viver a religiosidade, é... da qual, para qual o terapeuta só tem um olhar crítico, né? Então aí o terapeuta precisa ser fenomenológico. E viver com a experiência da pessoa e os sentidos que *aquilo* traz pra pessoa né?

Dois participantes exemplificaram como ajudaram suas clientes a encontrar soluções e caminhos de acordo com seus valores e crenças:

Laura: Então nós trabalhamos muito, né, como é que ela poderia, né, encontrar uma forma, que fosse segura pra ela, e ajudei ela a desenvolver todo um nível de suporte de self como ego, né, e como é que ela poderia lidar com essa relação, já que ela ainda tinha que ficar um ano em casa com esse marido. E aos poucos, ela foi aprendendo, desenvolvendo um suporte interno, para criar limites de convivência. Então, ela criou uma alternativa, foi muito interessante, ela morava numa casa de dois andares, né, aí então ela estabeleceu uma fronteira de contato com o marido, né, então, ele ficou num andar e ela em outro. A cozinha era comum, ela organizou, com ele, horários de uso da cozinha.

[...] Então, eu... eu... eu pergunto muito, por exemplo, eu pegando ela, né? Ela falando das questões dela, é, ela é super enfrontada dentro do movimento carismático, né? Eu pergunto a ela, assim, e lá dentro do... você como católica, né, que é que você acha que pode fazer com isso? Ela diz ... não, porque eu vou rezar, aí eu faço a...a... a... como é que chama? A novena não sei das quantas, que vai me ajudar a isso... isso faz parte do referencial dela.[...]Aí eu virava pra ela é dizia: e como é que Deus pode lhe ajudar nesse momento tão difícil em que você que esperou *tanto* esse neto, né, e ele... esse, esse neto chega com a síndrome de Down. Eu tô usando o referencial de suporte que ela me trouxe. Não é a minha crença. É a crença dela.

[...] Então, independente *do* meu referencial com ele, eu vou trabalhar com o referencial dele.

Érico: [...]eu tenho que ter muito claro pra mim o quê que eu penso a respeito do aborto, pra poder ajudá-la a encontrar o caminho dela, e não pra dar um caminho pra ela. [...]então, eu lá com ela, eu tive que ter muito cuidado pra ajudá-la a... encontrar qual era o caminho dela, e não dar a ela um caminho, e... acredito que consegui.

### 3.3.3.5 Núcleo de Sentido 5: Trabalha em uma perspectiva transcendente / multidimensional.

As falas de três participantes descreveram um ser humano que é uma totalidade, uma *gestalt* que inclui diferentes dimensões (US1), também fazendo parte de uma complexidade maior, que o transcende (US2). Segundo eles, o trabalho do terapeuta deve considerar esta multidimensionalidade humana e universal, o que inclui experiências de expansão da consciência (US3).



*Figura 10:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleo de sentido "Trabalha em uma perspectiva transcendente / multidimensional" com unidades de sentido.

Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

***US 1: Trabalho com a totalidade do ser.***

Para dois participantes, a mudança em psicoterapia é o resultado de um trabalho com a totalidade do ser humano, que vai incluir as dimensões corporal, psíquica, social e espiritual:

Érico: [...] eu tenho uma concepção assim, junto com Perls. Ser humano como corpo, psiquismo ou mente, espiritualidade ou alma, tá. Eu prefiro espiritualidade, porque é função, eu prefiro psiquismo porque é função... e o que nos dá existência nesse mundo é o corpo, é o concreto, que a gente tem e é através do contato com corpo que a gente entra em contato com o psiquismo e com a espiritualidade. Então a mudança se dá por esse todo, ela (...) ela pode vir através de um movimento corporal, ela pode vir através de uma repressão de valores que muda o contato corporal, ela pode vir de uma memória que surge, e aí é o psiquismo... é... e surge... surge reveladora. Não tem uma regra e nem acredito que haja uma instância, essa é uma questão pra mim, por exemplo, da teoria do Self em Gestalt, eu (...) eu sem... eu tenho uma tradição minha... que acho que vem aí da tradição católica da minha família, de pensar em pessoa, não em alma, corpo ou mente, na pessoa (...) porque é o todo que muda. Às vezes através da função espiritualidade, às vezes através da função psiquismo, às vezes através do próprio corpo mesmo.

Laura: Sim. É.... eu acho... é... eu, eu, eu... eu gosto da definição do Jorge, Jorge Ponciano, quando ele diz: o ser humano é um ser biopsicossociocultural e espiritual. [...] Eu acho que é fundamental, que tem a ver com o reconhecimento do homem enquanto uma Gestalt.

***US2: Reconhecimento de uma dimensão maior.***

Segundo Mauro, o trabalho com a espiritualidade na clínica passa pelo reconhecimento da conexão com um todo maior, uma força organizadora que transcende as relações intrapessoais e interpessoais:

Mas reconhecer essa dimensão que nos ultrapassa, que... né? [...]

Então, essa coisa do mistério de que... nem tudo é explicável, e que parece, muitas vezes a gente tem a sensação de que tem uma força maior organizando tudo. Isso... isso é algo a ser reconhecido e honrado, algumas vezes só com o silêncio. Pouco se pode falar sobre isso.

Mas reconhecer essa dimensão que nos ultrapasse, que... né?

***US3: Vivências de consciência ampliada.***



Dois participantes relataram que a multidimensionalidade da experiência humana pode incluir vivências de expansão da consciência, que quando são trazidas para a clínica podem ser endereçadas pelo terapeuta.

Mauro dá um exemplo de um trabalho clínico quando reconheceu uma vivência de expansão da consciência de uma cliente e pôde apoiá-la:

Por exemplo, eu me recordo de uma pessoa que vivia uma crise de angústia muito grande, e... olhou para uma planta, no jardim da casa dela, tava chovendo, ela viu as gotas de chuva tocando a planta e por um momento (estalar de dedos) ela saiu da dimensão espaço-tempo e se sentiu completamente identificada com a planta, como se ela fosse a planta. Uma experiência paranormal que ela teve, vamos dizer assim. Ela *era* a planta, né?

Em outros momentos... é... aí é importante o terapeuta ter essa cultura, porque no Oriente esse tipo de experiência é bastante conhecida. Tem nome pra isso, né?

Aliás, tem graus em que isso acontece. E os nossos antepassados orientais fizeram uma... já um... todo um... um... uma catalogação desse tipo de experiência né?

Laura detalhou que não faz trabalhos para expandir a consciência de seus clientes; seu empenho consiste em ajudá-los a lidarem com suas experiências de expansão trazidas para o consultório, mediante recursos clínicos que aplica ou ensina:

Eu não trabalho com o meu cliente ele expandir a consciência no consultório. Eu trabalho com o cliente, o cliente que já vem com a consciência expandida, ele poder lidar com isso.

Então, isso também faz parte da minha clínica, né, trabalhar com indivíduo, ele entender o que é essa multidimensionalidade [...] ajudá-lo a ele fazer as pazes com a multidimensionalidade dele, ele poder lidar com isso, né?

Laura exemplificou como trabalha com clientes que experienciam a expansão da consciência mediante o uso de recursos corporais:

Eu, como Gestalt-terapeuta, eu tenho... eu sou uma das Gestalt-terapeutas que trabalha muito com o corpo, né? Então eu trabalho muito com os meus clientes a respiração, o enraizamento, né, pra ele poder, pra ele poder *vir* para a terceira dimensão e poder

integrar a multidimensionalidade *na* terceira dimensão. Então... a... a... a questão entra por esses aspectos.

O outro exemplo é o exemplo de experiência de consciência ampliada. É... (pausa) o... o... eu tinha um cliente, né, que tinha... é... ele tinha sonhos premonitórios. Muito fortes, né. Ele tinha sonhos, ele tinha experiências premonitórias, ele ampliava às vezes a consciência de onde ele tava, às vezes ele não sabia, né, onde ele tava ou não. Então, a primeira coisa que eu trabalhei, né, foi enraizamento, né, todos os trabalhos de enraizamento para ele poder, no momento em que ele tava numa situação de vida normal, ampliasse a consciência, ele poder voltar pra terceira dimensão, né, e... poder se situar, porque ele tava se pondo em risco. Imagine ele ampliar a consciência dirigindo um carro. Ele podia bater, ou, e às vezes ele tinha a sensação que ele não sabia qual era a realidade, né? Então, ficava muito difícil pra ele se mover no mundo e fazer escolhas, se ele tinha diferentes re... ele *acessava* diferentes realidades e não sabia qual realidade que era a dele. Ele não era psicótico. Ele ampliava a consciência. Ele tinha clareza do que tava acontecendo com ele.

Ele sabia. Então, a gente... eu trabalhei primeiro com ele, o enraizamento, o enraizamento pra ele poder se conectar com o que era a realidade da terceira dimensão, *desse* universo que ele estava vivendo, agora, das infinitas realidades do multiverso que ele experienciava. Então, isso é uma coisa.

Depois... *depois* que ele conseguiu viver isso, né, lógico que ele trabalhava muito com dever de casa, como nós Gestalt-terapeutas trabalhamos, pra ele poder ir treinando isso no cotidiano dele.

E depois, também, ele aprender a enraizar antes de dormir, né, para ele não poder mais... não ter mais esses sonhos.

Ela deu um exemplo de quando trabalhou a culpa e a responsabilidade de um paciente em relação a suas vivências de expansão:

[...] Fica com aquela culpa enorme, de que você é responsável, se você não poderia fazer alguma coisa, para evitar aquelas coisas que acontecessem ou o que fosse, né? Então, ele tomar consciência que ele expandia a consciência, né, expandia a consciência, você... a flecha de tempo muda. Você é absolutamente atemporal, né, então, ele poder tomar a consciência disso, né, e tomar consciência que... isso era algo que não era da responsabilidade dele, né? Então ele fazer *as pazes* com isso, trabalhar *a culpa* dele, isso foi *todo* um processo, né?

A entrevistada Laura afirmou que faz uma separação entre o trabalho com expansão da consciência e seu sentido religioso, inclusive se abstém de fazer encaminhamentos religiosos.

[...] Então, eu trato com ele... as questões dele de consciência expandida, a expansão *da* consciência, que não tem nada a ver com religião. A religião é uma coisa,

consciência expandida é outra. Religião são estruturas construídas pelo homem, né, a partir de seu referencial de crenças e que lidam com consciência expandida ou não. O meu papel é trabalhar a dimensão da consciência expandida. A *crença* de que ele quer significar isso, pra que Deus, pra que coisa, é problema *dele*. [...]

Inclusive, né, mesmo dentro da psicologia transpessoal que trabalha com estados ampliados de consciência, a gente não encaminha ninguém pra nada. A pessoa que tem que encontrar o referencial de crenças dela. Ou não.

[...] Porque ele não precisa necessariamente ter uma crença religiosa pra trabalhar com a consciência expandida. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Consciência expandida independe de religião. Eu acho que isso é uma das coisas importantíssimas da gente se apropriar. Nós somos seres multidimensionais, né, é... a física traz todo um estudo sério sobre isso, né, o Michio Kaku, que é uma das referências da física atual, já trabalha com conceitos de multiversos, né, no livro dele Hiperespaço ele já fala de quinze dimensões. Então, falar de multidimensionalidade não tem *nada* a ver com religião. Eu acho que, psicoterapia é psicoterapia. Religião é religião. Eu acho que é *muito* importante se ter essa diferença.

Se o meu cliente me pergunta, por exemplo, se tem, se tem algum sistema, algum lugar para trabalhar isso, eu indico, eu indico para a DEP – Dinâmica Energética do Psiquismo - que não tem nada a ver com tradição nenhuma religiosa, pra ele aprender a trabalhar a expansão no corpo. Só isso. *Quando* ele me pede. Eu dou uma *sugestão*, e nem mando. Eu digo que *tem* isso. Pra ele ir procurar. Saber, se informar, ver se ele se sente confortável e tal.

Eu, às vezes, quando um cliente me pergunta, eu encaminho para a Dinâmica Energética do Psiquismo, né, porque é uma *escola* que não tem nada a ver com religião, né? É uma escola de auto-desenvolvimento, não é?

### **3.3.3.6 Núcleo de Sentido 6: Integração entre religião, religiosidade e espiritualidade.**

Este núcleo inclui falas dos participantes sobre temas de religiosidade e religião levados ao consultório, com exemplos de como trabalhar com os mesmos. Os participantes descreveram a necessidade de integrar esses temas com a espiritualidade do cliente, o que inclui poder fazer discriminações entre cada um dos tópicos, mas também reconhecer a relação entre eles, em uma perspectiva não dualista.

Sete unidades de sentido se configuraram das falas dos entrevistados: compreensão das vivências religiosas dos clientes (US1); integração do ateísmo (US2); evitação do papel de

conselheiro religioso (US3); reconhecimento dos idiomas religiosos do cliente (US4); encorajamento de liberdade de escolhas (US5); incentivo de soluções dentro do grupo religioso do cliente (US6); saber diferenciar espiritualidade de religiosidade (US7). As unidades de sentido estão apresentadas no diagrama abaixo (Figura 11).



*Figura 11:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleo de sentido "Integração entre religião, religiosidade e espiritualidade" com unidades de sentido.

Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

***US 1: Compreensão das vivências religiosas do cliente.***

Uma entrevistada relatou alguns passos do trabalho de dar suporte para que o cliente compreenda melhor suas experiências religiosas, podendo dar sentido às mesmas e integrá-las com a totalidade de sua vida.

Bella descreveu a busca por compreender o sentido das mudanças de religião dos clientes: "[...] e fico me perguntando qual as razões, quando isso não vem de família, por exemplo, é escolhido, né, qual as razões dessa pessoa eleger esta forma de professar a sua religião, eee... e fico me questionando disso, éee [...]"

Bella sugeriu a importância de acessar a congruência entre religião e religiosidade de seu cliente, para promover uma integração entre elas.

[...] outra coisa que eu faço, é assim, eu tento observar nas metáforas, nos sonhos da pessoa, nas fantasias, essas concepções imagéticas do divino, e que as vezes independem da religião que a pessoa professa, por exemplo, eu já vi isso em duas pacientes que eram cristãs originalmente, católicas, e tornaram-se budistas. Quando eu vou observar as metáforas, os sonhos e as fantasias e os valores fundamentais, elas continuam sendo cristãs, né...

E aí eu vou apresentando isto da maneira que é possível, né, éee... porque a gente sabe que uma das, das coisas importantes no trabalho de terapia é que possa haver uma integração entre a religião e a religiosidade. Isso nem sempre caminha na mesma direção, no caso dessas pacientes é um exemplo... a religião professada é budismo mas a religiosidade, ela era cristã...

Bella afirmou que procura relacionar as escolhas religiosas e a história de vida da pessoa, para compreender melhor seu sentido:

[...] então o que que eu vou questioná-lo, eu tenho que respeitá-lo e acatar o modo de ser, cê vê, e isso tudo tem a ver com a biografia da pessoa também, ele viveu num meio altamente opressor e altamente de terceirização de responsabilidades, porque pra mãe tudo era "porque Deus quis, porque Jesus falou", porque é sinal do do além, porque... tudo era terceirizado como responsabilidade, né, ele cresce a partir da própria experiência sendo a responsabilidade uma busca pra ele, que se tornou caminho fundamental, então, na história dele esse ateísmo, se a gente for olhar mais profundamente, faz muito sentido, né?

Segundo Bella, o trabalho terapêutico pode possibilitar que o paciente reconheça o caminho religioso que faz sentido para sua existência, podendo ser autêntico em suas escolhas:

[...] pra outras pessoas isso provoca uma eterna, um eterno embate, tem gente que nasce num campo religioso cristão e tem uma formação cristã e de repente lá pelas tantas, você vai percebendo que a imagem que a pessoa faz éee... é xamânica... Deus pra ela é o mundo natural... e aí de repente ela vai parar num candomblé, ela vai parar, né... numa tradição afro, ou mesmo num xamanismo, ela vai se percebendo, eu não, não conduzo isto...

[...] E aí as identificações, as alienações, as frustrações, as, os encontros, os desencontros né, é nesse sentido que eu trabalho com a pessoa, quando a pessoa está engajada numa prática religiosa ou dita espiritual, eu vou trabalhar no sentido de ajudá-la a tornar aquilo mais pessoal possível, ou seja, que ela assimile aquela experiência e torne aquela experiência pessoal, quer dizer *dela*, né... ou então se despeça na direção do que pra ela faz mais sentido, né, ou então acatando aquele modo de ser...

A participante ainda cita Fritz Perls, que foi capaz de integrar sua religião com sua religiosidade:

Há coisas interessantes porque há pessoas que integram, o Perls era um, ele era um zen judeu... Ele integrou uma religiosidade oriental, né, que tem inclusive, éee... tem uma concepção de absoluto impessoal, não tem concepção do divino... Com uma tradição judaica, onde o absoluto é pessoal, né, é uma relação, né... então ele, ele faz esse casamento, e isso é absolutamente singular, então pra algumas pessoas dá certo isso, [...]

***US2: Promove integração do ateísmo.***

A participante Bella descreveu que foi capaz de reconhecer a dimensão espiritual no ateísmo professado por um cliente:

Tive um paciente ateu, por exemplo... éee... a mãe dele era uma carola vinte cruces né, e ele se dizendo um ateu vinte cruces também, e um dia eu perguntei pra ele, mas que... que é que você compreende sobre o seu ateísmo?

E ele disse pra mim... eu sou ateu porque eu acredito profundamente na responsabilidade, esse era o Deus dele, o nome do Deus dele era responsabilidade... é o

horizonte, é o valor absoluto colocado no horizonte... é uma concepção religiosa, ele não sabe que é, né, não é uma religião, mas é uma concepção, né, do absoluto... então ele era um ateu espiritualizado, porque ele era um homem de uma correção, de uma responsabilidade, ele vivia por aquele valor maior, mas que não tinha nada de religioso, né, [...]

***US 3: Evita papel de conselheiro religioso.***

Dois participantes enfatizam que, embora lidem com os temas religiosos discutidos por seus clientes, evitam se posicionarem no papel de conselheiros religiosos ou ainda se envolverem com a agenda religiosa do paciente.

Érico: E tem um sentido que ele (Viktor Frankl) diz que é da área da teologia, que é o do mundo. Pra que que existe o universo, que sentido tem o universo, que sentido tem Deus ou deuses, então isso é da... não é da nossa área... e aí não que acho que é dupla mensagem quando o cliente trabalha os dois primeiros sentidos aqui comigo (sentido da vida e das coisas que acontecem), e busca uma religião pra trabalhar outra... que ele relata aqui... mas aqui ele não relata o religioso, relata o vivido, e a gente trabalha esse vivido. Não é questão... se Deus existe, se Deus não existe, não é questão da terapia...

Mauro: Então, eu assim, eu... vou insistir nesse ponto, é... eu não acho que é o papel do psicoterapeuta ser um conselheiro espiritual, né, [...]

Mas assim, eu sei de pessoas que me procuram, eu sei, muitas pessoas me procuram por conta desse trabalho que eu faço, faço um trabalho de conexão entre espiritualidade e psicoterapia. Mas quando as pessoas vêm pra cá, elas não vão encontrar um... assim, um contexto, é... de aconselhamento espiritual. A gente vai a fundo na experiência delas, né?

[...] e... até onde o espaço terapêutico é um espaço *religioso*? Essa é uma questão que a gente vai ter que lidar com ela, assim, que... aumenta muito o número de pastores que procuram, procuram a psicoterapia, é... como uma forma de melhorar a sua relação com o... com os... com um melhor entendimento da vida humana, mas trazendo com eles uma agenda religiosa né?

***US 4: Reconhecimento dos idiomas religiosos dos clientes.***

Três participantes descrevem que buscam conhecer o universo religioso de seus clientes para facilitar o diálogo e a compreensão clínica.

Bella: Então...quando a pessoa, ela professa uma crença determinada, né, o que eu faço... é, se eu tenho um pouco de conhecimento, são águas que eu navego com maior

tranquilidade pra dialogar, meu objetivo sempre... é, [...] é falar, é tentar falar o idioma pessoal do paciente... éee... quando eu conheço, esse processo facilita, né, então, por exemplo, se eu tô com um paciente judeu, éeee... e eu conheço a mitologia judaica, um pouco da história da religião, eu consigo dialogar nesse registro e eu observo que isso faz muito bem a eles, né... quando eu num conheço eu trato de estudar um pouco, [...]

Laura: Então, quando um cli... quando eu pergunto pra um cliente meu, no primeiro encontro, né, qual é a fé dele, eu vou procurar saber quais são os valores, então, por exemplo, essa cliente foi a primeira cliente da fé Baha'i. E, depois disso, eu tive vários. Então, esse primeiro cliente da fé Baha'i, eu pedi a ela livros da fé Baha'i, pra eu poder estudar, pra eu *entender* o raciocínio dela. Né?

Mauro: É... uma pessoa pouco... com poucas leituras, dessa... desse universo religioso, concordaria que é uma experiência ehh... alucina... alucinatória, vamos dizer assim. Mas existe uma abundância de exemplos desse tipo de experiência na literatura religiosa, na literatura espírit... espiritualista, ou na literatura paranormal.

#### ***US 5: Promoção de liberdade de escolha.***

Todos os entrevistados discorreram sobre a importância de incentivar que o cliente faça suas buscas espirituais e religiosas, sem direcioná-lo, facilitando a liberdade de escolha:

Bella: [...] o que eu faço quando a pessoa está perdida nesse campo e querendo encontrar algum tipo de caminho, de prática, o que eu ajudo é que a pessoa faça experiências... que ela procure, que ela visite, que ela experimente, que ela avalie, que ela leia, que ela vá a uma livraria, que ela por intuição eleja um texto, que ela consulte um sacerdote, peça uma indicação de um amigo, eu vou acompanhando esse fluxo né, de busca...

Érico: [...] é... quando *o cliente* tem iniciativa, eu sei, eu sei que eu o apoio. Muito comum, eu tou com um cliente agora que tá um trabalho bonito, deve ter uns seis meses, e uma das coisas que começa a repercutir agora na melhora dele, ele volta a procurar o espiritismo, que é a religião de origem, eu acho ótimo [...]

Esse próprio cliente, ele é do... (outra cidade) [...] ele dizendo "tou procurando um centro espírita. Foi em um, não gostei"... aí eu disse: "Alguns clientes meus frequentam tal... e as histórias que eu tenho são boas". Isso é uma forma de dar suporte pra esse religioso. [...] Eu não falei, "vai lá e fica"; falei: "existe esse centro". Eu tou validando a procura.

É... numa postura mais tradicional psicanalítica, eu não falaria, (...) e eu acho que posso falar. Não tou dizendo que ele vá pra lá... mas deixe que vá, pode ser que ele goste.

Laura: Então, eu não... se o cliente me pergunta, por exemplo, ah, eu gostaria de fazer meditação, vocês conhecem algum lugar que tenha meditação? Eu digo, os centros



budistas tem, que o pessoal da *Brahma Kumaris* tem, né, que esses são os que eu conheço, e digo pra eles o endereço, mando ele pesquisar, ir, experimentar um lugar, outro lugar, que tem a meditação transcendental também, eu não sei em (cidade onde trabalha) onde é que... que tem núcleos de meditação transcendental, mas que ele bus... busque na internet, né?

Então, eu dou *sempre* para o cliente uma gama de possibilidades, que eu acho que é da ordem do meu cliente, e digo a ele vá, experimente, encontre o que lhe cabe. Eu acho que... uma coisa é aconselhamento religioso, isso não é da ordem da psicoterapia.

Mauro: Então, é bom o terapeuta ter leitura sobre isso (assuntos religiosos / de paranormalidade) pra poder inclusive indicar, né? Indicar fontes pra que a pessoa mesma pesquise, né?

[...] Aí envolve uma mudança, porque, pra uma pessoa que tem um *background* católico, também é uma questão começar a ter práticas budistas, né? É... aí felizmente também, por eu estar preparado, pra esse tipo de discussão, é... ficou mais fácil pra ele entender, que não se trata de Flamengo ou Fluminense, se trata da experiência humana, e do que que pra ele é importante, o que que faz sentido pra ele, e que ele tem a liberdade de escolher os seus caminhos e que escolher caminho significa integrar... coisas que são um pouco estranhas, ou... ser livre pra remodelar o papel que cada... vamos dizer assim, cada organização que tem na vida dele. Então o tema em questão era a liberdade dele, como integrar um elemento que vem de outra religião né? É...

#### ***US 6: Incentivo de soluções dentro do grupo religioso.***

A participante Laura afirmou que a religião de seus clientes também pode ser tratada como uma fonte de soluções para seus problemas, descrevendo uma paciente que usou a rede social da sua igreja para superar suas dificuldades de socialização:

[...] E ajuda pra burro. Então, por exemplo, às vezes eu tenho cliente, de terceira idade, que, o cliente que tem uma dificuldade grande de socialização, dependendo da religião que eles têm, né, tem toda uma vida social na igreja, no templo, no que seja. Eu pergunto a eles...se eles já viram, né, os grupos sociais que tem dentro do... do... âmbito da religião deles, encaminho, ajuda muito.

#### ***US 7: Saber diferenciar espiritualidade e religiosidade.***

Érico pontuou a importância de o terapeuta saber diferenciar religiosidade de espiritualidade:

Ah, eu quero enfatizar... é uma coisa que nesse grupo a gente fez muito, se a gente tem bom conceito do que é espiritualidade e do que é religiosidade e como elas se diferenciam, a gente tende a ser mais útil para nossos clientes. Falta... o senso comum mistura muito os dois termos, um pelo o outro e o outro por um. E nós como profissionais, estudiosos e acadêmicos, precisamos nos posicionar no sentido de discriminar, porque essa discriminação favorece o trabalho terapêutico e favorece até o cotidiano.

### 3.3.3.7 Núcleo de Sentido 7: Uso de recursos técnicos.

Os quatro participantes falaram do uso de recursos na lida com temas de espiritualidade, sendo que alguns destes são oriundos de escolas espirituais. Suas falas se desdobraram em duas unidades de sentido: na primeira, descrevem as diversas técnicas empregadas na clínica (US1) e na segunda discutem como usar as técnicas (US2). As unidades de sentido estão apresentadas no diagrama abaixo (Figura 13).



*Figura 13:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleo de sentido "Uso de recursos técnicos" com unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

***US 1: Técnicas empregadas.***

Três participantes relataram as técnicas que utilizam para lidar com a dimensão espiritual na clínica, oferecendo alguns exemplos: (A) recursos que ampliam a consciência; (B) recursos que ancoram no aqui e agora; (C) experimentos de integração da corporeidade; (D) diálogo com a dimensão espiritual; (E) promoção do silêncio; (F) recursos meditativos; (G) oração e reza; (H) perdão; (I) metáforas e parábolas. Um participante reportou que não faz uso desse tipo de recurso.

(A) Bella descreve o uso de recursos que ampliam a consciência, como arte, fantasia e trabalhos corporais, que considera mais aplicáveis em terapias de grupo:

Então... todo trabalho de ampliação de consciência, até o mesmo trabalho corporal, ele pode levar a estados de ampliação de consciência, né, então no consultório clássico eu não tenho como fazer esses trabalhos...

Então tem essa dimensão, é óbvio, tem às vezes uma fantasia dirigida, uma visualização criativa, tem uma série de, aí, recursos terapêuticos, a própria, recursos de arte terapia, né, mandalas, desenhos...

[...] mas isto (uso de recursos diferentes do diálogo terapêutico) aparece mais nos meus trabalhos grupais do que propriamente na clínica individual, embora isso aconteça também...

(B) Laura descreve o uso de recursos que ancoram o cliente no aqui e agora, como técnicas de respiração e enraizamento:

Eu, como Gestalt-terapeuta, eu tenho... eu sou uma das Gestalt-terapeutas que trabalha muito com o corpo, né? Então eu trabalho muito com os meus clientes a respiração, o enraizamento, né, pra ele poder, pra ele poder *vir* para a terceira dimensão e poder integrar a multidimensionalidade *na* terceira dimensão. Então... a... a... a questão entra por esses aspectos.

Eu... eu... eu uso muitos recursos, eu uso respiração, eu uso enraizamento, né, por exemplo, eu... eu uso muito com clientes meus que têm ansiedade, que têm pânico, com o nível de estresse muito alto, eu uso muito a respiração nas costas, que leva eles pra um espaço... um espaço de silêncio, né?

Então, eu acho que isso são recursos que ajudam... o cliente... dentro do... as práticas meditativas, os exercícios de respiração, né, os exercícios de enraizamento, para ele poder estar mais presente nesse aqui agora. Ter uma melhor qualidade de presença, né? E apropriar-se mais de si.

(C) Laura também cita o uso de exercícios que promovem consciência e integração da corporeidade, como o toque e o movimento:

Eu uso muito trabalhos também de movimento, de desbloqueio das tensões corporais, com movimentos, com posturas, toques sutis, toques profundos, né, pra ativação do simpático, do parassimpático, são recursos que eu uso bastante. Muito trabalho de consciência corporal, eu uso muito o corpo. O corpo tá muito presente na minha prática clínica.

(D) Mauro descreve exercícios que podem promover o diálogo com a dimensão espiritual:

Bom, e tem outras coisas que eu sei que eu far... eu nunca fiz, mas eu faria, se a (gagueja), se as questões viessem aqui, né? Como por exemplo... é... (pausa) se eu encontro uma pessoa que tá começando a viver um desacordo com Deus, que esse seja o espaço para que o seu desacordo apareça, e que ela possa expressar o que tá sentindo. E talvez num experimento de cadeira vazia, escutar o que Deus diria pra ela. [...]

Porque o que a gente busca é fazer contato com a experiência real, né? E numa experiência hipoteticamente assim... de fazer uma cadeira vazia com Deus, acredito que é... algum colega já deve ter feito isso, né? Provavelmente... viriam coisas muito ricas.

Eu fiz um... ahn... terapia de grupo como um cliente, com um terapeuta que teve formação em Gestalt, mas que depois foi pra... em outra direção, e... nessa terapia de grupo ele me surpreendeu, é... fazendo um experimento de cadeira vazia, com... um cliente, e isso eu já usei no consultório, ele criou a cadeira alta (risos). A cadeira alta é... vamos dizer assim, o que aquela dimensão maior nela vê da situação toda que ela está vivendo, né? Um jeito muito criativo de lidar.

[...] Como se fosse o eu observador, exatamente. O observador cósmico, assim, né?

É... eu já usei ahn... muitas vezes essa... essa técnica dele, não pra questões religiosas, mas pra qualquer religião, qualquer situação de vida, né?

(E) Duas entrevistadas relataram a importância de recursos que promovem o silêncio:

Bella: [...] por exemplo, em (cidade do interior onde trabalha) eu tenho um espaço que ele fica num lugar onde eu tenho montanha, onde eu tenho um pequeno lago, eu tenho peixes, eu tenho árvores ...

[...] mas é muito interessante, [...], porque as pessoas vão lá e me pedem pra chegar antes ou ficar um pouco depois, né, eu tenho uma pequena capela lá, éee...e as pessoas me pedem, e elas me dizem que lá elas conseguem experimentar um silêncio que em

geral elas num, não conseguem viver e que só de ir lá pra ouvir aquele silêncio, que é um silêncio vivo, eu já ouvi isso de várias pessoas, elas já saem melhor, né?

Laura: Eu... eu... eu uso muitos recursos, eu uso respiração, eu uso enraizamento, né, por exemplo, eu... eu uso muito com clientes meus que têm ansiedade, que têm pânico, com o nível de estresse muito alto, eu uso muito a respiração nas costas, que leva eles pra um espaço... um espaço de silêncio, né?

(F) Dois participantes descreveram o uso de recursos meditativos. Em um primeiro momento, falam de *mindfulness*, usada com seus clientes no consultório:

Laura: Em Gestalt-terapeuta (sic) a gente usa muito *mindfulness*, a gente usa muito o contínuo de *awareness*... o *mindfulness* é um... é um aprimoramento do contínuo de *awareness*, né... então eu uso muito o contínuo de *awareness*, o poder estar no aqui agora, a sustentação... isso eu uso direto com os clientes. Inclusive dou a eles como dever de casa.

Mauro: [...]Mas quem fez isso explicitamente no começo foi a própria Gestalt terapia. Porque os experimentos de *awareness* que marcaram a primeira fase da psicoterapia, se aproximavam de *mindfulness*. Foi a Gestalt que criou a expressão dentro do universo terapêutico, não criou, mas enfatizou, "estar presente aqui e agora", que é a base de *mindfulness*. Então a Gestalt que é precursora dessa prática no universo da terapia. Só que nunca, isso nunca foi feito de forma metódica, como hoje é feita pela, pela TCC e [...]

[...] Então eu aqui frequentemente uso também experimentos de *mindfulness*, né?

[...] A outra coisa que é muito hoje é muito e cada vez mais presente em todas as psicoterapias e isso vem por conta de pesquisas de neuro, neurofisiologia. É...*mindfulness*, né? *Mindfulness* é uma expressão que é originária do budismo, né? E... não se, não precisa... a maneira como *mindfulness* tá chegando no universo da psicoterapia é assim, despido de toda filosofia que dá base ao *mindfulness*. A base é a... são as pesquisas.

Eles também falaram que indicam aos clientes que que seus pacientes busquem as práticas meditativas fora do consultório:

Laura: Os clientes que... os clientes que se sentem confortáveis... a meditação, eu indico muito. (pausa)

Mauro: [...] É... recomendo que a pessoa... recomendo instituições que fazem o treinamento de *mindfulness*... [...]

Recentemente eu atendi uma... um funcionário público, com uma... é... com quadro de TOC, grave, né? É... é... eu indiquei *mindfulness* como parte do trabalho, ele foi fazer *mindfulness*, né? Aprendeu e... e quando os sintomas começaram a melhorar, é... quando as fontes de tensão da vida dele começaram a ser modificadas, portanto, o nível de ansiedade diminuiu e aí o sintoma sumiu, né?

(G) Dois entrevistados expuseram que podem sugerir a prática da oração, quando ela está de acordo com as crenças religiosas do cliente:

Laura: [...] eu posso pedir a um outro cliente (que se declara católico), né, como é se ele reza o terço toda noite antes de dormir, por exemplo. Aí o cliente vai rezar o terço toda noite antes de dormir, entra em *alfa*, né, porque ele tá ali rezando, repetindo ave Maria, ele tá fazendo um mantra, que o terço é um mantra, ele relaxa e dorme.

Mauro: Já por exemplo, se eu fizesse... se eu propusesse, é... "faça uma oração pra Jesus", eu acho que estaria deixando de fazer psicoterapia. Eu estaria vinculando o trabalho a uma visão religiosa específica, né?

É claro que... se o terapeuta e o cliente compartilham dessa mesma perspectiva, né? Dessa mesma perspectiva, eu imagino que uma proposta como essa até faria sentido, até faria sentido.

(H) Mauro descreveu a possibilidade de usar um recurso de origem religiosa, despidido desta conotação, para trabalhar o perdão com seu cliente:

[...] ou mesmo algumas práticas, por exemplo, quando nós chegamos numa... quando... vou criar uma situação hipotética, eu chego, eu e o cliente chegamos em um momento em que não há outra saída a não ser perdoar a pessoa e a pessoa entra no drama de não conseguir perdoar, né. É... eu posso usar como experimento, propor a ela um experimento, que é uma visualização e algumas frases, que vêm de uma organização religiosa específica, cujo tema é perdão. Eu proponho, não digo qual é a origem, porque eu não quero, não digo a origem e... porque se eu disser a origem eu misturo a psicoterapia com o caminho religioso; se depois da prática, ela quiser saber, aí eu diria, mas eu prefiro não dizer, mas, é... mas o que eu estou fazendo é integrar à psicoterapia uma prática que vem de uma religião, esse é um exemplo muito claro. Existe uma... chama... chama oração do perdão, de uma organização religiosa, que é extremamente forte como experimento psicológico e eu proponho fazer o experimento, né. *Em geral*, o que acontece, ou a pessoa não consegue chegar até o fim da prática, porque não se autoriza ainda a viver um processo de perdão, e aí a gente tem que respeitar, né, ou ela tem... ela tem um lampejo de experiência de perdão estimulado por esse, né, por essa...

(I) Mauro descreve o uso de histórias, metáforas e parábolas:

[...] mas eu acho que se o terapeuta tiver a cultura dos ensinamentos espirituais que são esclarecedores sobre os dramas humanos, às vezes, uma citação, ou uma história, ou uma parábola, cai muito bem na hora da... dependendo do tema, e... agora, isso depende, claro, da cultura do terapeuta em cima de, é... de temas espirituais, né? (pausa longa) Metáforas, ensinamentos específicos, é...

Já Érico descreve que prefere não usar recursos oriundos da espiritualidade:

[Formas de trabalhar espiritualidade... alguns terapeutas falam de recursos espirituais como o silêncio, como meditação, oração]. Eu não lido com nada disso... eu acho que isso é junção de duas áreas, uma junção perigosa. Quando você entra com a questão da religiosidade *na* terapia, você tem um risco grande de passar uma dupla mensagem [...]

### ***US 2: Como usar as técnicas.***

Os participantes também caracterizaram *como* usam os recursos, abordando temas como o cuidado com as crenças do cliente, a atenção à linguagem usada, o evitar se colocar em uma postura de catequese.

(1) Laura afirmou que evita propor atividades contrárias às crenças dos clientes:

[...] Eu acho que não funciona é você, isso é minha regra básica, não funciona, é você propor alguma coisa que vai de encontro exatamente à referência de crença do cliente. [...]

Pra mim essa regra básica, que vai fazer a diferença do que funciona e do que não funciona. Eu acho, isso é fundamental. Por exemplo, uma cliente minha, que é carismática, imagina que eu vou mandar para ela fazer meditação? Não tem nem sentido.

[...] Mas eu pergunto a ela (uma cliente católica carismática) se ela faz novena, se ela reza o terço, rezar o terço é um estado meditativo, que acalma, completamente, ativa o parassimpático e acalma o estado mental dela.

E disse que busca uma adequação dos recursos aos referenciais dos clientes:

Então, pra mim, o que funciona é você *adequar* a sua proposta, ao referencial de significados do cliente. Que essa é uma regra básica pra nós como Gestalt-terapeutas. Então, eu posso pedir pra um cliente pra meditar, eu posso pedir a um outro cliente, né, como é se ele reza o terço toda noite antes de dormir, por exemplo. Aí o cliente vai rezar o terço toda noite antes de dormir, entra em *alfa*, né, porque ele tá ali rezando, repetindo ave Maria, ele tá fazendo um mantra, que o terço é um mantra, ele relaxa e dorme.

(2) Dois participantes afirmaram que têm cuidado com o linguajar que usam com seus clientes:

Laura: Então, por exemplo, se eu vou propor um exercício de enraizamento, eu tenho muito cuidado com isso, com que linguagem eu estou usando, né, para que aquilo não fira o referencial de crença do cliente.

Eu acho que a gente precisa ter *muito* cuidado pra isso, né, a questão da linguagem, eu acho que isso tem muito a ver com nós Gestalt-terapeuta, né, pra nós, Gestalt-terapeutas, as coisas não estão no *que*, as coisas estão no *como*. Então, é o cuidado com o como.

Mauro: Agora, a dificuldade do terapeuta é como nomear isso, porque aqui a gente corre o risco de tangenciar questões éticas, né? Vou eu aqui começar a falar de Deus, que Deus tá, sabe? Sei lá, se... é... como eu não uso essa expressão de Deus, eu não uso, talvez não tenha lugar, no *entre* como trabalhar. A nomenclatura seria outra, mas se eu fosse um terapeuta que... na minha vida pessoal colocasse a expressão Deus, talvez entrasse com mais facilidade no consultório, mas as questões éticas envolvidas seriam mais sérias. Porque a expressão Deus tá carregada de muita coisa. Ela vem com muito significados agregados e [...]

(3) Mauro enfatizou que os recursos oriundos da espiritualidade não podem ser usados para conversão espiritual dos clientes, mas sim como instrumentos terapêuticos:

Então, aqui eu já antecipei pra um assunto: como alguns instrumentos que são oriundos do universo religioso podem ser usados na... na psicoterapia, desde que eles não se configurem como uma espécie de catequese, mas sejam considerados como instrumentos terapêuticos. Eu... eu sou tão radical nisso, que eu prefiro não dizer a origem...

Se (o cliente) insistir (em saber a origem) eu posso dizer, mas com todo cuidado, colocando que esse não é o espaço religioso, mas que eu reconheço o poder terapêutico daquela prática dessas religiões, que, na verdade, foram as terapias do passado, e que... e que pode ser utilizada aqui, né.



### 3.3.3.8 Núcleo de Sentido 8: A espiritualidade do terapeuta.

Dois participantes falaram sobre como sua própria espiritualidade pode mediar seu trabalho clínico, detalhando que esta pode lhes proporcionar autossustentação (US1) e guiança (US2) para estarem presentes com seus clientes. Entretanto, enfatizaram que se trata de um recurso privado, que não deve interferir na relação com o cliente. As unidades de sentido estão apresentadas abaixo, em formato de diagrama (Figura 14).



*Figura 14:* Como o psicoterapeuta trabalha temas de espiritualidade na clínica - núcleo de sentido "A espiritualidade do terapeuta" com unidades de sentido. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

#### ***US 1: Espiritualidade como autossustentação.***

Laura afirmou que sua própria espiritualidade lhe serve como sustentação, de forma privada, dentro de suas próprias crenças, sem interferir naquelas do cliente. Indagada como suas crenças e sua espiritualidade interferem no trabalho terapêutico, ela afirmou:

Eu diria... eu não diria interfere, eu diria dá sustentação para o meu trabalho terapêutico. Então, antes... eu chego no consultório, eu me alinho, eu me centro, né, pra poder atender.

[...] Exatamente. Que é como eu lhe falei, né, a...a... espiritualidade funciona como uma sustentação. Do mesmo jeito que vai funcionar como sustentação para o meu cliente, vai funcionar como sustentação pra mim.

[...] Só que o meu referencial, não é, necessariamente, o referencial dele.

[...] me alinho com as energias de cura do universo, mas, isso sou eu, em silêncio, né, dentro do *meu* referencial de crenças, tá? Então, aí eu me sinto mais inteira, para poder estar com a clientela, em determinados trabalhos, que são trabalhos muito delicados e difíceis. E que meu cliente não sabe disso e nem precisa saber. Isso é meu.

### ***US2: Espiritualidade como guiança para o trabalho.***

Dois participantes falaram sobre como sua própria espiritualidade funciona como uma guiança para seu trabalho:

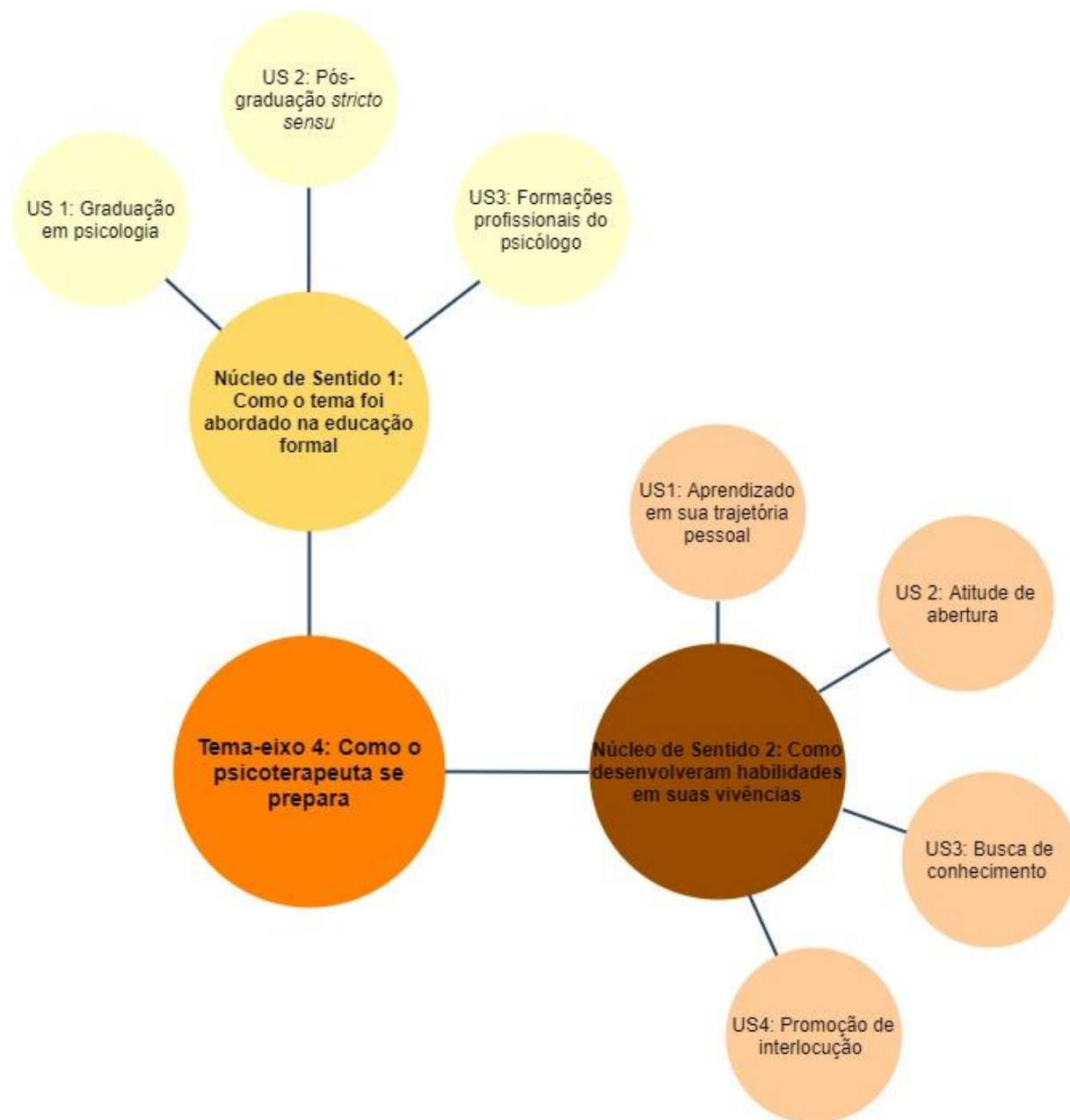
Laura: Quando... antes de fazer, de iniciar às vezes algum trabalho mais delicado, mais difícil, eu peço guiança dos meus guias espirituais, dos meus animais de poder, porque eu tenho uma vinculação grande também com o xamanismo, então, dentro do meu referencial de crenças, eu invoco as questões que são, pra mim, o meu referencial de suporte, eu alinho, peço... peço guiança do reino angélico, peço guiança dos meus animais de poder, peço guiança, peço... me alinho com as energias de cura do universo, mas, isso sou eu, em silêncio, né, dentro do *meu* referencial de crenças, tá? Então, aí eu me sinto mais inteira, para poder estar com a clientela, em determinados trabalhos, que são trabalhos muito delicados e difíceis. E que meu cliente não sabe disso e nem precisa saber. Isso é meu.

Mauro: E a minha base é essa, a espiritualidade, ela tá guiando o processo. Isso é muito importante, que a espiritualidade é o que guia o processo. Justamente porque a espiritualidade tá... é a dimensão central da psique. Né?

### **3.4 Tema eixo 4: Como o psicoterapeuta se prepara**

Este tema eixo relaciona-se à pergunta disparadora "Como o terapeuta se prepara para trabalhar temas espirituais na clínica?". As respostas dos participantes se agruparam em torno de dois núcleos temáticos: (1) como o tema foi abordado em sua educação formal; (2) como o

terapeuta desenvolveu as habilidades e atitudes necessárias em sua trajetória pessoal. Os núcleos de sentido com suas respectivas unidades de sentido estão apresentadas abaixo, em formato de diagrama (Figura 15).



*Figura 15:* Como o psicoterapeuta se prepara.  
Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

### 3.4.1 Núcleo de Sentido 1: Como o tema foi abordado na educação formal.

Os quatro participantes falaram sobre como se prepararam para lidar com a espiritualidade em sua educação formal, incluindo cursos de graduação (US1), pós-graduação (US2) e formações profissionais (US3). A maioria afirmou que o tema esteve ausente ou desvalorizado em sua graduação e presente de forma intermitente em formações e pós-graduações.

#### *US 1: Graduação em psicologia.*

Três participantes afirmaram que o tema da espiritualidade era inexistente ou desqualificado em sua graduação:

Bella: Olha, Aline, num tive formação [...] porque ninguém falava muito disso... num seee... não é na Gestalt-terapia isso, nem no campo da própria psicologia... não podia se falar sobre isso...

Érico: Na minha formação esse tema foi mal lidado, foi lidado na base... numa base muito da negação da religiosidade, que ela não importa, [...]

Mauro: Não tive. Na psico... na faculdade de psicologia na época que eu fiz, eu acredito ainda hoje esse tema ele é praticamente inexistente.

Mauro detalhou uma segregação entre os campos do saber:

[...] e, naquela época, a gente muito pouco falava desse assunto, espiritualidade, religiosidade em psicoterapia, é... sempre foi muito forte essa... essa... ahh... sim... na nossa profissão, essa... essa... essa coisa mais de ciência e filosofia, e a pegada ocidental de fazer um delineamento claro entre os campos, né, o quê que é da religião, o quê que é da ciência, o quê que é da filosofia, o quê que é da psicoterapia, e o quê que é das experiências religiosas.

Érico refletiu que a espiritualidade era apresentada como vinculada à patologia: "[...] ou ela [espiritualidade/religiosidade] é sinal de adoecimento. Minha faculdade foi assim e eu vivi isso. Eu pratiquei isso".

***US 2: Pós-graduação stricto sensu.***

Três participantes falaram da possibilidade de estudar os temas de religião e espiritualidade em cursos de pós-graduação *stricto sensu*: enquanto dois afirmaram que puderam desenvolver seus estudos em cursos de mestrado e doutorado, uma entrevistada descreveu que na época de sua formação havia uma dificuldade em se aceitar o tema.

Érico falou de como pôde mergulhar nos estudos sobre o universo religioso em seu mestrado:

Ah... Com o tempo foi mudando... mas o marco mesmo da mudança pra mim foi quando eu fui estudar ciência da religião (mestrado). Aí eu entro no universo religioso. Ai eu passo a conviver de uma forma muito mais íntima desse universo e isso muda minha formação e muda minha atuação...

Mauro também descreveu seu aprendizado em cursos *stricto sensu*:

Então, nesse período (mestrado e doutorado), eu entrei bastante fundo na questão da psicologia da religião e... eu já vinha de leituras anteriores de mitologias e religiões comparadas, tinha uma certa base em religiões comparadas e... [...] em 2002, eu senti necessidade de voltar pra academia, e, em parte, o que me motivou a isso foi uma pesquisa feita por uma colega de trabalho chamada Célia de Moraes, que havia sido aluna do Jorge Ponciano, e que tinha desenvolvido o tema êxtase... êxtase religioso, né... [...] Então, a Célia tinha feito mestrado e doutorado nessa área e eu fiquei motivado por conta do trabalho dela a também ir nessa direção, [...]

Bella, entretanto, aludiu a uma dificuldade com o tema em cursos de pós-graduação: "[...] um doutorando naquela época quisesse fazer um projeto com esse tema teria tomado um pau na cabeça".

***US3: Formações profissionais do psicólogo.***

Os participantes narraram como se deu seu aprendizado em cursos de formação profissional, indicando que não havia abertura em muitos cursos na época, mas que tiveram algumas possibilidades de interlocução.

Dois participantes falaram de como a dimensão espiritual / religiosa tem sido excluída de formações em abordagens diversas, incluindo a Gestalt-terapia:

Bella: Olha, Aline, num tive formação, eu tive formação gestáltica, mas na época que eu fiz a formação essas questões não eram colocadas [...]

Mauro: Na maior parte das abordagens es... terapêuticas eu ainda acho que... a formação... é... esse papel da fenomenologia religiosa, da fenomenologia espiritual, entra muito pouco, né, por conta do nosso... da nossa herança cultural, entra muito pouco.

Entretanto, três participantes falaram que alguns profissionais e cursos de formação também possibilitaram a interlocução com a espiritualidade. Bella citou um autor na Gestalt-terapia que foi precursor dessas discussões:

Então...existem pessoas, cê vê, o Jorge eu acho que é um precursor, precursor de tudo isso, porque ele sempre falou, néee... só que eu acho que a interlocução tá sendo possível agora, éeee... de uma maneira mais... ãaa... fluida, né, porque eu acho que o Jorge, ele é o iniciador de muitas coisas, inclusive de uma discussão mais profunda e de levar a Gestalt com uma visão mais ampla do que até o, o, o campo sociocultural, o Jorge sempre tocou nessas questões, né, de ampliar essas fronteiras de compreensão, e agora eu acho que tá sendo possível ãann... ter interlocutor, o que é muito gostoso, num é?

Laura descreveu seu aprendizado em cursos de psicologia transpessoal:

[...] dentro da psicologia, é... eu...eu comecei a estudar a psicologia transpessoal, eu fiz um treinamento com Regina de Aquino, que foi uma das primeiras pessoas a trazer a psicologia transpessoal aqui no Brasil, junto com Pierre, é... [...] eu foi ligada a Stanley Krippner, fiz vivências com o Grof, [...] tive muito envolvida com o movimento da psicologia transpessoal aqui no Brasil, [...]

[...] dos estudos dos estados ampliados de consciência, faço parte da primeira turma da Dinâmica Energética do Psiquismo, né, que é uma escola iniciática, faço parte do conselho, né, faço parte do corpo docente da Dinâmica Energética do Psiquismo até hoje, então, eu estudo muito estados ampliados de consciência... dentro da psicologia.

### **3.4.2 Núcleo de Sentido 2: Como desenvolveram habilidades em suas vivências.**

Aqui os participantes falaram como adquiriram conhecimento e habilidades para lidarem com temas espirituais ao longo de sua trajetória de vida, para além de sua educação formal. Suas falas se organizaram em quatro grupos temáticos: aprendizado em sua trajetória pessoal (US1), atitude de abertura (US2), busca de conhecimento (US3) e promoção de interlocução (US4).

#### ***US1 Aprendizado na trajetória pessoal.***

De acordo com seus relatos, os entrevistados desenvolveram habilidades mediante experiências pessoais, o que incluiu buscas espirituais e religiosas, autoconhecimento, psicoterapia, práticas como retiros e meditação, vivência de êxtase.

Os quatro participantes buscaram conhecer diversas formas de religiosidade, podendo assim reconhecer aquela que lhe era mais congruente:

Bella: Olha, eu, aarr... acho que como todo bom brasileiro (risos)... já visitei de tudo um pouco, éee... eu nunca gostei de caixinhas assim, né, de me reduzir, o que eu vou dizer pra você é assim... eu tenho uma, huuum... uuuum.. uma religiosidade cristã...

[...] éee... fui fazendo meu próprio caminho, como boa curiosa que sou... ãaa... aí frequentei um tempo, centro espírita, eu frequentei um tempo um centro budista, eu fui conhecer o hinduísmo, eu tenho amigos que são de, das religiões afro, candomblé e umbanda... ãaa... frequentei no sentido de quero ver... uma busca...

[...] eu nasci e cresci numa família católica não praticante [...] E é muito interessante que no alto dos meus 55 anos, à medida que eu fui entrando em contato mais com as minhas origens, que por um lado são russas, eu fui descobrindo o cristianismo oriental (silêncio)... e como isto está na minha família sem que as pessoas percebam, todos os valores, né [...] então hoje eu me reconheço muito mais no cristianismo oriental até do que o cristianismo romano, né...

Érico: [...] então eu cresço nessa... nesse mundo católico bem conservador, e isso me trouxe problemas muito sérios, até hoje ainda me traz, de coisas de moralismo, e nisso eu perdi muita coisa boa da vida, e hoje ainda trabalho algumas coisas pra perder menos, então eu... na infância fiz essas coisas de catecismo, de primeira comunhão, frequentar missa por dever, e na adolescência comecei a me rebelar, e... aí eu tive uma briga séria com o padre lá da minha terra, já "tava" na faculdade, uma faculdade católica muito marxista, e eu virei ateu, e virei um ateu sartreano convicto mesmo e... briguei mesmo... A minha primeira mulher me dizia que eu era muito religioso, e eu dizia que não, não, não, e pronto e não. Quando eu fui estudar ciência da religião, isso foi por acaso, eu não escolhi, "ah, vou fazer ciência da religião", apareceu como uma oportunidade, que eu achei interessante, fui e foi ótimo. Aí eu começo a conviver com essa questão de novo: "que fé que eu tenho?" Aí já percebia que eu tinha uma fé, mas, qual é minha fé? E *quem* me colocou em paz com isso foi Espinoza; quando eu li sobre o Deus de Espinoza, falei: "É isso! Essa é minha fé. Esse é o Deus que eu reconheço." E eu tenho estudado muito Espinoza, já li muito, e aí pra mim... é... Deus é isso, é o Deus de Espinoza, o qual [...] não é algo alheio a mim, não é algo do outro mundo, e tá no criar do universo, faz parte do universo, é um criado que é parte do universo, tá, isso me apaziguou, hoje eu sou... hoje me sinto muito religioso o que me facilitou a atender os padres [...]

Laura: Na faculdade eu fui... eu fui budista, antes disso, antes disso eu fui, né, eu fui umbandista, fui... frequentei centros espíritas sem nunca me tornar espírita, eu sou baiana, né, na Bahia, a... a... multidimensionalidade tá presente no nosso cotidiano. Eu acho que eu me criei indo ver pai de santo pra jogo de búzios, indo pras festas, eu tenho uma irmã que é mãe de santo, então... eu acho que isso fez parte da minha... [...]e minha mãe era um livre-pensar, então sempre estudei hinduísmo, budismo, né, a... embora eu tenha sido criada em colégio de freira, eu fui criada em colégio de freira mas mesmo assim... [...]tenho uma trajetória diversa, me liguei ao hinduísmo algum tempo, eu acho que eu sou uma curiosa. Não sou filiada a nada, talvez hoje em dia o que eu é... se eu tiver alguma tradição que me... seria a tradição mais afro, eu sigo os rituais mais afro, [...]

Mauro: Além disso, também tenho minhas experiências devocionais de vez em quando, sabe? Quando penso em algumas figuras que me inspiram, né, aí eu tenho experiências devocionais, inclusive Jesus, mas também, é... alguns outros mestres.



[...] Basicamente (pratico, experiencio) uma espiritualidade não religiosa.

Bella descreveu o papel da psicoterapia em sua formação: “[...] deixei de dizer que em minha formação que fiz uma psicoterapia transpessoal por 25 anos e passei por vários processos, o que muito me ajudou também na compreensão e manejo destas questões (espirituais)”.

Entrevistados relataram que têm participado de retiros espirituais e práticas meditativas, em diferentes linhas, como o budismo:

Laura: [...] fiz retiro, sem... fazia retiros dentro da igreja católica, retiros de silêncio, né, depois foram vários retiros com Jean-Yves (terapeuta transpessoal), fiz, na época do budismo também, então... [...]

Mauro: [...] e eu mesmo praticante de meditação já de algum tempo, ahnn; e, desde os meus 22 anos, eu tenho uma prática regular de meditação, né. Então, (pigarro) então essa é... vamo lá...

É... atualmente eu faço uma prática de budismo *Varjayana*, é... pratico a *Vipassana*, faço exercícios de visualização, né, é... basicamente isso.

Por fim, Mauro relatou que do seu aprendizado também constam vivências de êxtase espiritual: “[...] E como eu mesmo vivi uma experiência assim, eu vivi duas grandes experiências assim de êxtase, posso chamar de êxtase espontâneo, né, porque não foi fruto de uma prática, foi...”.

### ***US2: Atitude de abertura.***

Duas participantes relataram a importância de terem tido uma atitude de curiosidade e abertura para conhecer diversas vertentes espirituais:

Bella: [...] éee... fui fazendo meu próprio caminho, como boa curiosa que sou [...] e estudo de forma autodidata, né... por respeito aos meus pacientes, por curiosidade pessoal, [...]

Laura: [...] tenho uma trajetória diversa, me liguei ao hinduísmo algum tempo, eu acho que eu sou uma curiosa.

[...]e minha mãe era um livre-pensar, então sempre estudei hinduísmo, budismo, né, [...] eu fui criada em um colégio de freira com uma mãe que era de um livre-pensar, então eu estudava as varias religiões, né, então [...]

### ***US3: Busca de conhecimento.***

Participantes relataram que buscaram conhecimento mediante participação em estudos e pesquisas sobre o tema:

Bella: [...] então todo o meu percurso foi pessoal. Eu fui estudar, eu fiz, eu fui pesquisar, eu fui me aprofundar, eu fui escrever sobre isso, né, eu f... enfim, isso é uma, um caminho que eu fiz sozinha, não tive curso não tive formação, [...]

[...] e estudo de forma autodidata, né... por respeito aos meus pacientes, por curiosidade pessoal, né, por busca pessoal, e assim vou caminhando, estou num momento confortável com meu cristianismo oriental... e continuo aberta ao diálogo com outras abordagens...

Érico: [...] participei de um grupo que houve aqui no CRP por mais de 2 anos, é... [...]

Laura: [...]então sempre estudei hinduísmo, budismo, né, a...

Mauro: E eu busquei isso (o conhecimento espiritual) fora. Busquei na mitologia, busquei nas religiões comparadas [...] e aí a... a C. (doutoranda) me entrevistou. Foi um dos entrevistados da pesquisa (de mestrado) dela.

Em seus estudos, Mauro descobriu autores relevantes no campo da psicologia:

[...] agora, dentro da nossa profissão existem algumas figuras que são luminosas nisso, né?

Eu acho que... todo mundo precisa valer aquela pesquisa do Gordon Allport sobre preconceito. Que foi quando ele criou as expressões religiosidade intrínseca, religiosidade extrínseca. Eu acho que não tem como não conhecer Maslow, o pensamento de Maslow. Conceito de *peak experience*, né, experiências culminantes dele. Traz a espiritualidade pra dentro do universo psicológico. É... a turma da transpessoal, a turma da transpessoal que tem colaborações importantes. A da... especialmente os que fazem pontes entre filosofia budista, experimentos sobre

meditação e psicologia, seria... seria muito importante pra formação religiosa do terapeuta, formação espiritualidade e religiosidade para o terapeuta. É... Jung, como aquele colega da Gestalt propôs, depois que eu comecei a entender melhor Jung, eu dei toda razão a ele. Jung foi um gênio que encontrou, encontrou... que olhou para a experiência espiritual de uma forma muito interessante. E... né?

#### ***US4: Promoção de interlocução.***

Três participantes relataram que se tornaram interlocutores de temas de espiritualidade e religiosidade mediante a promoção de cursos, formações, palestras, grupos de estudos, diálogos. Uma delas inclusive afirmou que esteve envolvida com a implementação da psicologia transpessoal no Brasil.

Bella: [...] hoje a gente encontra (interlocução), eu mesma... faço algumas coisas né... mas ofereço porque estudo isso há décadas, né, desde sempre eu estudo, então é isso, eu espero que no futuro isto esteja mais disponível essa discussão, o seu trabalho, né, vai ser uma discussão.

Érico: [...] hoje eu tenho falado muito com colegas sobre a importância da espiritualidade na terapia, dou aulas, dou palestras, participei de um grupo que houve aqui no CRP por mais de 2 anos, é... tenho bastante atuação; de um lado e de outro. Eu tenho trabalhado com os padres também em palestras, em cursos, fazendo um diálogo entre a psicologia e a religião. Semana que vem eu vou passar 2 dias dando curso para 40 padres, aí vou falar de ansiedade, vou falar de depressão, vários tipos de personalidade... então eu faço essa ponte pra eles, é uma das coisas que eu gosto na minha vida profissional hoje é... ser um meio de ampliar esse diálogo, do psicólogo com a religiosidade, dos religiosos com a psicologia...

Laura: [...] depois tive... fui ligada à Unipaz, fiz parte do corpo docente da Unipaz, é... frequentei o Jean-Yves, Leloup, né, fiz parte dos primeiros grupos do Colégio Internacional dos Terapeutas, eu ajudei a implantar o Colégio Internacional dos Terapeutas na Bahia, implantei o colégio Internacional dos Terapeutas em Fortaleza, [...]mas, em termos da psicologia, né, [...]ajudei a implantar a psicologia transpessoal no Brasil, [...]

### **3.5 A estrutura geral do vivido e os constituintes essenciais da experiência**

Um gráfico geral, representando todos os temas eixos, subtemas e seus respectivos núcleos de sentido está apresentado abaixo (Figura 16).



Figura 16: Estrutura geral do vivido: temas, subtemas e núcleos de sentido.  
Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

Os diagramas apresentados neste capítulo ostentam cores diversas, que representam os diferentes temas que surgiram na pesquisa. Cada cor se refere a um dos temas ou constituintes essenciais das experiências dos participantes, que se manifestaram ao longo dos temas eixos e subtemas. Alguns constituintes mostraram-se invariantes, enquanto outros, variantes, como se pode visualizar nas repetições das cores, por exemplo, do diagrama geral (Figura 16). Todos os outros diagramas foram designados com as mesmas cores, para realçar seus temas.

A seguir apresenta-se um diagrama contendo os sete constituintes essenciais das experiências dos participantes encontrados neste estudo, com as cores designadas para ilustrá-los (Figura 17). As cores foram escolhidas intuitivamente e, conforme já dito acima, usadas em todos os diagramas. Os constituintes serão discutidos no próximo capítulo.



*Figura 17:* Constituintes essenciais das experiências dos participantes e as cores escolhidas para representá-los. Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

## 4 Discussão

O que se busca em uma pesquisa fenomenológica não é a definição de categorias, mas a apresentação das experiências vivas dos participantes, organizadas para oferecer uma estrutura geral do vivido, e assim contribuir para compreensão do fenômeno. Aqui, buscou-se compreender a relação entre a psicoterapia e a espiritualidade, na percepção de Gestalt-terapeutas, incluindo uma expressão de como trabalham esses temas na clínica. No capítulo anterior foi apresentada a análise de todas as respostas dos quatro participantes às perguntas disparadoras, disposta em eixos temáticos que se desdobraram em núcleos e unidades de sentido, conforme a metodologia proposta por Giorgi (2010, 2012).

O propósito deste capítulo é discutir os resultados apresentados anteriormente, evidenciando os principais constituintes da experiência dos quatro participantes (Bella, Érico, Laura e Mauro), as relações entre eles e as pontes com a literatura contemporânea, para indicação de conexões e paradoxos. Alguns constituintes da experiência dos entrevistados mostraram-se invariantes, perpassando vários temas eixos, enquanto outros surgiram em um ou outro tema eixo, caracterizando-se como variantes, mas evidenciando-se, mesmo assim, sua relevância para a compreensão do vivido.

A discussão será organizada pelos quatro temas eixos da pesquisa: o que é psicoterapia; o que é espiritualidade; a relação entre espiritualidade e psicoterapia; como o terapeuta se prepara para lidar com esses temas na clínica. A discussão também articulará os constituintes essenciais das experiências dos participantes. O diálogo com a literatura enfatizará os aspectos teóricos da Gestalt-terapia, que é o foco deste trabalho.

#### 4.1 Tema-eixo 1: Definição de psicoterapia

Em relação ao tema-eixo 1, relacionado à pergunta disparadora "o que é psicoterapia?", os entrevistados expuseram descrições clássicas do processo, como possibilitar mudanças, promover a lida com o sofrimento, o autossuporte e o autocuidado, e a recuperação da saúde. Eles também descreveram uma prática que é profunda e abrangente, possibilitando a integração de partes alienadas da personalidade e uma transformação profunda no psiquismo, o que está de acordo com definições da Gestalt-terapia (Clarkson, 1993).

Os participantes também apontaram para uma clínica que lida com os aspectos ontológicos e existenciais humanos, como a atualização das potencialidades, a ressignificação de valores, a facilitação de escolhas, a ampliação da consciência, e a relação com o mistério e o devir. Como disse a entrevistada Bella, a clínica trata um ser humano que se move "em direção à totalidade do si mesmo que não pode ser alcançada ou aprendida... mas buscada..."

Estas descrições são consistentes com definições da clínica humanista-existencial, que inclui temas de a busca de sentido, a lida com valores, o imponderável, o vazio e a morte (Cardella, 2017; Feijoo, 2010). E também vão ao encontro de definições de espiritualidade como busca de sentido (Campos & Ribeiro; Freitas & Vilela, 2017; Pinto, 2009), o que já antecipa uma relação entre espiritualidade e psicoterapia.

Pôde-se perceber que os participantes não apresentaram como definição de psicoterapia a lida com temas de transcendência, religiosidade ou religião. Entretanto, discutiram esses tópicos ao longo das entrevistas, ao descreverem suas experiências clínicas. Ou seja, para eles, esses temas fazem parte da prática psicoterapêutica, mas não a definem. Isso é congruente com a literatura, que relata que a psicologia humanista não enveredou por temas de transcendência de forma explícita e claramente assumida, como o fez a psicologia

transpessoal, para a qual "os impulsos dirigidos para o crescimento espiritual são considerados básicos para a humanização completa do homem" (Tabone, 1993, p. 101). Segundo a autora, "Na orientação humanista, entretanto, a dimensão espiritual pode ser negligenciada, ignorada ou, ainda, invalidada, pois muitos psicólogos humanistas não estão prontos, interessados ou dispostos a explorar os níveis transpessoais de consciência" (Tabone, 1993, p. 101).

Na Gestalt-terapia, autores clássicos e contemporâneos incluíram discussões sobre a transcendência e busca do sagrado (Cardella, 2017; Kepner, 2003; Naranjo, 1990; Ribeiro, 2009). Porém, isso não é abrangente para toda a abordagem, como pontuou Williams (2006), que apresentou autores gestálticos que não trataram do tema. Naranjo (1990), entretanto, considera que a Gestalt-terapia é uma abordagem transpessoal, com ênfase na busca da *awareness*. Ele cita que Perls considera "*awareness* - junto como o espaço e o tempo - como um aspecto fundamental do universo através dos seus níveis diferentes de organização"<sup>2</sup> (Naranjo, 1990, p.4).

Outro constituinte da experiência que surgiu foi a definição de psicoterapia como prática dialógica, conforme descreveu Bella: "[...] essa prática de transformação do si mesmo que acontece em companhia de um outro [...]". Esta definição está de acordo com autores da Gestalt-terapia, para os quais a relação dialógica é um dos pilares da abordagem (Cardella, 2017; Clarkson, 1993; Juliano, 1999; Yontef, 1993).

Então, na definição dos entrevistados, a psicoterapia não trabalha somente com o foco em resolver problemas ou alcançar metas, mas propõe uma transformação psíquica, a autorrealização, a ampliação da consciência, valoriza o encontro, concebe um ser humano que está diante do devir e do mistério. Trata-se de uma clínica que inclui a espiritualidade em sua

---

<sup>2</sup> No original: "Awareness - together with space and time - as a fundamental aspect of the universe throughout its different levels of organization". Tradução da autora.



definição como busca de sentido, mas que também, de forma menos consistente, oferece abertura para um trabalho de conexão com a transcendência e um todo maior, como propôs Ribeiro (2009).

#### **4.2 Tema eixo 2: Definição de Espiritualidade**

Ao responderem a segunda pergunta disparadora, "o que é espiritualidade", que compõe o segundo tema eixo, os participantes apresentaram definições que compuseram quatro núcleos temáticos: dimensão existencial / ontológica; relacionada a um todo maior e à transcendência; conectada ou diferenciada de religião; expressando-se em qualidades humanas. Esses núcleos de sentido espelham aqueles que surgiram em resposta à primeira pergunta disparadora, indicando novamente uma relação entre espiritualidade e psicoterapia. Também se mostraram semelhantes a definições de espiritualidade encontradas na literatura.

O primeiro núcleo apreendido das respostas dos participantes – espiritualidade como dimensão ontológico/existencial – corresponde ao que Pinto (2009), Freitas e Vilela (2017), Ribeiro (2009) definem como espiritualidade: dimensão existencial, de busca de sentido. Encontra-se aqui a fala de Bella: "Pra mim espiritualidade é esse movimento de construção do sentido...", e pode-se fazer uma ponte com o que disse Ribeiro (2009, p. 179):

Estamos pensando a Espiritualidade como um processo de constituição e formação de totalidades indivisíveis e significativas ou de *Gestalten* plenas que são constituídas por um processo vivencial-mental-existencial por meio de uma busca contínua e, cada vez

mais, significativa do verdadeiro sentido das coisas e das potencialidades que encerram.

Outros temas existenciais/ontológicos foram apresentados nas definições de espiritualidade, como a lida com valores e com o devir, como nesta fala de Érico: "Então pra mim a espiritualidade é aquela instância nossa que nos possibilita ter [...] valores [...] A espiritualidade é a sede dos valores".

Bella definiu espiritualidade citando a criatividade e a abertura para o devir: "Quando não necessariamente está relacionada a uma, a um ser divino, a um ser transcendente, a gente chama de espiritualidade, que é esse movimento de [...] restauração da capacidade criativa, né? Da recuperação do devir..."

A segunda forma de definir espiritualidade, segundo alguns participantes da pesquisa, foi como uma relação a um todo maior, transcendência e busca do sagrado. Segundo Bella, a espiritualidade é "[...] abertura ao mais além [...] abre a pessoa a dimensões transcendentas". Laura falou de espiritualidade como conexão com a totalidade, a multidimensionalidade. Esta forma mais ampla de definir espiritualidade foi também encontrada na literatura (Campos e Ribeiro, 2017; Cardella, 2017; Mano & Costa, 2017; Ribeiro, 2009).

Alguns participantes da pesquisa, assim como autores da literatura (Pinto, 2009) definiram o contato com o sagrado e a transcendência como religiosidade, separando essas vivências do termo espiritualidade. O participante Érico, por exemplo, definiu espiritualidade como dimensão de busca de sentido e afirmou: "[...] religiosidade é um aspecto dela (da espiritualidade) ligada a... ao contato com o sagrado. Não necessariamente a uma religião, não necessariamente um Deus, mas o contato com o sagrado". Já Bella relatou que, para ela,

espiritualidade inclui a busca pelo sagrado, porém afirmando que: "Se está relacionado a um ser divino, né, eu nomeio como religiosidade... Na religiosidade o sentido é construído na relação com o *ser* divino".

Encontrou-se aqui, tanto nas falas dos participantes quanto na literatura, um cruzamento que ainda existe entre os conceitos de espiritualidade e religiosidade: ora são usados como sinônimos pra incluir o encontro com o sagrado e a transcendência, ora se separam na inclusão desses fenômenos. Entretanto, é importante salientar que a experiência de transcendência e do sagrado, seja chamada de espiritualidade ou de religiosidade, seja ligada ou não a um ser divino, surge na clínica, conforme a fala dos participantes e autores da literatura. E mesmo que se trate de um tema que na clínica é mais raro do que outros aspectos de espiritualidade, como a busca de sentido e o foco em valores, conforme falas dos participantes, terapeutas precisam saber lidar com o mesmo quando ele surge.

Mauro também falou da conexão com um todo maior:

[...] a espiritualidade é uma... eu hoje acho que a espiritualidade é uma das camadas do ser, talvez a camada do ser mais central, e... a mais central, porque, é...dentro dessa camada a gente encontra a experiência de conexão e pertencimento com algo muito maior.

Esta conexão com uma dimensão maior, de amplitude, é descrita na literatura (Cardella, 2017; Naranjo, 1987; Ribeiro, 2009). Kepner (2003), por exemplo, descreveu a importância do contexto espiritual ou transcendente no tratamento de pessoas que sofreram traumas. Ele afirma que o sobrevivente necessita encontrar um contexto de significado mais amplo do que o individual e o social, que o ajude a encontrar sentido e direção para lidar com suas experiências traumáticas.

Mauro falou da entrega à auto-organização, que tem um poder curador: "Então, essa coisa do mistério de que... nem tudo é explicável, e que parece, muitas vezes a gente tem a sensação de que tem uma força maior organizando tudo". Juliano (1993, p. 82) diz que há situações em psicoterapia nas quais é preciso "aprender a dar espaço para que algum imponderável vindo de nossa relação ou de algum vínculo importante possa surgir". E continua: "O Imponderável, o Destino, a Sorte, Deus, a Graça, a Auto-regulação Organísmica, o Inconsciente, qualquer que seja o nome que possamos dar, às vezes manifestam para *ajudar!*" (Juliano, 1993, p. 83).

Em relação à totalidade, Laura afirmou: "Eu acho que tem uma ordem maior, que organiza o multiverso, né, e que se eu me entrego a essa ordem, e sigo o fluxo, tá tudo certo. Essa é minha experiência de espiritualidade". Em Gestalt-terapia, há o conceito de autorregulação orgânica, que trata do equilíbrio do organismo dentro de si mesmo ou no campo organismo-ambiente. A tarefa do terapeuta seria facilitar o retorno do cliente à forma saudável de viver, guiado por princípios naturais (Crocker & Philipson, 2005). Os autores ainda citam o Taoísmo, que influenciou a Gestalt-terapia, para o qual a pessoa sábia aprende e viver de acordo com as formas da natureza. E Ribeiro (2019) apresenta o conceito de ambientalidade, que se trata de "uma dimensão humana ignorada, não sabida e que rompe a fragmentação pessoa e mundo, passando a ser co-constituente, co-fundante, co-substancial com o universo como uma totalidade viva e em ação".

Joyce e Sills (2014) falaram da influência que a Gestalt recebeu da teoria de campo, que apresenta uma visão ecológica, de uma relação de interdependência com o todo, entre o ser humano com o universo. Os mesmos autores apresentam duas formas de definir espiritual: a primeira, como expansão pessoal de significado, dentro da moldura da consciência familiar;

e a segunda, como experiência de uma consciência diferente, misteriosa, uma conexão com uma presença maior. Pode-se fazer uma ponte entre esta teoria e o que foi apresentado pelos participantes, que definiram espiritualidade como busca de sentido e como conexão com um todo maior.

Um terceiro constituinte apresentado por participantes referiu-se à relação entre espiritualidade e religião. Laura pontuou que "espiritualidade é uma coisa muito mais ampla do que a questão das religiões, né? Eu posso adotar uma religião ou outra, para me dar um bordo para minha espiritualidade". Pode-se fazer uma relação com a definição de Freitas e Vilela (2017) de religião como um sistema de resposta para a busca de sentido. As religiões foram definidas como formas práticas, dogmas, estruturas, que podem conter ou não a vivência espiritual (Campos & Ribeiro, 2017).

Os entrevistados também enfatizaram que não se devem fazer dicotomias entre espiritualidade e religião. Mauro, por exemplo, afirmou:

Então, eu acho que dá pra dizer que isso é espiritualidade pra mim (não religiosa), [...] o meu *background* é muito diferente do... do Jorge, que tem uma história... toda uma história em cima do catolicismo, [...] mas eu acredito que a vivência, na vivência a gente se toca, é a mesma... é a mesma vivência.

Érico também descreveu vivências espirituais verdadeiras dentro das práticas religiosas de seus clientes padres. Isso combina com o que falou Jung (1978) a respeito de as experiências religiosas poderem incluir a espiritualidade genuína.

Ainda dentro deste tema, Mauro falou do surgimento de uma espiritualidade não religiosa, abraçada por profissionais da psicologia: "A gente viu surgir, depois dos anos 60, mas isso vinha vindo aos poucos, desde o começo do século 20, uma espiritualidade não

religiosa, né". Hook, Worthington e Davis (2012) afirmam que há uma tendência de os psicólogos se perceberem abraçando uma espiritualidade não religiosa e até mesmo tendo atitudes negativas com religiões organizadas, propondo que os mesmos abracem uma atitude de abertura para com as crenças de seus clientes. Williams (2006), ao descrever as pontes entre a Gestalt-terapia e a psicologia transpessoal, afirmou que a dimensão espiritual da Gestalt está mais ligada aos processos relacionais terapeuta-cliente do que a uma religião organizada ou a um Deus.

O que se pode refletir a partir das falas anteriores é que é possível se distinguir espiritualidade, religiosidade e religião, mas que esses conceitos vão aparecer diferentemente para autores diversos, e que suas fronteiras às vezes vão se entrecruzar. Como se viu antes, esses constituintes das experiências perpassaram todos os temas eixos da pesquisa, desde definições de espiritualidade, sua relação com a psicoterapia, o trabalho dos psicoterapeutas e até as descrições das formações profissionais dos participantes.

### **4.3 Tema eixo 3: A relação entre espiritualidade e psicoterapia**

O terceiro tema eixo, relacionado à pergunta disparadora sobre a conexão entre espiritualidade e psicoterapia, desdobrou-se em três subtemas: como a espiritualidade surge na clínica, qual sua relação com a psicoterapia e como o terapeuta trabalha esses assuntos com seus clientes. Alguns constituintes da experiência evidenciados nas falas dos entrevistados mostraram-se mais invariantes e perpassaram os três subtemas eixos, além de também estarem presentes nas definições de psicoterapia e espiritualidade, enquanto outros se apresentaram de forma mais restrita. Por exemplo, a pergunta disparadora "Como o terapeuta trabalhou temas de espiritualidade na clínica?" gerou algumas respostas mais específicas, ou variantes.

A discussão deste terceiro tema-eixo será apresentada mediante os constituintes temáticos apreendidos das falas dos participantes: dimensão ontológico-existencial; relação terapêutica fundamentada no encontro; temas de transcendência; integração entre dimensão espiritual e psíquica; o instrumental metodológico e técnico clínico; integração com temas de religião; como a espiritualidade pessoal do terapeuta faz-se presente nos processos clínicos.

#### **4.3.1 A dimensão existencial-ontológica em psicoterapia e espiritualidade.**

Os participantes da pesquisa definiram que o tema da espiritualidade é frequente na clínica quando surge em sua definição como dimensão existencial/humana e de busca de sentido. Duas participantes, Bella e Laura, denominaram tais temas, segundo elas muito presentes em psicoterapia, como ontológicos ou ontogenéticos. Essa forma de definir espiritualidade foi apresentada por Pinto (2009, p. 71) como "possibilidade da hierarquização dos valores, nas decisões, na reflexão profunda sobre a existência e, fundamentalmente, na possibilidade... até na necessidade - que tem o ser humano de tecer um sentido para sua vida", e também por Freitas e Vilela (2017) como demanda de sentido.

A psicoterapia de base existencial-humanista, como a Gestalt-terapia, tem em seu bojo o trabalho com a dimensão ontológica, assim definida por Rehfeld (2009, p. 29): "A compreensão ontológica encaminha o paciente a suportar a angústia derivada da descoberta da fragilidade da nossa existência, a incerteza do futuro, a estranheza dos outros". Cardella (2017, p. 29) também se refere a esta dimensão ontológica humana, que relaciona à espiritualidade:

Todas as tradições Sagradas nos recordam dimensões ontológicas do ser humano: está *no mundo sem ser do mundo*, é mistério encarnado, ser alado. Habita *fronteiras*: terrestre e celeste, horizontal e vertical, finito e infinito. Só acontece com o outro, é ser de relação, singular, criativo e aberto. Necessita de raízes e asas. Exilado anseia um lugar, peregrino vislumbra um horizonte.

Segundo Rehfeld (2009, p. 28), "o que efetivamente diferencia a abordagem fenomenológico-existencial das outras é o compromisso com uma compreensão ontológica". A clínica gestáltica vai além do trabalho com as concepções ônticas para buscar uma abertura maior, uma compreensão do ser no mundo e do sentido da existência. Érico assim definiu a psicoterapia:

[...] psicoterapia, ela não trabalha com o psiquismo, a gente trabalha é com a espiritualidade, com os projetos, com as possibilidades, com as dificuldades, com a tecelagem dos sentidos... é isso que a gente trabalha, então ela é... atua pelo espiritual.

Para lidar com as demandas de sentido, Joyce e Sills (2014, p. 380) sugeriram que "aqui o cliente estará bem servido por uma prática Gestalt humanista/existencial competente em que o foco seria enfrentar a crise existencial, confrontando a ansiedade ou os problemas da vida e de encontrar novo sentido". A clínica gestáltica, portanto, inclui o trabalho com a dimensão existencial e ontológica, o que se relaciona a uma forma de se definir espiritualidade. Ao longo de suas respostas, os participantes descreveram seu trabalho como sendo da ordem do espiritual, com temas como valores fundamentais, escolha, liberdade, responsabilidade, busca da totalidade, a lida com o mistério, o devir, a morte.

Bella descreveu o trabalho com valores: "[...] ele (o trabalho terapêutico) ajuda a pessoa a se apropriar dos seus valores fundamentais [...]", e Érico relatou que trabalha com o que "Polster chama de fronteira de valor ou de *awareness* de valor. Pra mim na terapia é o ponto mais, é... é que eu vejo como o mais importante na terapia e é o caminho que eu faço



mais". Polster e Polster (2001) descrevem que as pessoas vivem de acordo com os valores que abraçam, sendo que algumas vezes essas fronteiras de valor tornam-se rígidas, dificultando seu crescimento. Assim como o participante Érico, os autores sugerem um trabalho de questionamento e ressignificação de valores, quando necessário ao desenvolvimento do cliente.

Laura tratou de temas como liberdade, responsabilidade, escolhas e sentido:

[...] e como a gente trabalha com a questão da responsabilidade das suas escolhas, de eu me apropriar em mim, como um ser do e no mundo, eu me apropriar de mim como um ser do e no mundo, implica em me apropriar de mim em eu poder, né, me apropriar de mim como ser de escolha. E para eu realmente me apropriar de mim como ser de escolha, eu preciso ter a clareza qual o sentido da existência pra mim.

Pode-se fazer pontes do relatado com a visão de Frankl (1991), para o qual a busca de sentido é o tema principal de uma psicoterapia, mesmo que esta também trate de questões que ele chama de psicogênicas. Bella falou do aspecto espiritual da busca de sentido: "Quando a gente faz esse trabalho de ajudar o paciente a reconhecer ou a construir o sentido, a gente tá fazendo um trabalho, né, na direção da, do desenvolvimento espiritual dele".

O tema do mistério, do imponderável e do devir também estiveram presentes nas falas dos participantes e na literatura. Cardella (2017, p. 114) afirmou que "O homem é aberto para o desconhecido e o Mistério, ser de perguntas, travessias, fronteiras". E Bella dá um exemplo de como o tema do mistério surge em sua clínica:

[...] um paciente que chega à sessão e lá pelas tantas diz assim "puxa, jamais imaginei que eu fosse chorar hoje", né mas o que que isso tem a ver com o espiritual? Tem a ver que ele foi visitado pelo mistério [...].

O tema da morte foi apresentado por Mauro: "É... (o cliente) passou a pensar na sua própria morte, e num caso assim, onde... um tema que tangencia o espiritual vai surgindo, eu acho, que o bom terapeuta ele fica muito parecido com um bom monge." Bella acrescentou: "[...] a gente precisa entender que espiritualidade é acolhimento da morte, é assim que eu penso... né, por isso que eu falo do vazio..." Trata-se de um clássico tema existencial, como expôs Feijoo (2010, p. 93): "A totalidade do ser-á sempre aponta o seu ser-para-a-morte. O ser-á só se totaliza com a morte, com a qual se perde do 'pre'".

Concluindo, essas questões eminentemente humanas e existenciais, apresentadas pelos participantes como dimensões de espiritualidade, estão presentes na clínica, como descreveu Feijoo (2010, p. 30):

A psicologia, com fundamento na fenomenologia e no existencialismo, afirma que ao psicoterapeuta cabe a tarefa de trazer à tona as expressões inautênticas e autênticas do cliente, mobilizando-o de forma a possibilitar o reconhecer-se nas suas escolhas bem como, uma vez lançado em sua liberdade e em sua responsabilidade, escolher suas possibilidades.

E no dizer de Bella:

[...] não há como uma abertura amorosa ser restaurada sem que a pessoa possa tomar consciência do ontológico, que é a precariedade, a finitude, a transcendência, a abertura ao sentido, a liberdade, a criatividade, a singularidade, enfim, os fundamentos ontológicos, o que, o que nos faz humanos.

#### **4.3.2 A dimensão transcendente e de busca do sagrado em psicoterapia.**

A espiritualidade também foi definida como dimensão transcendente e de busca do sagrado (Campos & Ribeiro, 2017; Ribeiro, 2009), e, na pesquisa, os participantes

descreveram a presença desses temas em psicoterapia. Bella deu o exemplo de uma paciente, a quem ofereceu interlocução: "

E ela, ela teve uma experiência ali do sagrado, mas na dimensão do horror, né, quer dizer, jogada numa situação de transcendência absoluta [...] quando ela não encontra interlocução, né, pra esses arrebatamentos, essas trombadas com o real, né... isso pode gerar estados de enlouquecimento....

Érico também descreveu quando acolheu a vivência transcendente de um paciente religioso: "[...] um (paciente padre) uma vez me disse 'eu fiz uma homilia domingo, que eu vi o Espírito Santo baixando em mim' [...]".

Neubern (2010, p. 263) apontou a importância de o psicoterapeuta compreender o sentido subjetivo das experiências religiosas do cliente, evitando fazer reducionismos:

Por um lado, é comum que as construções de sentido desenvolvidas pelos mesmos sejam, de alguma forma, abafadas ou excluídas diante de alguma teoria consagrada, uma vez que esta faz referência a algum campo já colonizado e pretensamente conhecido pela racionalidade científica.

As experiências transcendentais também apareceram em forma de conexão a um todo maior. Mauro disse que "[...] quando essa dimensão maior que nos torna cósmicos, quando ela existe em nós, ela tem poder curativo". Na literatura, Ribeiro (2009) falou do poder curativo da abertura para a transcendência espiritual, como já citado anteriormente. Pode-se também fazer uma relação entre este poder curativo da conexão espiritual, citado por alguns participantes, com o que falou Leeuw (1933/2009) sobre a busca do ser humano, em suas experiências religiosas, por um poder maior que o ajude a superar situações difíceis e lhe propicie a vivência do sagrado.

Laura trouxe o tema da lida com experiências de expansão da consciência de seus pacientes:

[...] eu tinha um cliente, né, que tinha... é... ele tinha sonhos premonitórios. Muito fortes, né. Ele tinha sonhos, ele tinha experiências premonitórias, ele ampliava às vezes a consciência de onde ele tava, às vezes ele não sabia, né, onde ele tava ou não.

Esses fenômenos de ampliação da consciência e as emergências espirituais são estudados na psicologia transpessoal (Tabone, 1993), numa busca de que a terapia possa dar suporte para a integração dessas vivências. As participantes Laura e Bella afirmaram que tiveram contato com a psicologia transpessoal, o que facilitou uma maior abrangência em suas práticas como Gestalt-terapeutas.

Williams (2006) e Naranjo (2010) descreveram as conexões entre a Gestalt-terapia e a abordagem transpessoal. Naranjo (2010) enfatizou a importância do conceito de *awareness*, que para ele é a base do trabalho transpessoal, possibilitando, por exemplo, a lida com os estados alterados de consciência. Já Williams (2006) sugeriu que as experiências facilitadas por Gestalt-terapeutas são espirituais em sua natureza, podendo promover desenvolvimento espiritual de acordo com as teorias da abordagem transpessoal. Para a autora, o trabalho gestáltico pode oferecer a base para a evolução espiritual até os graus mais elevados.

#### **4.3.3 A relação com religião e religiosidade.**

Outro tema pervasivo nas respostas dos participantes foi a relação entre espiritualidade e religião. Eles deixaram a religião bem longe da definição de psicoterapia; entretanto, ao falarem de espiritualidade e da sua vinculação com a psicoterapia, acabaram se referindo a

temas religiosos, seja para falar das conexões ou para explicitar as diferenças com relação a eles.

Laura disse que os clientes, ao relatarem suas experiências cotidianas, também apresentam suas inclinações espirituais e religiosas:

[...] uma cliente, né, ela é católica [...] carismática [...]. Então, volta e meia, ela vai me falar, que ela fez o... que ela fez a promessa tal... ela rezou o rosário tal, pra num sei o que [...] que ela foi na missa... que, então, a dimensão da espiritualidade permeia o cotidiano do humano.

Laura também afirmou que no início do processo de terapia, pergunta a seus clientes quais são suas crenças espirituais e religiosas, para conhecer seu universo de experiências subjetivas. E diz que busca estudar sobre as diversas religiões trazidas pelos mesmos: "Então, esse primeiro cliente da fé Bahá'i (que eu tive), eu pedi a ela livros da fé Bahá'i, pra eu poder estudar, pra eu *entender* o raciocínio dela. Né?".

Joyce e Sills (2014) pontuam que os caminhos espirituais dos clientes são inseparáveis de suas vidas pessoais, sendo que eles se atrapalham ou se ajudam de diversas maneiras. Nesse sentido, Laura deu exemplos de uso das práticas e crenças religiosas de seus clientes como suporte à terapia. Ela falou de usar a oração como recurso de relaxamento: "Mas eu pergunto a ela [uma cliente católica carismática] se ela faz novena, se ela reza o terço, rezar o terço é um estado meditativo, que acalma, completamente". Também a propôs para clientes com dificuldades de interação social: "Se eles já viram, né, os grupos sociais que tem dentro do... do... âmbito da religião deles, buscar apoio na comunidade da igreja". E ainda deu o exemplo de uma cliente cujas crenças religiosas a ajudaram a lidar com um neto com

síndrome de Down, que dizia: “se ele veio assim, foi Deus quem mandou. Então, se Deus mandou, é porque a gente dá conta”.

Já Mauro falou de como a religião pode atrapalhar a vida do cliente, afirmando que, em sua dissertação de mestrado, estudou sobre o tema. Deu o exemplo de uma cliente para quem a religião era um empecilho ao crescimento: "Me recordo, por exemplo, de... de uma cliente engessada pela sua organização religiosa, [...] era impressionante o poder, é... neurotizante que a instituição tinha sobre ela".

Érico disse que, em sua clínica, temas de religião tendem a aparecer mais na forma de queixas institucionais do que como pedidos de suporte espiritual: "Mesmo meus clientes padres [...] A instituição aparece muito, as brigas com as igrejas, questões de disciplina, as críticas, as exigências de... de... persona que eles têm que ter". E considera que um terapeuta não deve se tornar um conselheiro espiritual, mas trabalhar o vivido, o sentido dado pelo cliente a suas experiências, o que pode incluir vivências religiosas. O papel do terapeuta seria o de conhecer as realidades, as construções de sentido que se criam na subjetividade dos clientes (Neubern, 2013).

O zen budismo, apresentado na fala de Mauro, foi tratado pelo mesmo como uma prática espiritual não religiosa: "trata-se mais de uma filosofia da mente do que de uma religião". O participante disse que tem uma grande influência do budismo, como ocorreu com a Gestalt-terapia em sua criação (Crocker & Philipson, 2005). Embora Mauro, assim como os outros participantes, tenha afirmado enfaticamente que não deve influenciar seus clientes em temas de religião, deu um exemplo de uma paciente que se interessou pelo budismo após um encaminhamento que fez:

E aí [...]temas budistas começaram a surgir dentro da psicoterapia, não que eu trouxesse, mas que ele começou a trazer, porque do, da sociedade de *vipassana* que foi onde eu indiquei que ele fizesse o curso (de meditação *mindfulness*), ele... depois, ele, que é de origem católica, passou a... querer saber mais sobre a origem de *mindfulness*, sobre o budismo.

Como disse o participante Érico, o terapeuta tem de estar muito atento para que seus valores não influenciem seus clientes. Sugeriu ainda que as crenças e valores do terapeuta podem influenciar o cliente de forma sutil, silenciosa.

Em relação às crenças religiosas ou fundamentadas em valores religiosos dos clientes, todos ressaltaram a importância do respeito. Érico deu um exemplo de quando acolheu uma particularidade de um cliente: "esse seminarista que eu atendi, ele (ia) acompanhado... ele ia de hábito, não podia sair sem o hábito do seminário, ele não podia sair sozinho". Érico disse que acolheu essa necessidade do cliente buscando não julgá-lo.

Mauro falou da importância de conhecer as diversas vertentes religiosas, para reconhecer quando uma experiência reportada por um cliente pode se tratar de um fenômeno conhecido em alguma religião e não um transtorno mental:

É... uma pessoa pouco... com poucas leituras, dessa... desse universo religioso, concordaria que é uma experiência ehh... alucina... alucinatória, vamos dizer assim. Mas existe uma abundância de exemplos desse tipo de experiência na literatura religiosa, na literatura espírit... espiritualista, ou na literatura paranormal.

Na literatura, encontramos exemplos da busca por diferenciar o que é patológico e o que faz parte de uma espiritualidade ou de uma vertente religiosa (Mano & Costa, 2017; Tabone, 1993). De novo, faz-se importante a não dicotomização, pois uma vivência psicótica pode também incluir a espiritualidade genuína. A pesquisa de Vanderpot (2014), por exemplo, sugeriu que o reconhecimento das vivências espirituais subjetivas de pacientes sofrendo transtornos mentais é importante para sua saúde e recuperação.

Crocker e Philipson (2005) afirmaram que as crenças de uma pessoa compõem o fundo que proporciona sentido às suas experiências. Assim, conhecer a base de crenças de um cliente pode ajudar na compreensão de suas escolhas. Érico falou que é importante conhecer e respeitar as crenças dos clientes, mas também questioná-las no momento oportuno. Henning-Geronasso e Moré (2015) enfatizaram a validação das crenças dos clientes, aliada à busca de flexibilização das mesmas quando elas poderiam estar limitando as possibilidades de um desenvolvimento saudável.

A religião está presente na vida das pessoas e está relacionada às suas crenças espirituais e seculares. Uma boa prática terapêutica não exclui ou cria dicotomias com as religiões dos clientes, assim como não se torna doutrinação ou catequese. O terapeuta precisa estar aberto às visões dos clientes, promover buscas espirituais com liberdade (quando fazem sentido para o trabalho com o cliente), respeitar crenças e/ou questioná-las, sempre no momento certo.

#### **4,3.4 A espiritualidade na relação terapêutica.**

A relação terapêutica fundamentada no diálogo, como desenvolvida na Gestalt-terapia, foi descrita pelos participantes como possibilitadora da experiência espiritual, como sugeriu Bella: "[...] se eu consigo ajudar o paciente a se colocar disponível, se colocar aberto, então esse campo da relação humana[...] o sagrado pode visitar... e eu percebo que na relação terapêutica isso acontece muitas vezes, né?". Autores da literatura (Hycner, 1994; Juliano, 1999; Yontef, 1993) enfatizaram a importância do diálogo para a psicoterapia, ressaltando a influência de Buber (1974), que descreveu a qualidade transcendente do encontro Eu-Tu. Para



este autor, o campo relacional entre pessoa e pessoa pode promover a abertura para o que ele chama de Tu Eterno, o sagrado, a experiência de Deus. Outros autores estudaram os chamados momentos sagrados em psicoterapia, quando, na relação terapêutica, cliente e terapeuta podem experienciar uma conexão profunda nas dimensões intrapessoal, interpessoal e transpessoal (Lomax, Kripal & Pargament, 2011; Pargament, Lomax, McGee & Fang, 2014).

Participantes também se referiram aos atributos que um terapeuta precisa desenvolver para possibilitar que o encontro aconteça, como empatia e não julgamento. Tassinari e Durange (2014) relataram que a prática de escutar o cliente e entrar em seu mundo promove a compreensão empática que, quando desenvolvida com maior profundidade, pode transformar-se em compaixão, a qual tem uma qualidade espiritual de acordo com princípios budistas.

Mauro descreveu outras qualidades do terapeuta que facilitam o encontro com o cliente, como sinceridade, intuição, *feeling*, maturidade, capacidade de integração de experiências pessoais, humanidade. Ele disse: "talvez a coisa mais importante numa relação[...] é... é quando você se despe, inclusive da sua teoria, né, e você está com a pessoa, sem nada entre você e ela.". Isso combina com o que afirmaram Polster e Polster (2001, p. 35): "O terapeuta também, como o artista, age a partir de seus próprios sentimentos, como o artista, usando seu próprio estado psicológico como um instrumento da terapia".

Mauro e Laura ainda mencionaram atitudes como o cuidado com o todo, a compaixão e a defesa da vida, clareza e discernimento, as quais, segundo eles, têm enorme relevância para suas práticas clínicas e se configuram como expressões da espiritualidade. Alguns desses atributos possibilitam a relação dialógica, descrita como definidora da psicoterapia gestáltica (Clarkson, 1993). Como disse Mauro: "[...] ela (a espiritualidade) vai aparecer, é... ela vai

aparecer dentro dessa qualidade do encontro, a partir do que a pessoa traz e às vezes o que ela traz não tem nada de religioso, nada de espiritual".

#### **4.3.5 Integração entre as dimensões psíquica e espiritual.**

Outro tópico importante que surgiu nas falas dos participantes foi a relação entre o trabalho psicoterapêutico clássico e aquele que acessa as dimensões espirituais. Este é um campo cheio de áreas cinzentas, uma vez que muitas vezes esses domínios não estão bem delimitados na clínica. Joyce e Sills (2014) disseram que, como profissionais, psicoterapeutas são treinados para lidarem com questões "mundanas", mas nem sempre estão preparados para lidar com as necessidades espirituais dos clientes. Os participantes desta pesquisa expressaram alguns dos entrelaçamentos entre essas áreas.

Bella deu um exemplo de quando uma paciente trouxe um tema de espiritualidade, porém percebeu a necessidade de trabalhar suas questões psicogênicas:

[...] eu tive uma paciente, uma mulher de 61 anos, éee... que fazia práticas, chegou a ir pra Índia, ficar num *ashram* e fazer mil, mil coisas, ãaa... pra tentar abandonar o ego, né, renunciar ao ego, uma renunciante. Ela não tinha um ego constituído suficientemente, ela apanhava do marido, ela estava numa relação de casamento destrutiva, abusiva, ela não tinha fronteiras de ego bem estabelecidas, e ela buscava nestas práticas a tentativa de, de apaziguar conflitos que ela não sabia lidar no cotidiano dela...

Joyce e Sills (2014) apontaram a importância de se discriminar quando um problema ou necessidade do cliente é de natureza espiritual ou se trata de um tema típico de psicoterapia. Ainda com relação à paciente citada acima, Bella desenvolveu com a mesma um trabalho de reconstrução egoica:

[...] pra que ela pudesse discernir o que era de fato uma experiência de ordem, né, transcendente e uma, uma muleta na qual ela se agarrava, né [...]" E disse mais: "...então é um trabalho que a gente faz com todos os pacientes, né, primeiro ressignificação da própria história, estabelecimento de um ajustamento criativo funcional, mais saudável, e a espiritualidade está no pacote, né?"

Hycner (1993) afirmou que algumas pessoas buscam a "transcendência" antes de se desenvolverem pessoalmente, querendo ultrapassar seus problemas mediante uma fuga para o espiritual. O autor sugeriu um trabalho de amadurecimento pessoal como pré-requisito para a busca de uma consciência mais ampla e para a espiritualidade.

Do mesmo modo, um terapeuta precisa reconhecer e validar as vivências espirituais genuínas de seus pacientes, como disse Bella: "Eu *testemunho* aquela experiência e não tento nomeá-la nem reduzi-la. [...] sem tentar reduzir aquilo a qualquer tipo de explicação, né?". Na literatura, autores sugerem que o psicoterapeuta não reduza as experiências espirituais genuínas de seus pacientes a questões psicoemocionais (Cardella, 2017; Ribeiro, 2009).

Os participantes enfatizaram que não se deve fazer dicotomias entre o trabalho clássico com temas psicogênicos e o tratamento de temas espirituais. Laura, por exemplo, descreveu o caso de um cliente que tinha sonhos premonitórios, ocasião em que a terapeuta integrou as duas dimensões. Primeiro, lidou com a consciência expandida do cliente e em seguida promoveu a compreensão dos aspectos psicoemocionais desses sonhos:

Independente da gente também trabalhar, porque quando o cliente tem sonhos premonitórios ou telepáticos, independente da questão da... da... consciência expandida, tem um dado de realidade que, por ressonância de campos, né, que não é à toa que, das infinitas possibilidades do multiverso que ele escolhe se plugar, tem alguma coisa que tem a ressonância de campo com ele. Então, eu ia trabalhar, trabalhava como, a gente trabalha normalmente sonhos em Gestalt-terapia. O pedaço dele que tem a ver com a questão dele, das polaridades dele, das questões dele. Porque não é à toa que ele pluga naquilo.

Fish (1992), ao descrever as formas de trabalhar sonhos em Gestalt-terapia, propôs uma compreensão que integra os aspectos psíquicos e os espirituais. Ela afirmou que alguns sonhos que os clientes consideram como premonitórios podem advir das percepções e intuições da pessoa, que ficaram inconscientes, mas se presentificaram nos sonhos. Entretanto, ela diz que há sonhos que não podem ser explicados pelas vivências psicológicas e memórias do sonhador, e que podem trazer mensagens premonitórias ou refletir sua busca pelo sentido da vida. Ela chama esses sonhos de espirituais ou sobrenaturais, e sugere que o terapeuta facilite o acesso às mensagens espirituais contidas nos mesmos, que podem trazer aprendizados importantes para o sonhador, podendo ser compreendidos a depender das suas crenças. Os outros tipos de sonhos são tratados de forma clássica.

Participantes também falaram da espiritualidade como uma etapa final, uma evolução de um trabalho psicoterapêutico que integrou dimensões psicogênicas. Mauro deu um exemplo de um cliente que alcançou um desenvolvimento psíquico e então se abriu a temas espirituais:

Recentemente eu atendi uma... um funcionário público, com uma... é... com quadro de TOC, grave, né? É... é... eu indiquei *mindfulness* como parte do trabalho [...] Os sintomas começaram a sumir, é... ele começou a trazer questionamentos de outra ordem, não mais em cima do sintoma, mas em cima de... sentido de vida mesmo, o que que ele tá fazendo aqui, né?

A espiritualidade pode surgir como um resultado, uma evolução natural de um bom processo psicoterápico, como propôs Érico:

[...] isso eu tô com a Jean, num dos textos dela que ela diz que a terapia bem feita, ela conduz à religiosidade.... ao final da terapia... chega uma hora... agora é com a religiosidade.

Ele citou a autora Jean Clark Juliano (1999), que descreveu o processo terapêutico como dividido em etapas, não lineares, incluindo: hospedar o cliente, libertar sua expressão, restaurar o diálogo, reconstruir sua história pessoal, podendo chegar a "Buscar a história humana, passando pelo território do sagrado". Nesta última fase descrita pela autora, pode-se olhar para temas que "pertencem à dimensão do humano, não sendo somente uma questão individual" (Juliano, 1999, p. 83). Joyce e Sills (2014) também falam das muitas razões que levam clientes à terapia, descrevendo-as como um *continuum*, que pode se iniciar como desejo de acabar com a tristeza, passando pelo autoconhecimento, até chegar à busca de crescimento espiritual. Os clientes podem se deslocar nesse contínuo na medida em que progredem em terapia.

Os participantes também falaram da relação entre saúde mental e espiritualidade. A ausência de sentido no mundo moderno pode levar à patologia, como disse Bella, falando de seus clientes:

[...] porque ao viverem um mundo desumanizado e dessacralizado, né, onde as pessoas tão se sentido muitas vezes robotizadas, sem tempo humano, sem espaço humano, sem relações de qualidade, né, elas não vêm e colocam em questão o sentido né, [...]Vejo um desconsolo, vejo muito desalento, vejo muita desesperança...

Frankl (1991) descreveu o vazio existencial experienciado por muitos no século XX, mediante a perda de contato com seus instintos e tradições. Ribeiro (2009) discorreu sobre a busca velada pela espiritualidade contida nas queixas de seus pacientes, como pedidos para uma abertura a serem reconhecidos pelo terapeuta.

#### **4.3.6 Instrumental metodológico clínico: fenomenologia e técnicas.**

Ao responder à pergunta disparadora "como trabalhar temas de espiritualidade na clínica", os participantes descreveram as atitudes, as habilidades e os métodos desenvolvidos em sua prática clínica. Retrataram seu trabalho dentro de uma metodologia fenomenológica, que propõe que o terapeuta suspenda seus *aprioris* e julgamentos e se volte para o mundo do cliente, para focar no referencial do mesmo. Também descreveram os recursos técnicos que usam em trabalhos com a espiritualidade.

O método fenomenológico, que preconiza o respeito pelo universo experiencial do outro, foi descrito por Laura:

Então a gente precisa ter noção, porque nós tamos trabalhando, a gente dentro de uma postura fenomenológica, temos que trabalhar com aquilo que é o valor pra o outro. Aquilo que é o valor pra o outro defende as fronteiras do eu para o outro. E eu não posso invadir, nem definir por ele isso.

Segundo Crocker e Philipson (2005), o método fenomenológico de Husserl foi transformado em uma metodologia psicoterapêutica na Gestalt-terapia. Dentro desta proposta, o terapeuta suspende seus elementos interpretativos (*epoché*) e acolhe ativamente a revelação da verdade pessoal do cliente, sua forma de ser e *como* ele revela suas experiências. Bella falou da relevância "[...] da gente se retirar um pouco, colocar em suspensão, pra poder olhar o fenômeno que emerge, sem fazer alianças e nem ter repulsas, né, [...]".

Érico sugeriu que terapeutas precisam conhecer bem quais são suas crenças e valores espirituais, para facilitar sua suspensão e minimizar sua influência:

Não existe terapeuta neutro, as intervenções têm uma intencionalidade, os nossos olhares são intencionais, então por isso que a gente tem que fazer terapia, fazer supervisão, pra nossa intencionalidade interferir o mínimo possível, mas ela interfere.

Os participantes demonstraram uma valorização do autoconhecimento e do reconhecimento de sua própria religiosidade, para que esta influencie menos o processo terapêutico, possibilitando uma abertura para acolher pessoas de inclinações diversas. Como pontuou Érico: "[...] e nisso de atender padres eu precisava ter um cuidado muito grande pro meu ateísmo não interferir e tudo".

Os participantes também se referiram às técnicas usadas em terapia na lida com a espiritualidade dos clientes: recursos que ampliam a consciência; recursos que ancoram o aqui e agora; experimentos de integração da corporeidade; diálogo com a dimensão espiritual; promoção do silêncio; recursos meditativos; oração e reza; perdão; metáforas e parábolas.

O uso de recursos clínicos que vão além da fala são bem conhecidas na Gestalt-terapia; dentro das muitas possibilidades, podemos citar recursos artísticos, corporais, trabalho com sonhos e fantasia, valores e projetos de vida (Juliano, 1999). O uso desses recursos facilita a ampliação da consciência, o trabalho da *awareness*, buscando uma abrangência, pois, segundo Ribeiro (2009, p. 182-183):

O processo terapêutico é, em última análise, um processo de ampliação de consciência, de busca do verdadeiro sentido das coisas, de reencontro com partes perdidas de nossa existência, de um cara a cara com nossas possibilidades e, conseqüentemente, com nossos medos.

Em relação ao uso da arte e da fantasia, a participante Bella pontuou: "Então tem essa dimensão, é óbvio, tem às vezes uma fantasia dirigida, uma visualização criativa, tem uma série de, aí, recursos terapêuticos, a própria, recursos de arte terapia, né, mandalas, desenhos". Ciornai (2004, p. 54) descreveu a arteterapia gestáltica como “uma terapia experiencial que visa a expansão da *awareness*”, mediante mobilização energética em níveis sensorial, emocional e cognitivo, e promovendo percepções, compreensão e *insights* acerca do vivido.

O trabalho com o corpo foi citado por Laura: "Eu uso muito trabalhos também de movimento, de desbloqueio das tensões corporais, com movimentos, com posturas, toques sutis, toques profundos, né, pra ativação do simpático, do parassimpático". O trabalho corporal pode trazer maior amplitude de consciência (Kepner, 1993), pois, segundo Ribeiro (2009, p. 184), "o corpo humano é a explicitação mais clara do caráter complexo das potencialidades que nele existem em ato".

A prática de meditação também foi citada por Laura e Mauro como recurso clínico, aplicado sem conotação religiosa. Ambos afirmaram que também sugerem que o cliente obtenha treinamento na técnica e/ou que pratique regularmente em casa. O recurso da meditação, especialmente na modalidade de *mindfulness*, tem sido muito usada e estudada em psicologia na contemporaneidade, tendo seus benefícios para a saúde psíquica e corporal bem comprovados (Lazer, 2005; Shapiro, Carlson, Astin & Freedman, 2006; Vandenberghe & Assunção, 2009). Este método, embora oriundo do mundo da espiritualidade e usado para promover o crescimento espiritual em diversas tradições, foi trazido para a psicologia como uma técnica secular, de promoção de saúde.

Participantes pontuaram que a meditação *mindfulness* é muito semelhante a um recurso clássico da Gestalt-terapia, o contínuo de consciência. Como disse Laura: "Em Gestalt-terapeuta (*sic*) a gente usa muito *mindfulness*, a gente usa muito o contínuo de *awareness*... o *mindfulness* é um... é um aprimoramento do contínuo de *awareness*, né..."

Naranjo (1990) descreveu esse cultivo da *awareness* no aqui e agora, do que está dado no campo experiencial, como uma prática que possibilita uma abertura espiritual. Para o autor, isso envolve aceitar a experiência, abrir mão de padrões e expectativas e uma abertura para além da mente, o que tem relação com o transpessoal. Naranjo foi um dos gestalt-terapeutas



conhecidos por usar recursos meditativos, seguindo a proposta pioneira de Fritz Perls. Ribeiro (2009) também destacou o uso da prática, quando afirmou que a meditação é, em sua essência, uma prática de transcendência e interioridade.

Outro recurso oriundo do mundo espiritual, a oração, também foi citada como possibilidade na clínica, em sua forma secular, como postulou Mauro, ou dentro de um contexto religioso, quando está de acordo com as crenças dos clientes. Disse Laura:

[...] eu posso pedir a um outro cliente (que se declara católico), né, como é, se ele reza o terço toda noite antes de dormir, por exemplo. Aí o cliente vai rezar o terço toda noite antes de dormir, entra em *alfa*, né, porque ele tá ali rezando, repetindo ave Maria, ele tá fazendo um mantra, que o terço é um mantra, ele relaxa e dorme.

Para a terapeuta, trata-se de um recurso para relaxamento; para a cliente, uma prática religiosa que tem um efeito também relaxante.

Ribeiro (2009, p. 189) descreve a oração como um instrumento de espiritualidade, afirmando que a mesma "é um momento de transcendência humana". O autor se refere à possibilidade de perguntar ao cliente se este ora, sugerindo que esta prática pode dar suporte ao processo terapêutico. Post e Wade (2009) sugeriram que terapeutas precisam avaliar as necessidades dos clientes e pedir seu consentimento antes de usar recursos como a oração. Aqui, pode-se fazer pontes com a ênfase trazida pelos participantes de somente propor instrumentos que estejam de acordo com as visões espirituais e religiosas dos clientes, pois, como disse Mauro:

[...]eu acho que o melhor jeito da espiritualidade entrar na psicoterapia é pela via não religiosa, não pode vir porque é uma catequese... isso é antiético por parte do terapeuta, é... não pode o terapeuta ter a agenda de converter uma pessoa à sua crença, isso é profundamente anti-ético, é incompetente do ponto de vista técnico, né?

Mauro também falou em usar o perdão em uma conotação não espiritual:

É... eu posso usar como experimento, propor a ela um experimento, que é uma visualização e algumas frases, que vêm de uma organização religiosa específica, cujo tema é perdão. Eu proponho, não digo qual é a origem, porque eu não quero, não digo a origem e... porque se eu disser a origem eu misturo a psicoterapia com o caminho religioso [...]

O perdão tem sido estudado na psicologia contemporânea como um recurso que promove enfrentamento e restauração de saúde mental. Estudos enfatizam que não se trata de uma mera técnica terapêutica nem de uma ferramenta religiosa, a ser imposta à pessoa sem considerar suas necessidades (Dauber, 2016).

Outro recurso de suporte à prática clínica, vinculado ao mundo da espiritualidade, é a relação com a natureza e o silêncio. Disse Bella:

[...] em (cidade do interior onde trabalha) eu tenho um espaço que ele fica num lugar onde eu tenho montanha, onde eu tenho um pequeno lago, eu tenho peixes, eu tenho árvores [...] e as pessoas me pedem, e elas me dizem que lá elas conseguem experimentar um silêncio que em geral elas num, não conseguem viver e que só de ir lá pra ouvir aquele silêncio, que é um silêncio vivo, eu já ouvi isso de várias pessoas, elas já saem melhor, né?

Ribeiro (2009) definiu o silêncio não como ausência de palavra, mas como algo profundo que nasce da natureza do ser humano. Para ele o silêncio cria, modifica, tem que ver com transcendência e o sagrado. O autor valida a importância do silêncio em terapia quando diz que "fazer Gestalt-terapia é passar do silêncio calado ao silêncio existencial, lugar marcado para a verdadeira palavra ser pronunciada" (Ribeiro, 2009, p. 195). E Crocker e Philipson (2005, p. 77) salientaram:

Fritz Perls aprendeu o valor do silêncio: a determinação para 'só sentar' em silêncio e experienciar um tipo de vazio, que no Zen é chamado de não-ser ou não-mente, e no Taoísmo é chamado de não-ser, o vazio, ou o feminino.<sup>3</sup>

No exemplo dado acima, Bella também falou do contato com elementos da natureza como suportes à terapia, o que combina com a proposta de Ribeiro (2009), o qual sugere o convívio na natureza como um instrumento de promoção de saúde e espiritualidade.

Mauro descreveu uso de outros recursos espirituais em um formato secular, como parábolas, metáforas, sempre com cuidado para não catequizar o cliente: "[...] mas eu acho que se o terapeuta tiver a cultura dos ensinamentos espirituais que são esclarecedores sobre os dramas humanos, às vezes, uma citação, ou uma história, ou uma parábola, cai muito bem...".

Mauro também sugeriu um uso adaptado do recurso clássico da cadeira vazia para promover diálogo com dimensões de espiritualidade e de religiosidade:

[...] fazendo um experimento de cadeira vazia, com... um cliente, e isso eu já usei no consultório, ele criou a 'cadeira alta'. A cadeira alta é... vamos dizer assim, o que aquela dimensão maior nela vê da situação toda que ela está vivendo, né?"

Com este recurso, o participante propõe que o cliente se situe em uma posição de observador das várias situações de sua vida, para fazer escolhas mais conscientes. Este recurso é semelhante ao testemunhar a dualidade da mente do budismo, assim como o centramento em um ponto zero da indiferença criativa descrito na Gestalt-terapia, de onde a pessoa, desengajada dos polos opostos, pode observar suas experiências e polaridades em cada

---

<sup>3</sup> No original: "Fritz Perls learned the value of silence: the willingness to 'just sit' with silence and to experience a kind of emptiness, which in Zen is called nonbeing or no-mind and in Taoism is called nonbeing, the void, or the feminine. Tradução da autora.

momento de *awareness*, buscando uma melhor compreensão e integração das mesmas (Naranjo, 1990).

Em geral, os participantes descreveram o uso de diversos recursos terapêuticos que promovem interiorização, ampliação da consciência e abrangem a totalidade da pessoa. Porém, nenhum descreveu abertamente o uso desses recursos para promover a espiritualidade do paciente, como fez Ribeiro (2009, p. 183): "Assim como o processo terapêutico tem seus instrumentos de trabalho, também a Espiritualidade pode ser incentivada, explicitada mais sensivelmente, por meio de alguns instrumentos". O participante Érico, por exemplo, afirmou que não faz uso desse tipo de recurso: "Eu não lido com nada disso... eu acho que isso é junção de duas áreas, uma junção perigosa [...]".

Em resumo, os participantes sugeriram trabalhar os recursos clássicos da Gestalt-terapia, pois estes já acessam a multidimensionalidade e promovem a tomada de consciência, a *awareness*, que, segundo Naranjo (1990), é a base da espiritualidade. Também citaram o uso de recursos oriundos da espiritualidade em formato secular, ou mesmo religioso, se em consonância com os valores e crenças dos clientes. Falaram do cuidado para não entrarem em uma inflexão e sorrateiramente promoverem catequese. E, levando em conta a dimensão da transcendência, falaram em promover o silêncio, a criatividade e a integração da totalidade, não como indução espiritual, mas como trabalho com a dimensão humana, que é mais abordada em psicologia transpessoal, mas que também aparece na Gestalt-terapia.

#### **4.4.7 A espiritualidade do psicoterapeuta.**

Dois entrevistados falaram que sua própria espiritualidade serve como autossustentação e como guia para o seu trabalho, de forma privada. Como disse Laura: "peço guia do reino angélico, peço guia dos meus animais de poder, peço guia, peço... me alinho com as energias de cura do universo, mas, isso sou eu, em silêncio, né, dentro do *meu* referencial de crenças, tá?".

Na literatura, Brownell (2012) fala da sua religiosidade ocidental e teística, afirmando que pede ajuda a Deus antes de atender. Pode-se fazer um comentário aqui sobre a importância, também já afirmada pelos participantes, de se minimizar qualquer tipo de interferência da própria religiosidade no atendimento aos clientes. Isso pode tornar-se um desafio para o terapeuta, que está consciente de sua própria religiosidade e pode usá-la como guia e autossuporte, mas busca não imiscuir-se nas vertentes dos clientes.

Dois participantes descreveram suas experiências pessoais de êxtase espiritual, que também foram descritas na literatura (Moraes, 1995). No exemplo de Mauro:

[...] uma das experiências mais fortes que eu tive na vida, foi ver surgir em mim um amor, assim, de uma... uma... foi uma explosão de amor que eu senti por um... a partir de uma troca de olhares [...] esse amor me tomou de uma forma, que eu consegui olhar com amor *cada* uma daquelas milhares de pessoas que tava, ali, é...

Essas experiências foram citadas quando falaram de suas vivências pessoais. Os autores não trataram do tema em suas práticas como terapeutas.

#### **4.4 Tema eixo 4: A preparação do psicoterapeuta para lidar com a espiritualidade**

O quarto tema eixo, relacionado à pergunta disparadora "Como o terapeuta se preparou para trabalhar esses temas na clínica?" apresentou resultados mais específicos. Aqui, os

participantes falaram de sua formação profissional e pessoal, que os habilitaram como clínicos, e também apresentaram uma discussão sobre a precariedade ou a falta de consistência das formações na lida com o tema da espiritualidade, o que coerente com a pesquisa de Piasson (2017), citada anteriormente.

Os entrevistados descreveram a ausência do tema em cursos de psicologia e até em formações clínicas das abordagens, inclusive da Gestalt-terapia. Mauro e Érico foram buscar amplitude de compreensão em pós-graduações *lato sensu*, enquanto Laura e Bella citaram aprendizados com formações e práticas da psicologia transpessoal.

Todos citaram que foram buscar conhecimento por conta própria, mediante buscas pessoais, aprofundamento em sua religião, desenvolvimento de uma atitude de abertura, respeito e curiosidade, e disposição para o aprendizado e o diálogo. Por fim, também se tornaram formadores e construtores de teoria sobre o tema, em um aprendizado contínuo e diálogo com outros profissionais.

Segundo os relatos, o aprendizado não se deu sempre de modo formal, linear, mas foi buscado e conquistado. E hoje reportam que encontram no mundo acadêmico e científico uma maior abertura para o tema, assim como citado em pesquisas contemporâneas (Barnett, 2016; Bonelli & Koenig, 2013; Campos & Ribeiro, 2017).

### Considerações finais

Pode-se concluir, a partir da análise e discussão dos resultados, que a pesquisa atingiu seus objetivos. Em relação ao objetivo geral, os participantes afirmaram perceber a presença de temas espirituais em sua prática clínica, mais em seus aspectos existenciais do que em relação a temas de transcendência ou de religião. Também descreveram os modos como lidam com os mesmos quando surgem, oferecendo exemplos de suas práticas clínicas.

Em relação à pergunta "o que é psicoterapia?", os participantes apresentaram definições clássicas para uma abordagem humanista-existencial: promoção de mudanças e da lida com o sofrimento, estimulação de crescimento e autossuporte, integração da totalidade de experiências, restauração da saúde total. Também apontaram para tarefas existenciais, como a ressignificação de valores, a promoção de escolhas conscientes, a lida como o devir e o mistério e também a ampliação da consciência. Apresentaram, portanto, uma clínica que já enuncia uma abertura para temas espirituais.

Quanto à pergunta "o que é espiritualidade?", participantes apresentaram três linhas de definição:

(1) Como uma dimensão ontológica e existencial humana, englobando a busca de sentido na vida, e a relação com os valores e o devir.

(2) Como uma conexão a um todo maior e à transcendência, incluindo busca do sagrado e vivências de expansão da consciência. Há aqui uma sobreposição com o conceito de religiosidade para alguns participantes, enquanto outros fizeram questão de separá-los.

(3) Como um conceito distinto de religião, embora, em algumas falas, alguns participantes também entrelaçaram os tópicos.

Os entrevistados também puderam descrever a relação entre psicoterapia e espiritualidade, apontando para a última como dimensão humana que, portanto, faz parte dos processos clínicos. Afirmaram que temas religiosos e de transcendência também se fazem presentes na clínica e podem estar relacionados à promoção de saúde.

Os entrevistados exemplificaram como trabalharam temas de espiritualidade em suas práticas, apresentando diferentes possibilidades de lidar com a o espiritual em psicoterapia. Apontaram para o valor da relação dialógica e do método fenomenológico aplicado à Gestalt-terapia. Afirmaram que os recursos clássicos da Gestalt podem promover abertura e expansão da consciência, e ainda descreveram como usam os métodos oriundos da espiritualidade para fins terapêuticos. Ainda evidenciaram que os processos da psicoterapia podem promover uma abertura para o campo espiritual e do sagrado.

Alguns constituintes essenciais da experiência dos participantes foram: a presença de temas ontológico-existenciais no processo clínico como paradigmas de espiritualidade; a possibilidade de trabalhar temas de transcendência e de conexão com a totalidade na clínica; a dimensão espiritual da relação terapêutica; a relação entre as tarefas clássicas da psicoterapia e os temas espirituais (trabalho com a dimensão psíquica e espiritual); o processo psicoterapêutico como possibilitador de abertura espiritual; a lida com temas de religião na clínica; o instrumental metodológico que possibilita a abertura para temas espirituais: método fenomenológico e recursos técnicos; a espiritualidade do terapeuta.

O trabalho trouxe contribuições valiosas à prática clínica e à pesquisa, tratando de um tema que ainda suscita polêmicas. Pode-se afirmar que os temas apresentados pelos participantes não foram exatamente inéditos no campo da psicologia; porém, houve uma abrangência de tópicos destacados, incluindo alguns mais raros em discussões da psicologia



humanista-existencial, como a lida com temas de transcendência, religião, as emergências espirituais e o uso de recursos da espiritualidade.

Algumas limitações ao estudo também podem ser sugeridas. Com um número maior de participantes, talvez alguns temas diferentes pudessem ter surgido. Outro ponto importante diz respeito ao fato de que os participantes, incluindo o que participou da entrevista piloto, são psicoterapeutas que demonstram uma abertura para temas espirituais na clínica. Um futuro estudo poderia focar em entrevistar Gestalt-terapeutas que não destacam um interesse pelos temas de espiritualidade, para comparar os resultados.

Outro tema interessante para uma futura pesquisa seria investigar o fenômeno da espiritualidade do ponto de vista daquele que a vivenciou, e não do terapeuta que acolheu o caso. Poderiam ser entrevistadas pessoas que levaram temas de espiritualidade à clínica, buscando apreender como vivenciaram estes processos. Outra possibilidade seria o estudo de pessoas que vivenciaram experiências profundas, como o êxtase ou a iluminação espiritual, para compreendê-las do ponto de vista psicológico.

Um outro tema para um futuro estudo poderia ser a interseção entre a busca espiritual por potência e a busca de cura em psicoterapia. Tal estudo poderia investigar se e como essa busca tem aparecido na clínica e qual a postura dos terapeutas diante da mesma, considerando dois aspectos: (1) a fala de Naranjo (1990), de que alguns psicoterapeutas, como Fritz Perls, exerciam também um papel semelhante a um xamã; (2) a ênfase dada pelos participantes de que psicoterapeutas devem se abster do papel de conselheiros espirituais.

A pesquisa apreendeu uma abundância de temas, que poderiam ser explorados com maior profundidade em futuros trabalhos. Por exemplo, pesquisas poderiam focar em como

usar alguns recursos, como a meditação e a oração, ou em como trabalhar as emergências espirituais em Gestalt-terapia.

A discussão deste trabalho focou na elaboração de pontes com a teoria gestáltica. Entretanto, muitas percepções dos psicoterapeutas gestaltistas estão em consonância com o que foi também encontrado em outras pesquisas com psicólogos de outras abordagens, e/ou que atuam em outros contextos clínicos, como em hospitais e serviços de saúde (Freitas, 2013; Freitas, Santo e Silva, 2019). Um futuro estudo poderia ampliar as pontes teóricas com esses campos.

Os participantes apresentaram respostas congruentes com a teoria da Gestalt-terapia, o que era de se esperar, uma vez que todos são adeptos desta abordagem. Entretanto, como o trabalho não foi focado em seus relatos teóricos e cognitivos, mas em suas vivências e percepções, eles trouxeram a experiência viva de seus trabalhos com clientes, o vivido apreendido em ato – que foi o cerne da pesquisa.

Algumas inflexões foram identificadas na pesquisa. Uma delas foi a dificuldade em se separar temas de religião e religiosidade da espiritualidade, desde a forma de conceituar até a descrição das vivências. Outra dificuldade encontrada foi a de separar ou integrar as tarefas clássicas da psicoterapia com o trabalho com a espiritualidade.

Uma terceira inflexão sugerida no trabalho foi a afirmação contundente por parte dos entrevistados de que sua religião ou religiosidade pessoal não interfere ou deve interferir nos processos da clínica. Entretanto, nas entrelinhas, parece que há alguma indicação, sugestão ou exemplo de que elas podem de algum modo oferecer alguma influência.

Percebeu-se também uma cautela por parte dos entrevistados ao falar de temas espirituais, evitando apresentar tópicos que poderiam se tornar polêmicos. Entretanto, pode se

apreender que, no dia-a-dia da clínica, podem vivenciar uma maior abrangência de experiências.

A espiritualidade é uma dimensão humana relacionada a seus processos de saúde, que está vinculada ao sentido da vida e à transcendência; não pode, portanto, ser excluída nas práticas da psicoterapia. Clientes precisam se sentir à vontade para falar desses temas sem julgamentos ou reducionismos por parte de seus terapeutas. Os últimos precisam estar abertos e bem preparados para acolher e permitir o desenvolvimento desses temas. Precisam saber o que é de ordem espiritual e o que é da ordem da psicoterapia clássica, para não entrelaçar os tópicos. E, por fim, terapeutas necessitam estar bem instrumentados para trabalhar esses temas, e tomar cuidado para não ultrapassarem seu papel, colocando-se como mestres espirituais.

Os participantes desta pesquisa, ao discorrerem sobre uma abundância de assuntos, apontaram para uma conexão profunda entre a Gestalt-terapia e a espiritualidade. A Gestalt-terapia oferece suporte teórico e prático para a inclusão do espiritual, podendo ser sugerido que se trata de uma abordagem transpessoal, além de existencial-humanista.

Para finalizar este trabalho, sairei da postura menos pessoal que mantive até agora, para fazer algumas considerações próprias. Este estudo me possibilitou uma profunda reflexão acerca de um tema que me intriga desde a minha infância, a espiritualidade. E também, desde que atuo como profissional na área clínica, tenho indagado sobre a relação entre a psicoterapia e os temas espirituais. Tratou-se, portanto, de um projeto pessoal, de um tempo para estudo e ponderação sobre diversos tópicos que são de grande relevância em minha vida.

O diálogo com os participantes e suas falas, que ocorreu durante todo o processo de coleta e análise de dados, foi bastante enriquecedor. Cada um me tocou de um modo diferente.

Bella, por sua abertura a temas de transcendência, sua profundidade espiritual e clínica. Mauro, com suas ponderações sobre o êxtase, as experiências transcendentais de seus clientes e a vertente oriental. Érico, por suas considerações sobre o papel dos valores na vida humana e o seu cuidado ao atender pessoas religiosas. Laura, por seu modo prático e concreto de lidar com os temas clínicos, e sua experiência com as emergências espirituais.

Alguns tópicos discutidos no estudo foram muito esclarecedores, como a compreensão da relação entre as tarefas clássicas da psicoterapia e a espiritualidade, e a possibilidade do processo psicoterápico promover uma abertura espiritual ou até se tornar um momento de espiritualidade. Penso que seria difícil um processo terapêutico bem sucedido acontecer sem tocar em temas espirituais, sejam eles na forma de tópicos existenciais, transcendentais ou religiosos. A pesquisa indicou modos, métodos, atitudes, recursos para se lidar com a espiritualidade.

O trabalho também originou temas que me são muito caros, como a beleza do encontro humano; a profundidade da meditação, da oração e do perdão; a importância do silêncio e do contato com a Natureza; o ser cuidado por algo que nos transcende; a presença do mistério em nossas vidas; o devir, a arte, o corpo, a beleza.

Por fim, este trabalho alcançou algumas respostas para minhas indagações pessoais e abriu outras. Considero que consegui contribuir para uma compreensão do que é espiritualidade e do seu papel na vida das pessoas, e, principalmente, de como tratar desses temas na clínica. Tratam-se de temas que não se esgotam; entretanto, creio que foi possível trazer uma contribuição teórica e empírica importante, no seio de uma instituição tradicional de ensino, acerca de uma área que está em plena evolução no campo da psicologia.

## Referências

- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru, SP: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2000). *A fenomenologia do ser humano*. Bauru, SP: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru, SP: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à Fenomenologia*. Bauru, SP: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2016). *Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus*. São Paulo, SP: Paulus.
- Aletti, M. (2012). A psicologia diante da religião e da espiritualidade: questões de conteúdo e de método. In Freitas, M. H. & Paiva, G. J. *Religiosidade e Cultura Contemporânea*. Brasília, D.F.: Universa.
- Amatuzzi, M. M. (2001). Esboço de teoria do desenvolvimento religioso. In Paiva, J. G. (Org.), *Entre necessidade e desejo: Diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo, S.P.: Loyola.
- Amatuzzi, M. M. (2001). Pesquisa fenomenológica em psicologia. In M. A. T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs.), *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Ômega Editora.
- American Psychiatric Association (2006). Religious/Spiritual Commitments and Psychiatric Practice. Recuperado de [http://www.psych.org/edu/other\\_res/lib\\_archives/archives/200604.pdf](http://www.psych.org/edu/other_res/lib_archives/archives/200604.pdf)
- American Psychological Association (2016). Society for the Psychology of Religion and Spirituality. Recuperado de <http://www.apadivisions.org/division-36/about/index.aspx>
- Ávila, S. T. (2010). *Livro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Barnett, J. E. (2016). Are Religion and Spirituality of Relevance in Psychotherapy? *Spirituality in Clinical Practice*, 3(1), 5-9. <http://dx.doi.org/10.1037/scp0000093>
- Bonelli, R. M., & Koenig, H. G. (2013). Mental Disorders, Religion and Spirituality 1990 to 2010: A Systematic Evidence-Based Review. *Journal of Religious Health*, 52, 657-673. doi: 10.1007/s10943-013-9691-4
- Brownell, P. (2012) Spirituality in Gestalt-therapy. In. T. B.-Y. Levine (Ed.). *Gestalt Therapy: Advances in Theory and Practice*. New York, NY: Routledge.
- Buber, M. (1974). *Eu e Tu*. (2a ed.) São Paulo, SP: Editora Moraes.
- Camilo, P. A. S. & Rodrigues, C. C. (2015). Dados sobre a clínica psicológica no Brasil. Anais do V Congresso da ANPTECRE “Religião, Direitos Humanos e Laicidade”. ST 11 – Psicologia Da Religião. Recuperado de [file:///Users/martahelenadefreitas/Downloads/5anptecre-15539%20\(1\).pdf](file:///Users/martahelenadefreitas/Downloads/5anptecre-15539%20(1).pdf).
- Campos, A. F. & Ribeiro, J. P. (2017). Psicoterapia e espiritualidade: da Gestalt-terapia à pesquisa Contemporânea. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XXIII(2), 211-218. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-8672017000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-8672017000200009&lng=pt&tlng=pt).
- Cardella, B. H. P. (2017). *De volta para casa: Ética e Poética na Clínica Contemporânea*. Amparo, S.P.: Gráfica Foca.
- Ciornai, S. (org.) (2004). *Percursos em Arteterapia*. São Paulo: Summus.
- Clarkson, P. (1993). *Gestalt Counselling in Action*. London: Sage Publications.
- Clarkson, P. & Mackewn, J. (1993). *Fritz Perls*. London: Sage Publications.
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP). (2016). Recomendações para atuação profissional da (o) psicóloga (o). *Relatório Síntese das Discussões Estaduais*

- Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade*. Recuperado de [http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/Recomendacoes\\_Diverpsi.pdf](http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/Recomendacoes_Diverpsi.pdf)
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.
- Crocker, S. & Philippson, P. (2005) Phenomenology, existentialism, and eastern thought in gestalt therapy. In A. Woldt & S. Toman (eds.) *Gestalt Therapy: History, Theory, and Practice*, pp. 65-80, Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.
- Dauber, L. (2016). O perdão como ferramenta terapêutica: desafios no cotidiano em saúde mental. In K. H. K. Wondracek, M. A. S. Brígido, N. E. Herbes, & T. Heimann (Orgs.), *Perdão: Onde Saúde e Espiritualidade se encontram*. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST.
- Feder, B. (2001) Letter to the editor. *Gestalt!*, 5(3). Recuperado de: <http://www.g-gej.org/5-3/letter.html>
- Feijoo, A. M. L. C. (2010). *A escuta e a fala em psicoterapia*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Ferreira, A. L. & da Silva, S. C. R. (2016). A espiritualidade como acontecimento transpessoal. In Conselho Regional de Psicologia SP(CRP 06). *Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade*.
- Fish, S. & Lapworth, P. (1995). *Understand and Use your Dreams*. London: Dormouse Press.
- Frankl, V. E. (1991). *Man's Search for Meaning*. London: Hodder & Stoughton.
- Frankl, V. E. (1995). *Logoterapia e Análise Existencial*. Campinas, S.P.: Editorial Psy II.
- Frankl, V. E. (2016). *A Presença Ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes.
- Freitas, M. H. (2004). O senso religioso como objeto de interesse da psicologia: um breve histórico. In M. A. Ribeiro, *Texto didático: questões da psicologia contemporânea*. Brasília, D. F.: Universa.

- Freitas, M. H. (2013). Religiosidade e saúde mental em imigrantes: a percepção de psiquiatras e psicólogos ingleses e brasileiros. In: M. H. Freitas & G. J. Paiva (Orgs.). *Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade - Vol II*. Brasília: Universa.
- Freitas, M. H. & Vilela, P. R. (2017). Leitura fenomenológica da religiosidade: implicações para o psicodiagnóstico e para a práxis clínica psicológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 95-107.
- Freitas, M. H., Santo, L. C. E., & Silva, R. C. (2019). Percepções de psicólogos sobre religiosidade e saúde mental - estudo fenomenológico em um CAPS do Distrito Federal. In J. M. Lessa, S. de S. Faria, A. Maciel Júnior, & E. H. P. Pereira. (Orgs.). *A clínica psicológica e suas interfaces com a saúde*. Curitiba: CRV.
- Fülöp-Miller, R. (1995). *Os santos que abalaram o mundo* (11a. Ed). Rio de Janeiro, RJ: José Olympo.
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. In A. Giorgi (Org.), *Phenomenology and psychological research* (pp. 8-22). Pittsburg: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. (2009). *The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach*. Pittsburg: Duquesne University Press, 2009.
- Giorgi, A. (2012). The descriptive phenomenological psychological method. *Journal of Phenomenological Psychology*, v. 43(1), p. 3-12.
- Giorgi, A. P., & Giorgi, B. M. (2003). The descriptive phenomenological psychological method. In P. M. Camic, J.E. Rhodes & L. Yardley. *Qualitative research in psychology:*



- expanding perspectives in methodology and design* (pp. 243-273). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Henning-Geronasso, M. C. & Moré, C. L. O. O. (2015). Influência da Religiosidade/Espiritualidade no Contexto Psicoterapêutico. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 35(3), 711-725. doi:10.1590/1982-3703000942014.
- Hofmann, L. & Walach, H. (2011). Spirituality and religiosity in psychotherapy - A representative survey among German psychotherapists. *Psychotherapy Research*, 21(2), 179-192. doi: 10.1080/10503307.2010.536595
- Holanda, A. F. (Org.) (2004). *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia*. Campinas: Alínea.
- Holanda, A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. Em *Análise Psicológica*, 3(XXIV), 363-372. Recuperado de <http://search.scielo.org>
- Hook, J. N., Worthington Jr., E. L. & Davis, D. E. (2012). Religion and Spirituality in Counseling. In N. A. Fouad (Ed.), *APA Handbook of Counseling Psychology: Vol. 2. Practice, Interventions, and Applications* (p. 417-432). doi: 10.1037/13755-017.
- Houston, G. (2003). *Brief Gestalt Therapy*. London: Sage.
- Husserl, E. (2002). *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia* (2a Ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Hycner, R. (1993) *De Pessoa a Pessoa*. São Paulo: Summus.
- Ingersoll, R. E. (2005). Gestalt Therapy and Spirituality. In A. L. Woldt & S. M. Toman (Eds.), *Gestalt Therapy: History, Theory and Practice* (p. 133-150). Thousand Oaks, California: Sage.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Censo Demográfico. Recuperado de [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

- James, W. (1902). *The varieties of religious experience. A study of human nature*. New York-London-Bombay: Longman.
- Joyce, P. & Sills, C. (2014). *Técnicas em Gestalt: Aconselhamento e psicoterapia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Juliano, J. C. (1999). *A arte de restaurar histórias*. São Paulo: Summus.
- Jung, C. G. (1978). *Psicologia e Religião*. Petrópolis, R.J.: Vozes.
- Kepner, J. I. (1993). *Body Process: working with the body in psychotherapy*. San Francisco: Jossey Bass Publishers.
- Kepner, J. I. (2003). *Healing Tasks: Psychotherapy with adult survivors of childhood abuse*. Cambridge, MA: Gestalt Press.
- Lazar, S. W. (2005). Mindfulness Research. In C. K. Germer, R. D. Siegel & P. R. Fulton (Eds), *Mindfulness and Psychotherapy*. New York, NY: The Guilford Press.
- Leeuw, G. V. der. (1933/2009). A religião em sua essência e suas manifestações: Fenomenologia da religião, Epílogo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 179-183. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000200014&lng=pt&tlng=pt..](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200014&lng=pt&tlng=pt..)
- Lomax, J. W., Kripal, J. J. & Pargament, K. I. (2011). Perspectives on “Sacred Moments” in Psychotherapy. *American Journal of Psychiatry*, 168(1), 12-18. <http://dx.doi.org/10.1176/appi.ajp.2010.10050739>.
- Mano, R. P. & Costa, I. I. (2017). *Vivências espirituais e crises do tipo psicóticas: fenomenologia, espiritualidade e crise psíquica*. Curitiba: Juruá.

- Marques, L. F. & Rigo, R. M. (2016). A produção científica atual (2008-2014) em psicologia da religião e da espiritualidade no Brasil. In: Freitas, M. H., Zanetti, N. B., & Pereira, S. H. N. (orgs.). *Psicologia, Religião e Espiritualidade*. Curitiba: Juruá Editora.
- Martins, J., & Bicudo, M. A. V. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo, SP: Moraes/Educ.
- Maslow, A. H. (1976). *The farther reaches of human nature*. New York: Penguin.
- Miovic, M., McCarthy, M., Badaracco, M. A., Greenberg, W., Fitzmaurice, G. M., & Petee, J. R. (2006). Domains of discussion in psychotherapy: what do patients really want? *American Journal of Psychotherapy*, 60(1), 71-86.
- Moraes, C. C. de (1995). *O Êxtase: uma abordagem do ponto de vista da Psicologia Clínica e das Religiões*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, D.F.
- Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M., & Laranjeira, R. (2010). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(1), pp.12-15. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832010000100003>
- Naranjo, C. (1978). Gestalt therapy as a transpersonal approach. *Gestalt Journal*, 1(2), 75-81.
- Recuperado de [http://www.claudionaranjo.net/pdf\\_files/gestalt/gestalt\\_as\\_a\\_transpersonal\\_approach\\_english.pdf](http://www.claudionaranjo.net/pdf_files/gestalt/gestalt_as_a_transpersonal_approach_english.pdf).
- Naranjo, C. (1990). *How to Be: Meditation in spirit and practice*. Los Angeles, CA: St. Martin's Press.
- Neubern, M. S. (2010). Psicoterapia e Religião: Construção de Sentido e Experiência do Sagrado. *Interação em Psicologia*, 14(2), pp. 263-273.

- Neubern, M. S. (2013). *Psicoterapia e Espiritualidade*. Belo Horizonte: Diamante.
- Otto, R. (2014). *O Sagrado* (3a. Ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Panzini, R. G, Rocha, N. S da, Bandeira, D. R, & Fleck, M. P. de A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de psiquiatria clínica*, 34(1), 105-115. Recuperado de <http://www.scielo.br>
- Pargament, K. I., Desai, K. M., & McConnell, K. M. (2006). Spirituality: A pathway to posttraumatic growth or decline? In R. Tedeschi & L. Calhoun (Eds.), *Handbook of posttraumatic growth: Research and practice* (pp. 121–137). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Pargament, K. I., Lomax, J. W., McGee, J. S. & Fang, Q. (2014). Sacred Moments in Psychotherapy from the Perspectives of Mental Health Providers and Clients: Prevalence, Predictors, and Consequences. *Spirituality in Clinical Practice, American Psychological Association*, 1(4), 248-262. <http://dx.doi.org/10.1037/scp0000043>.
- Peres, J. F. P.; Simão, M. J. P., & Nasello, A. G. (2007). Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), 136-145. Recuperado de <http://www.scielo.br>
- Perls, F. S. (1973). *The Gestalt Approach & Eye Witness to Therapy*. Toronto: Science and Behavior Books.
- Perls, F. S. (1977). *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo, S.P.: Summus. São Paulo, S.P.: Summus.
- Perls, F. S. (2002). *Ego, fome e agressão*. São Paulo, S.P.: Summus.

- Perls, F. S., Hefferline, R. F., & Goodman, P. (1992). *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*. London: Souvenir Press Ltd.
- Piasson, D. (2017). *O senso religioso na formação em psicologia no Brasil: uma análise dos currículos universitários*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Brasília, Brasília, D.F.
- Pinto, Ê. B. (2009). Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. *Revista de Estudos da Religião*. Recuperado de [www.pucsp.br/rever](http://www.pucsp.br/rever)
- Polster, E. & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus.
- Post, B. C. & Wade, N. G. (2009) Religion and Spirituality in Psychotherapy: A Practice-Friendly Review of Research. *Journal of Clinical Psychology*, 65(2), 131-146. doi: 10.1002/jclp.20563
- Rehfeld, A. (2009). O que diferencia uma Abordagem Fenomenológico-existencial das demais? In E. B. Pinto (org.), *Gestalt-terapia: encontros*. São Paulo: Instituto de Gestalt de São Paulo.
- Ribeiro, J. P. (2009). *Holismo, Ecologia e Espiritualidade*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2019). Manuscrito em preparação.
- Saxena, S. (2006). A cross-cultural study of spirituality, religion, and personal beliefs as components of quality of life. *Social Science and Medicine* 62(6):1486-1497. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2005.08.001>
- Schoen, S. (1994). *Presence of Mind: Literary and philosophical roots of a wise psychotherapy*. Highland, NY: The Gestalt Journal Press.
- Shapiro, S. L., Carlson, L. E., Astin, J. A., & Freedman, B. (2006). Mechanisms of Mindfulness. *Journal of Clinical Psychology*, 62(3), 373-386. doi:10.1002/jclp.20237

- Stein, E. (2019). *Ser Finito e Ser Eterno*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Tabone, M. (1993). *A Psicologia Transpessoal*. (9a. Ed.) São Paulo: Editora Cultrix.
- Tassinari, M. A. & Durange, W. T. (2014). Experiência Empática: da Neurociência à Espiritualidade. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies* XX(1), 53-11. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-6867201400010000](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-6867201400010000).
- Vandenberghe, L. & Assunção, A. B. (2009). Concepções de *mindfulness* em Langer e Kabat-Zinn: um encontro da ciência Ocidental com a espiritualidade Oriental. *Contextos Clínicos*, 2(2), 124-135. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822009000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200007&lng=pt&tlng=pt).
- Vandenberghe, L., Costa Prado, P. & De Camargo, E. A. (2012). Spirituality and Religion in Psychotherapy: Views of Brazilian Psychotherapists. *International Perspectives in Psychology: Research, Practice, Consultation*, 1(2), 79-93. doi: 10.1037/a0028656.
- Vanderpot, L. (2014). Case Study Explorations of the Interrelationship Between Spirituality and Psychiatric Medication Use. *Spirituality in Clinical Practice*, 1(4), 300–306. doi:10.1037/scp0000044
- Williams, L. (2006). Spirituality and Gestalt: A Gestalt-Transpersonal Perspective. *Gestalt Review*, 10(1), 6-21. Recuperado de <http://www.gisc.org/gestaltreview/documents/spiritualityandgestalt-agementalt-transpersonalperspective.pdf>
- WIN/ Gallup International (2015). *Voice of the people*. Zurich, Switzerland. Recuperado de [www.gallup-international.com/survey-results/](http://www.gallup-international.com/survey-results/)

Yontef, G. M. (1993). *Awareness, Dialogue & Process*. Highland, NY: The Gestalt Journal Press.

Zaneti, N. B. (2017). *Sexualidade e espiritualidade femininas: um estudo com mulheres praticantes de tai chi chuan* (Tese de doutorado). Universidade Católica de Brasília, Brasília, D.F.

Ziles, U. (2002). A fenomenologia como método radical. In E. Husserl, *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia* (2a Ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.

## Apêndice A

### **ROTEIRO, COM TEMAS EIXOS E POSSÍVEIS QUESTÕES DISPARADORAS, PARA ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS COM GESTALT-TERAPEUTAS**

#### **1. Dados demográficos: nome, gênero, idade.**

#### **2. Concepção e vivência com a psicoterapia.**

2.1 Há quanto tempo é psicoterapeuta?

2.2 Como e em qual instituto se formou?

2.3 O que é psicoterapia para você e para que serve?

2.4 Qual a medida do sucesso em psicoterapia?

#### **3. Concepção e vivência da espiritualidade.**

3.1 O que é espiritualidade para você?

3.2 Você tem alguma prática espiritual? Como você vivencia a espiritualidade? Como sua prática espiritual interfere (ou não) em seu trabalho como psicoterapeuta?

#### **4. Vivência e concepção das relações entre espiritualidade e psicoterapia.**

4.1 Na sua experiência, você estabeleceu (ou não) uma relação entre espiritualidade e psicoterapia? Descreva com pelo menos um exemplo.

4.2 De que modo e com que frequência o tema da espiritualidade se fez presente no contexto de seus atendimentos? Como você lida com isso? Descreva um ou mais casos clínicos que evocaram o tema da espiritualidade, como trabalhou com o cliente. O que você fez? Que instrumentos usou?

4.3 Descreva na sua vivência o que considerou como boas e más práticas no modo de lidar com a espiritualidade do cliente. O que funcionou? O que não funcionou? Como essa dimensão promoveu (ou não) o sucesso da psicoterapia?



**5. Formação do psicoterapeuta.**

5.1 O tema da espiritualidade foi contemplado ao longo da sua formação? Como?

5.2 Sim? Onde? Como lhe ajudou?

5.3 Não? Como desenvolveu recursos?

**6. Você gostaria de complementar alguma coisa sobre o tema que discutimos na entrevista?** (Tema: como a dimensão da espiritualidade pode promover ou não o sucesso da psicoterapia.)

## Apêndice B

### UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE PSICOLOGIA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “Psicoterapia e Espiritualidade: temas, relações e processos”, sob a responsabilidade do pesquisador Aline Ferreira Campos, a qual pretende descrever como o processo psicoterápico pode (ou não) se beneficiar com a inclusão de temas da espiritualidade, na percepção de psicoterapeutas que trabalham com a abordagem da Gestalt-terapia. Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista semi-estruturada e gravada no seu local de trabalho. Os riscos físicos e emocionais decorrentes de sua participação na pesquisa são baixos; pediremos que descreva sua experiência clínica com o tema e os recursos que tem usado para trabalhar a espiritualidade do cliente. As perguntas não apresentam possibilidades de constrangimento ao participante, mas caso algum desconforto seja suscitado por elas, ofereceremos apoio e imediato encerramento da entrevista. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o conhecimento acerca da prática psicoterápica com o tema da espiritualidade e para a formação de novos terapeutas, além de promover o desenvolvimento da abordagem Gestáltica. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço QRSW 02, Bloco A-11, apto. 101, Setor Sudoeste, Brasília -DF, pelo telefone (61) 3547-5535, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, localizado no Campus Universitário Darcy Ribeiro, Instituto Central de Ciências (ICC), Centro, Mezanino, Departamento de Serviço Social, Sala B1 683.

#### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável